

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

---

**SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS**

**Uma Educação Para Além do Bem e do Mal:  
o limiar da experiência educativa de *um móbile solto  
no furacão***



Rio Claro  
2010

---

## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

---

**SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS**

**Uma Educação Para Além do Bem e do Mal: o limiar da  
experiência educativa de *um móbile solto no furacão***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Rio Claro – SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: PROF. DR. CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

Rio Claro  
2010

370.1 Santos, Sérgio de Oliveira  
S237e Uma educação para além do bem e do mal: o limiar da  
experiência educativa de um móbile solto no furacão. / Sérgio  
de Oliveira Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2010  
113 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Educação - Filosofia. 2. Processos de subjetivação  
contemporâneos a partir da Educação (formal). 3. Vida. 4.  
Contemporaneidade. 5. Biopolítica. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**


**TÍTULO:** Uma Educação para além do bem e do mal: o limiar da experiência educativa de um móbile solto no furacão

**AUTOR:** SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO , pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE  
Departamento de Educacao / Instituto de Biotecnologias de Rio Claro

  
Prof. Dr. MÁRCIO DANELON  
Universidade Federal de Uberlândia

  
Prof. Dr. ROMUALDO DIAS  
Departamento de Educacao / Instituto de Biotecnologias de Rio Claro

Data da realização: 20 de agosto de 2010.

*D*

EDICATÓRIA

*Àqueles que cuidaram de mim enquanto  
eu cuidava de mim me reescrevendo **Nisso** aqui!*

# A

GRADECIMENTOS

*A TODOS E A NINGUÉM...*

# A

## GRADEÇO

- Aos **erros que cometi**, aos **sabores e dissabores** que provei, às **bocas que beijei** e aos **imensos tropeços e empecilhos** que encontrei durante este percurso acadêmico que ocorre no frenético des-compasso da eterna caminhada errante...

- Ao **vêio chorão, cantadô e amigo** que me-te-ve (papai = Sérgio) e muito contribuiu para esse e outros tantos passos que dei...

- À **véinha determinada, chorona e amiga** que também me-te-ve (mamãe = Vera) e muito me amparou e intercedeu por mim em cada quilometro navegado dessa travessia...

- Ao **fio dum burro** (meu irmãozinho = Marcelo, Guga, Joseph Nani etc.) sem o qual esse percurso não teria sido realizado e, muito menos, teria sido tão gostoso como foi...

- Ao **Kdelo** (Luciano Romeiro) ilustre companheiro de tantas discussões, canções, lágrimas e alegrias pela faculdade, pelos cantos, garagens, bares e bailes da vida...

- À ... (Lilia de Pieri) que desde o início desta dança esteve presente - à sua e à minha maneira – sem dizer adeus... nos des-en-cantando e ... e ... e ...

- Aos **amigos do Mestrado em Direito na Unimep**. Em especial ao meu orientador prof. Dr. **Everaldo T. Q. Gonzalez** pela paciência e confiança dispensadas durante esta minha empreitada pela Unesp; à **Sueli Quilles** querida secretária da pós-graduação que sempre me socorre; e ao aditivado companheiro de tantas e tantas andanças e projetos **Armando Zanin...**

- Aos **amigos e amigas da Unesp** que aqui são lembrados na figura da afável e doida **Carolzinha**; da querida companheira de ralação e angústias **Fê Fazilari**; da sempre pronta, atenta e solícita (principalmente nas questões burocráticas) **Roberta Bianchini...**

- Aos **colaboradores e funcionários da Unesp** que nas mais diversas esferas de suas atividades contribuíram, sempre muito gentis e prestativos, em meu caminhar...

- Aos inúmeros professores e pensadores que me acolheram e acolheram meus questionamentos pelas universidades, congressos, encontros etc. ...

- À **CAPES** pelo financiamento do presente trabalho...

- À cambada de amigos da **Banda Opus** que desconstroem o Sérgio psicólogo...

- À galerinha boa da **Clínica Psiché** que re-constrói o Sérgio psicólogo e acadêmico e criança e ...

- Aos professores e amigos **Márcio Danelon, Romualdo Dias e Edivaldo Bortoleto** que compuseram a banca examinadora, leram e se empenharam no refinamento dos questionamentos e ensaios presentes em mim e nessa dissertação...

- Ao **Paulinho Moska** por ter ouvido e sido canção...

- E se a vida não tem um objetivo definido, se não nos delega um sentido, uma direção a seguir, é um lance interessante e potente contar com uma bússula que não nos indica um norte, mas que nos é des-via e amparo em nosso Desejo. Valeu Capitão **César Leite!!!** e/ou Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite!!!



# *E* PÍGRAFE

*Eu tô como o Diabo gosta...*

*E seja o que Deus quiser!*

# R

## ESUMO

### **UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL – o limiar da experiência educativa de um móbil solto no furacão.**

A vida que nos constitui e nos atravessa pede representatividade. Em sentido amplo, somos vida – *uma* pluralidade de forças atuando. Uma idéia ou um valor é um tipo de força ambivalente que, naquilo que o ser humano experimenta como *subjetividade privada*, pode limitar ou ampliar as infinitas possibilidades de manifestação de sua vida singular. É por meio dessa força, que compõe poderes e saberes, que criamos, na medida do (im)possível, os processos de subjetivação que nos constituem, constituem o outro e se desdobram em *outrem*. O pensar traz a possibilidade da *experiência sensível* da realidade, pois é força ativa que re-configura o aparente diferente e possibilita a elaboração e o *esquecimento* – do *sentimento de culpa e má consciência* – na superação dos ideais sensíveis e valorativos trazidos pela moral. Esse exercício não tem um campo ou lugar definido para acontecer: ocorre tanto na trama discursiva que constitui o campo social como na dinâmica entre as forças psíquicas do sujeito pensante.

A “verdade” é uma manifestação do poder. Em sociedade há vários expoentes de poder que formam centros de “verdade” que se digladiam para estabelecer a sua “verdade” como *A* “verdade”. Por esse motivo, *cultura* é um campo de forças em constante batalha. Cultura e Educação mesclam-se de tal forma que uma não existe sem a outra. A experiência educativa é a articulação de poderes e saberes para *uma* constituição dessa forma de vida que se nominou humano. Nesse sentido, pensar não é elucidar ou minimizar formas de composições de saberes, mas estabelecer novas relações entre eles e deixar que a vida se atualize, atualizando-se, também, neste exercício. Ocorre que, há muito, o limiar da experiência educativa tem sido manipulado em favor de interesses escusos que em nada favorecem a vida como conservação e superação de si. Pensar esse limiar como um espaço potente de manifestação e atualização da vida é o objetivo do presente trabalho. Tal intento, junto de uma trama que conjura psicologia, filosofia, música, poesia, literatura e política, figura-se sobre o desafio de *uma educação para além do bem e do mal* diante do furacão de forças que compõem a contemporaneidade da cultura ocidental.

**Palavras-chave:** Vida; Contemporaneidade; Biopolítica; Educação; Processos de Subjetivação.

# A

## BSTRACT

### **AN EDUCATION BEYOND THE GOOD AND EVIL - an educational experience's threshold of a dropped mobile in the hurricane**

The life that constitutes and goes through us asks representation. Broadly speaking, we are life - *one* plurality of acting forces. An idea, or a value, is a kind of ambivalent force that - when experienced by humans like a private subjectivity - can limit or expand infinite expressions of their particular life. Through this force - which comprises power and knowledge - we create, considering the (im)possible, the subjective processes that constitute us and constitute the other too, unfolding into the others. Thinking makes the reality sensitive experience possible, 'cause it's the active force which re-configures the apparent different, and enables the understanding and the forgetting processes - the *guilt felling* and the *bad conscious* - overcoming ideals and values brought by the sensitive moral. This exercise doesn't have a definite way to happen: it can be seen in social speech texture and still by the dynamic psychic strengths of the thinking man either.

"Truth" is a power manifestation. Societies have many power exponents that make up "Truth centers" which try for establish their "Truth" as "The only Truth." Therefore, *culture* figures in a force field of continue battle. Education and culture intertwine in such single existence. The educational experience is a controversy between power and knowledge going to *one* constitution of living, called human. In this way, thinking is not like elucidating or reducing forms of knowledge, but new relationships between them, and how human can let life update itself, doing it still by this exercise. Since long time ago, the education experience's threshold has been manipulated by hidden interests, which don't promote life as "self-conservation" or "self-overcoming". Thinking this threshold as a powerful environment for life's developing and updating is the goal of this work. Such intent, along with a plot that casts psychology, philosophy, music, poetry, literature and politics, appears in challenge of an education beyond good and bad, in front of the contemporaneity western culture, and it's hurricane social forces.

**KEY-WORDS:** life, contemporaneity, biopolitics, education, subjective processes

# S

## UMÁRIO

	Página
1 <b>INTRODUÇÕES &amp; IN-CONCLUSÃO</b> .....	10
2 <b>CAPITULO I - <i>Vontade de Potência, Poder Pastoral &amp; Vontade de Verdade</i></b> .....	28
3 <b>CAPITULO II – <i>Perspectivas Avaliativas</i></b> .....	48
4 <b>CAPITULO III – <i>Sentimento de Culpa &amp; Má Consciência: entre filogênese e Ontogênese</i></b> .....	53
5 <b>CAPITULO IV – <i>Sentimento Trágico, Mentira &amp; Transmutações do Espírito</i></b> .....	73
6 <b>CAPITULO V – <i>Uma educação para além do Bem e do Mal</i></b> .....	86
7 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS &amp; FONOGRAFICAS</b> .....	106

# *I* NTRODUÇÃO



*Vamos começar colocando um ponto final.*

*Pelos menos já é um sinal de que tudo na vida tem fim*



# *I* N-CONCLUSÃO



*Talvez existam inimigos de minhas opiniões. Mas eu mesmo, se espero um momento, posso também ser inimigo de minhas opiniões.*





*U* MA NOVA INTRODUÇÃO...

*Esto que estás oyendo ya no soy yo, es el eco, del eco, del eco de un sentimiento. Su luz fugaz alumbrando desde otro tiempo, una hoja lejana que lleva y que trae el viento*<sup>1</sup>. Das ruínas da História surge um fantasma que me assombra: seu nome é Maximilien François Marie Isidore de Robespierre – o *incorruptível* da Revolução Francesa que se corrompeu. Mas esse não é o único. Existe em mim uma multidão de almas que compõe cotidianamente a des-harmonia de meus atos e sentimentos. Neste movimento arquetetônico e implosivo algumas canções me fazem companhia.

*Todo aquele que cria destrói*, expressou Nietzsche em seu *Zaratustra*. Mantendo o viés crítico de sua obra, no qual aponta a enorme utilização do fascismo para se atingir o humanismo, Foucault, no prefácio da edição americana da obra *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, exorta: *não se apaixone pelo poder*<sup>2</sup>. Contudo, *eu nem atino, mas, todos os dias, calmamente, assassino meu vizinho de cima. E, pela cidade, sem qualquer maldade, mato, tranqüilamente, que se me ponha na frente, através dos suores, humores e gestos e olhares. Atitudes que a barra da vida põe em nossas mentes*<sup>3</sup>.

Sabe, *é sempre mais fácil achar que a culpa é do outro, evita o aperto de mão de um possível aliado. Convence as paredes do quarto, e dorme tranqüilo sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo*<sup>4</sup>... *É, e você ainda acredita que é um doutor, padre ou policial que está contribuindo com sua parte para o nosso belo quadro social*<sup>5</sup>... *Mais um pacifista se iguala à polícia e ao ladrão, um pai de família, pacato cidadão, que não nota que o filho só ouve e repete, simplesmente, a palavra não*<sup>6</sup>. Destarte, *toda forma de conduta se transforma numa luta armada*<sup>7</sup>, pois o fascismo é fascinante e deixa a gente ignorante e fascinada<sup>8</sup>... *De repente deixei de ser gente! Sou mais um bicho na rua pra vencer qualquer batalha*<sup>9</sup>.

---

<sup>1</sup> DREXLER, J. Eco. Álbum: *Eco*. Warner, 2005.

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. O Anti-Édipo – uma introdução à uma vida não-fascista. Em: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1972.

<sup>3</sup> GONZAGA JÚNIOR, L. Pacato Cidadão. Álbum: Gonzaguinha. Série: *Bis*. CD 1. EMI, 1995.

<sup>4</sup> SEIXAS, R. Por quem os sinos dobram. Álbum: *Por quem os sinos dobram*, 1979.

<sup>5</sup> SEIXAS, R. Ouro de tolo. Álbum: *Krig-Ha, Bandolo*, 1973.

<sup>6</sup> GONZAGA JÚNIOR, L. 1995.

<sup>7</sup> GESSINGER, H. Toda forma de poder. Em: Engenheiros do Hawaii. Álbum: *10.000 Destinos*, 2000.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> GONZAGA JÚNIOR, L. 1995.

*Da cama p'ro banho, do banho p'rá sala. O sono persiste, o sol já não tarda. A vida insiste em servir um velho ritual que sempre serve a tantos outros: o mesmo pão comido aos poucos. Se senta e abre o jornal, tudo parece normal: um dia a menos, um crime a mais, no fundo, no fundo tanto faz. Já é hora de vestir o velho paletó surrado e caminhar sobre o caminho pisado que conduz rumo à batalha que inicia a cada dia: conseguir um lugar p'rá sentar e sonhar na lotação. E é tudo igual, igual, igual... No fim dos dias úteis há os dias inúteis que não bastam p'rá lembrar ou p'rá esquecer de quem se é...<sup>10</sup>*

(Es)tão vendendo ingresso pra ver nego morrer no osso. Vou fechar as janelas pra ver se não ouço as mazelas dos outros<sup>11</sup>. Desligo a tv pra que as crianças não achem normal todo dia matar, morrer, mas sobre o futuro, o que eu vou dizer? (...) Fecho os vidros, fecho a casa, mas a alma não tem trinco, tá escancarada... Fecho a minha roupa, fecho a minha cara, mas a alma não tem trinco, nem defesa, nem nada<sup>12</sup>. E ainda, no corpo, p'rá ver os olhos vão de bicicleta até enxergar; P'rá ouvir as orelhas dão os talheres de escutar; P'rá dizer os lábios são duas almofadas de falar; P'rá sentir as narinas não viram chaminés sem respirar; P'rá ir as pernas estão no automóvel sem andar<sup>13</sup>.

Grito: aonde estamos??? Sinto que tudo gira...

*Todo mundo quer ser bacana: álbuns, fotos, dicas pro fim de semana. Filmes, sebos, modas, cabelos, cabeça-feita, receitas perfeitas, descobertas geniais. Todo mundo acha que é novo tribos, gírias, grifes, adornos, ritmos exóticos, viagens experimentais.*

*Pré-pós-tudo-bossa-band – Mente que sempre muito bem!  
Pré-pós-tudo-bossa-band – Gosto que me enrosco em quem?  
Pré-pós-tudo-bossa-band - Não sei, mas tô dizendo amém*

*Todo mundo quer ser da hora: tem nego sambando com o ego de fora! Caras, bocas, marcas estilos, o “ó” do bobó, o rei da cocada, a pedra fundamental. Todo mundo quer ser de novo o novo o ovo de pé, o estouro, ícones atlânticos, o dono da voz crucial.*

*Pré-pós-tudo-bossa-band – Não vi, mas sinto que já vem.  
Pré-pós-tudo-bossa-band – Moderno, eu não te enxergo bem.  
Pré-pós-tudo-bossa-band – Tá cego, mas tá guiando alguém, mas tá guiando alguém? Eu hein!<sup>14</sup>*

<sup>10</sup> VIANNA, H. O caminho pisado. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *9 luas*. EMI, 1996.

<sup>11</sup> DINIZ, J. Coração aos saltos. Álbum: *Juliana Diniz*. Universal Music, 2005.

<sup>12</sup> DUNCAN, Z. e LUIZ, P. Braços cruzados. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-pós-tudo-bossa-band*. 2007.

<sup>13</sup> FROMMER, M.; REIS, N.; VIANNA, H. O carço da cabeça. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *9 luas*. EMI, 1996.

<sup>14</sup> DUNCAN, Z. e LENINE. Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. 2007.

*A alegria do pecado, às vezes, toma conta de mim... e é tão bom não ser divina! Me cobrir de humanidade me fascina e me aproxima do céu<sup>15</sup>... E eis que surgem as Lanternas dos afogados...*

#### De Herbert Vianna...

*Quando está escuro e ninguém te ouve, quando chega a noite e você pode chorar<sup>16</sup>, há uma luz no túnel dos desesperados, há um cais de porto p'ra quem precisa chegar... Eu estou na lanterna dos afogados, eu estou te esperando, vê se não vai demorar...*

*É uma noite longa p'ra uma vida curta, mas já não me importa, basta poder te ajudar. E são tantas marcas que já fazem parte do que eu sou agora, mas ainda sei me virar... Eu estou na lanterna dos afogados, eu estou te esperando, vê se não vai demorar...<sup>17</sup>*

#### De Jorge Amado...

*Quando Seu Antônio comprou a Lanterna dos Afogados à viúva de um marinheiro que a montara há muitos anos, ela já tinha esse nome, e em cima da porta ostentava aquela tabuleta mal pintada, na qual uma sereia salva um afogado. O marinheiro que montara o botequim desembarcara um dia de um cargueiro e ancorara ali, naquela velha sala negra do sobrado colonial. Amara uma mulata escura que fazia arroz-doce para os fregueses e fornecia bôia aos trabalhadores do cais do porto. Por que chamara ao botequim de Lanterna dos Afogados ninguém sabia. Sabiam porém que ele naufragara três vezes e que correria o mundo todo. Antes de morrer casou com a amásia para que ela pudesse herdar o já afreguesado café. Ela o vendeu a Seu Antônio, que de há muito estava de olho nele, devido ao ponto que era ótimo. Antônio não gostava do nome do botequim. Não via razão para aquele título esquisito. E dias após a realização do negócio, a tabuleta apareceu mudada. A nova trazia o desenho malfeito de uma caravela da época das descobertas portuguesas e por baixo um nome: “Café Vasco da Gama”. Porém aconteceu que os fregueses olhavam espantados o novo nome do botequim e não entravam. Com aquela tabuleta nova e a limpeza que havia sido feita dentro da sala, eles não reconheciam o seu sujo porto de descanso, onde bebiam cachaça e conversavam nas noites do cais. Seu Antônio era supersticioso. E no dia seguinte foi buscar nos fundos da casa a velha tabuleta que voltou ao seu lugar. Guardou a*

<sup>15</sup> DUNCAN, Z. e MOSKA, P. Carne e osso. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. 2007.

<sup>16</sup> Dentre as várias facetas dos processos de subjetivação encontrados no cotidiano contemporâneo em relação ao ato de chorar pode-se encontrar sonoridades como: *Engole o choro! Homem não chora!*; No questionamento da canção *Cry for help* (Rick Astley e Rob Fisher): *Why must we hide emotions? Why must we never break down and cry?* E com Gonzaguinha em *Um homem também chora (guerreiro menino): Um homem também chora, menina morena. Também deseja colo, palavras amenas... Precisa de carinho, precisa de ternura, precisa de um abraço da própria candura...*

<sup>17</sup> VIANNA, H. Lanterna dos Afogados. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *Vamo Batê Lata*, 1995.

*que tinha uma caravela portuguesa para quando possuísse um café no centro da cidade. Com a tabuleta de Lanterna dos Afogados, voltou também a mulata escura que fora amante do marinheiro e que continuou a fazer arroz-doce para os fregueses e bóia para os estivadores e a dormir na mesma cama que antigamente. Só que agora dormia com um português conversador, em vez de um marinheiro silencioso<sup>18</sup>.*

### De Lenine...

*A lógica do vento; O caos do pensamento; A paz na solidão; A órbita do tempo; A pausa do retrato; A voz da intuição; A curva do universo; A fórmula do acaso; O alcance da promessa; O salto do desejo; O agora e o infinito; Só o que me interessa.<sup>19</sup>*

### ...a “minha”...

A clara escuridão, a solidão, o estar oculto aos olhos, olhares e ouvidos alheios ao que se é. O momento em que é permitido soltar as lágrimas, as emoções, os sentimentos contidos na luz que brilha e escurece o dia. O momento do permitir-se... momento potente de abertura aos sussuros dos ventos dos sete mares que até mesmo em forma de luz pode chegar... *Sou um móbile solto no furacão, qualquer calmaria me dá solidão<sup>20</sup> ... ..e eu quero ficar perto de tudo que acho certo até o dia que eu mudar de opinião. A minha experiência, meu pacto com a ciência, meu conhecimento é minha distração<sup>21</sup>... ..e são tantas marcas que já fazem parte do que eu sou agora... ..e será que ainda sei me virar?*

---

<sup>18</sup> AMADO, J. *Jubiabá*. 53ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 1995. (*grifos nossos*).

<sup>19</sup> LENINE e FALCÃO, D. É o que me interessa. Em: Lenine. Álbum: *Labiata*. Casa 9, 2008.

<sup>20</sup> MOSKA, P. Um móbile solto no furacão. Álbum: *MóBILE*. EMI-Odeon, 1999.

<sup>21</sup> FALCÃO, D. Coisas que eu sei. Em: (DVD) VERCILLO, J. *Trem da minha vida*. EMI, 2009.

# U MA NOVA NOVA INTRODUÇÃO...

*Porque se chamava moço também se chamava estrada, viagem de ventania. Nem lembra se olhou pra trás ao primeiro passo, aço, aço...*

*Porque se chamava homem também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem. Em meio a tantos gases lacrimogênicos ficam calmos, calmos, calmos... E lá se vai mais um dia.*

*E basta contar compasso e basta contar consigo que a chama não tem pavio. De tudo se faz canção e o coração na curva de um rio, rio... E lá se vai mais um dia.*

*E o Rio de asfalto e gente entorna pelas ladeiras, entope o meio fio. Esquina mais de um milhão quero ver então a gente, gente, gente... E lá se vai mais um dia<sup>22</sup>.*

*A pé até encontrar um caminho, o lugar no que eu sou<sup>23</sup>.* Como se configura ou se constitui uma dissertação de mestrado? Ainda não tenho a menor idéia... A única coisa que sei, é que na ocasião do exame de qualificação, a exemplo do que já me dizia meu desorientador, disseram que esta aqui possui um caráter ensaístico. E como quem disse são pessoas que estimo e, geralmente, aparentam saber o que estão falando, eu acreditei... Mas continuei sem saber do que se tratava e acabei me deparando e me chocando com elementos culturais como músicas, filmes, poemas, obras literárias que vagueavam comigo no furacão da vida.

Se não bastasse, houve outra contribuição no exame de qualificação que apontou que a presente dissertação não fala propriamente de educação, mas do processo de se tornar educador. Inquieto por essas e outras considerações me coloquei a pensar e eis que pelo caminho deparei-me com Foucault. Entre tantos *papos* lhe falei de minhas angústias e alegrias nessa caminhada. E logo pelas tantas lhe perguntei: Oh careca! O que te fez estudar tanto, hein? E ele me respondeu:

---

<sup>22</sup> NASCIMENTO, M.; BORGES, L. e BORGES, M. Clube da esquina 2. Em: VENTURINI, F. Álbum: *Noites com sol*. Velas, 1994.

<sup>23</sup> REIS, N. Os Cegos do castelo. Em: Titãs. Álbum: *Acústico MTV*. WEA Music, 1997.

*Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O ‘ensaio’ – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma ‘ascese’, um exercício de si, no pensamento<sup>24</sup>.*

Enquanto Foucault falava pensei... O que ele chama de ensaio é a disposição que o sujeito tem para colocar-se no movimento des-consertante do pensamento. Pensar não é elucidar ou minimizar formas de composições de saberes, mas estabelecer novas relações entre eles e deixar-se atualizar neste exercício. A experiência do pensar, mobilizando os jogos de “verdades” e a(s) des-sensibilidade(s), possibilita que o *espírito camelo* saia da *praça das moscas* e siga para sua transfiguração no *deserto* com o intento de suportar e elaborar o *mais pesado dos pesos* – o da tradição moral da sociedade ocidental contemporânea – que ele exigiu (e lhe colocaram) sobre as costas. Por outro lado, o pensamento auxilia o *espírito leão* a deixar a herança ruminante que recebeu de seu ancestral – o camelo – e o modo de agir cético/niilistas que restou do embate com seu último amo – o dragão – e superar sua condição de força *reativa* tirando o pesadume alojado em seu próprio espírito. Somente uma liberdade viva, potente, leve e alegre pode transvalorar e transfigurar uma *realidade imanente*.

O pensar traz a possibilidade da experiência sensível da realidade, pois é força ativa que re-configura o aparente diferente e possibilita o *esquecimento* na superação dos ideais sensíveis e valorativos trazidos pela moral. E é bom ressaltar que esse exercício não tem um campo ou lugar definido para acontecer: ocorre tanto na trama discursiva do campo social

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 11.

como na dinâmica entre as forças psíquicas que compõe a *subjetividade privada* do sujeito pensante.

Eu e Foucault continuávamos a caminhar e enquanto ele falava de sua obra eu falava da dissertação que escrevia. Ele riu quando lhe disse o título e falou que também *se amarra* em Paulinho Moska (e da *boa galerinha* do cenário musical brasileiro), pois além de suas letras parecerem demonstrar sua particular experiência em estar vivo, ou seja, dos sabores e dissabores da vida provados por ele, sua musicalidade, para além dos gostosos acordes que dançam em nossos ouvidos e das peraltas letras que brincam com nosso juízo, é recheada de interferências sonoras constituindo des-harmonias que nos cortam e nos atiram para *longe, para outros lugares, para novos presentes...*<sup>25</sup>

Enquanto Foucault falava do seu intento em *distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo*<sup>26</sup>, fui pensando sobre a dissertação e formulando alguns questionamentos: Essa maneira de lidar com o desejo deixou o homem ocidental mais ou menos potente? Como a questão da culpa poderia estar relacionada com isso? A passagem da filogênese para ontogênese deixou o ser humano mais potente ou não?

Em certo ponto da caminhada e de nossa conversa pedi que me falasse a respeito do elemento que mais lhe chama atenção em seus estudos e ele me falou:

*(...) aquilo a que me atento – a que me ative desde tantos anos – é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos, mas uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso?*<sup>27</sup>

E junto de sua resposta questioneei: que tipo de experiência é essa com a ‘verdade’? É uma experiência ideal ou sensível? Conceitos como *vontade de poder* e *vontade de verdade* estariam implicados nesse tipo de experiência? Como os sujeitos contemporâneos ou, mais

---

<sup>25</sup> MOSKA, P. Um móbile solto no furacão. Álbum: *MóBILE*. EMI, 1999.

<sup>26</sup> FOUCAULT, 1998, p. 11.

<sup>27</sup> Idem, pp. 11-12.



especificamente no cenário educativo, professor e aluno – educador e educando – se configuram através desses processos de subjetivação ou jogos de verdade? Como eles constituem seus próprios problemas? O sujeito contemporâneo, pensado por Nietzsche como o *último homem*, tem força para formular e dinamizar seus próprios problemas?

E não é que *pensando no diabo apareceu o rabo!* Eis que, apressadamente, Nietzsche passa por nós e lhe pergunto de súbito: – Oh bigodudo! Como se constitui uma educação para além do bem e do mal? E ele responde: – *Deve-se educar os educadores! Mas os primeiros devem começar por educar a si próprios. É para eles que escrevo!*<sup>28</sup> Engoli seco e meio desconsertado voltei a lhe perguntar: – Ei! Mas aonde vai com tanta pressa? Ele olhou para trás sorriu e disse: – *Vou xavecar uma loirinha pra ver se rola um ‘menagè a trois!’* Piscou e se foi. Vi que Foucault suspirou, mas fiquei na minha.

Depois que ele se recompôs, questionei: como é que eu faço isso que “o do bigode” indicou sobre educação e des-envolvo minha dissertação? Foi então que me falou sobre seu ‘método’ e apontou que a *dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações*<sup>29</sup>. Então lhe disse apressadamente: – Vou prosseguir da seguinte maneira: na esfera do procedimento arqueológico vou tratar de como a educação e a produção de conhecimento vem sendo pensada ao longo dos tempos e, como análise genealógica, vou pensar como é que tais práticas têm contribuído para a constituição dos processos de subjetivação contemporâneos. Ele pensou um pouco e disse: – *Legal, mas você não terá tempo hábil para realizar seu propósito arqueológico. Sugiro que, na linha do que Nietzsche tem escrito e também junto de algumas coisas que tenho pensado, e também Deleuze e outra galera, você utilize sua experiência junto do campo da Psicologia, que se ocupa em pensar a idéia de subjetividade privada, e verifique como determinados processos de subjetivação têm impossibilitado a existência de uma educação para além do bem e do mal.*

Tem-se um instante de silêncio e Foucault me pergunta: *E como é que você tem pensado essa tal educação?* E digo: Puts! Ah, antes de tudo, é preciso deixar claro que é um tipo de educação pleno de vida. E, se a vida se faz metamórfica e como um valor invalorable, ou seja, sem uma estética absoluta e finita de si mesma – sinônimo de plenitude –, os

---

<sup>28</sup> NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>29</sup> FOUCAULT, 1998, p. 14.

processos de constituição de subjetividades advindos da Educação formal não podem ocorrer com a finalidade de formatar algo informatável, valorar algo invalorável.

Nesse sentido, grosso modo, *uma educação para além do bem e do mal* é uma educação potente. Uma educação viva que engendra processos de conservação e superação de si mesmo. Mas esse “si mesmo” não é algo isolado, e, sim, um indivíduo-coletivo, um ser vivo que participa da vida, ou seja, que é vida com o outro e está nela com o outro, constituindo assim, uma *ética do sensível*. Mas, talvez, o mais importante a destacar, é que tal educação dá-se no experimento de si, na experiência sensível do outro (pessoa ou coisa) livre de pré-conceitos ou juízos de valor *a priori*. É um exercício com as pulsões a fim de construir a liberdade para além do livre-arbítrio... das disciplinas, das GRADES curriculares.

A idéia da dissertação é trazer um pouco do furacão da vida na contemporaneidade junto de capítulos que intentam bons encontros rizomáticos acerca da própria vida e das formas de vivê-la e experienciá-la. Essa dissertação tem *um quê* de trama, de conjuração entre psicologia, filosofia, música, poesia, literatura, política... coisas que me tocam e me fazem sentir – desse ou daquele modo. E nesse “sentir” percebo investidas boas e ruins por parte do *outro*, pois enquanto uns, a partir de *funções, afectos e conceitos*, buscam ampliar meu campo sensível de experiências, outros parecem vir sorrateiramente, como que querendo tatuar minha pele, e dizer: *Sinta isso assim! Sinta aquilo deste modo! Isso é importante, aquilo não!*

Não sei... Talvez esse *meu ensaio* – brincando um pouco com aquilo que você e meus amigos disseram – já esteja capturado nessa rede valorativa que traz consigo credences historicamente sistematizadas e busca fundamentar uma essência ou verdade acerca do ser humano ou, propriamente, da vida. Sei lá! Mas não é assim que sinto, penso e vivo... Vivo! E, como canta Lenine (Foucault ri): *não feito, não perfeito, não completo*<sup>30</sup>. Mas essa figuração traz em si a ambivalência da negação e da afirmação. É só separar: não/feito, não/perfeito, não/completo. E para além de uma identidade incondicional e plena e, da mesma forma, para além de um sentimento de impotência e da consciência de ser um *ser* soberano, existe algo! Algo que desconheço e, como já apontou Nietzsche, se a vida é infinita em suas manifestações ela não pode ser humana, demasiadamente humana. Dessa forma, ela só pode ser *impessoal*.

---

<sup>30</sup> LENINE e RENNÓ, C. Vivo. Em: Lenine. Álbum: *In Cité*. Warner Music, 2005.

Lembra quando Deleuze no texto *A imanência: uma vida...*<sup>31</sup> contou uma história sobre *um canalha, um mau sujeito, desprezado por todos* que estava *detonado*, entre a vida e a morte, e as pessoas que cuidavam dele *manifestavam uma espécie de solicitude, de respeito, de amor, pelo menor sinal de vida do moribundo?* (Foucault acena positivamente com a cabeça) Então, lá existe uma dessubjetivação do sujeito e uma desobjetificação do objeto que, segundo Deleuze:

*Trata-se de uma heciedade, neutra, para além do bem e do mal, uma vez que apenas o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida... (...) Uma vida [que] está em toda parte, em todos em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos*<sup>32</sup>.

Sei lá! Talvez, também possa ser aquilo que Roberto e Caetano cantaram como *Força estranha*:<sup>33</sup>

*Eu vi um menino correndo. Eu vi o tempo brincando ao redor do caminho daquele menino. Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei. O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei.*

*Eu vi a mulher preparando outra pessoa. O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga. A vida é amiga da arte, é a parte que o sol me ensinou. O sol que atravessa essa estrada que nunca passou.*

*Por isso uma força me leva a cantar. Por isso essa força estranha no ar. Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz tamanha!*

*Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista. O tempo não pára, e, no entanto, ele nunca envelhece. Aquele que conhece o jogo do fogo das coisas que são é o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão.*

*Eu vi muitos homens brigando. Ouvi seus gritos. Estive no fundo de cada vontade encoberta. E a coisa mais certa de todas as coisas não vale um caminho sob o sol. É o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol.*

*Por isso a força me leva a cantar. Por isso essa força estranha no ar. Por isso é que eu canto, não posso parar. Por isso essa voz, essa voz tamanha.*

Um instante de pausa na caminhada... Foucault, com a mão esquerda segurando o queixo, dedo indicador no lábio inferior e dedo médio no lábio superior, olhando para o horizonte, pergunta: *Então, seu objetivo nessa dissertação é???*

---

<sup>31</sup> DELEUZE, G. *A imanência: uma vida...* Publicado originalmente em *Philosophie*, nº 47, 1995, pp.3-7. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> VELOSO, C. *Força Estranha*. Em: Roberto Carlos – Especial de final de ano. *Rede Globo*, 2008.

Pensar a educação formal, aquela que ainda ocorre entre os muros das escolas, como um dos principais elementos culturais do processo de subjetivação do ser humano ocidental contemporâneo. Argumentar acerca desse caráter impessoal da vida que atravessa este ser – conferindo-lhe a figura de *um móbile solto no furacão* – e como tal caráter foi historicamente sendo manipulado por produções culturais que favoreceram determinadas estruturas de poder que mitigaram a *força ativa e criativa* do ser humano em sua relação com o outro. Portanto, pensar uma educação para além do bem e do mal é pensar esse *entre*, esse *limiar da experiência educativa*, que dá forma e (im)possibilita processos de subjetivação. Respondo eu e continuo.

Hoje não vivemos uma **crise** de identidade. Isso, até como você já apontou no final de *As palavras e as coisas*, já foi vivido na passagem do século XVII para o XVIII com a reviravolta do *solo do pensamento clássico* no destronamento da *verdade divina* e também na passagem do século XIX para o XX com a derrocada da *verdade antropomórfica*. Sem contar, a perda da *fé nas luzes* diante das guerras mundiais do século XX.

O caminho para nós contemporâneos do século XXI não é estranho. A humanidade já experimentou muito da *morte de Deus* e da *morte do Homem*. A questão agora<sup>34</sup> é a forma utilizada para lidar com isso. E, esse “isso” a que me refiro, não é uma instância psíquica, mas, como já destacaram Nietzsche e Freud, trata-se da *má consciência* e do *sentimento de culpa*. Assim, o que nos importa questionar e pensar nesse momento é: como é que se lida, enquanto pertencente à espécie humana e também como subjetividade privada singular, com a experiência de ser *o maior assassino entre todos os assassinos* e também de *não ser senhor dentro de sua própria casa*?

E, em meio a esses questionamentos, junto daquilo que você denominou de *micro-fascismos*, penso logo naquele cara que é um canalha, um sádico *babaca* que maltrata e humilha seus funcionários, amigos e filhos durante o dia, mas que, quando noite, se senta para assistir tv e chora desmedidamente ao ver as enchentes de norte a sul do Brasil, os

---

<sup>34</sup> Como ser histórico e bom apreciador de churrasco “eu” ainda continuo me reunindo com os outros humanos ao redor do fogo de maneira muito próxima a que já ocorria há milhares de anos no *tempo das cavernas*. Contudo, minhas preocupações e inquietações não vão no sentido de me questionar se aquelas luzes longínquas que brilham no céu são fogueiras que outras tribos ou deuses acenderam, mas me intrigam no sentido de que, comendo carne bovina em *tempos de aquecimento global*, eu estou contribuindo para o *feedback* positivo deste, pois, segundo consta e circula em nossa cultura, o gás que provém do metabolismo deste animais é responsável por 19% do buraco na camada de ozônio.

*coalas e cangurús* mortos no incêndio em uma floresta australiana e corre ao telefone para doar cinco reais para ajudar a causa dos desabrigados ou a mãe natureza.

Por outro lado, para além das relações micro-fascistas e daquilo que nos atravessa enquanto *força transcendental*, penso a experiência que Maria Rita Kell relatou em seu livro *O tempo e o cão*<sup>35</sup> em que ela dirigia por uma estrada movimentada e um cachorro cruza a frente de seu carro. Ela impossibilitada de reduzir a velocidade ou frear bruscamente o carro, para não causar um engavetamento que poderia ceifar a sua vida e dar cabo também de outras, seguiu e atropelou o cachorro. Enfim, não dá para parar agora, bruscamente, o furacão da vida e o processo civilizatório em que vivemos e que nos faz herdeiros de muitas perspectivas de valores e modos de avaliação. A questão que salta aos olhos e roça a pele é: **em função de quê “eu” ou nós avaliamos por essa ou por aquela perspectiva?**

*Mas, só para te provocar, queria dizer que não entendi até agora a relação disso tudo com a Educação.* Diz Foucault e eu sorrio.

Eu sei, não sou bom em focar nas coisas. Sou, de certa forma, um jovem encantado com o mundo e, esquizofrenicamente, ao mesmo tempo, brincando com seus carrinhos, jogando bolinha de gude, ouvindo música, se divertindo com o *video-game*, conversando pelo *msn*, vendo meus *e-mails* e o *orkut*, enviando *mensagens sms* pelo celular, estudando para a prova do dia seguinte e se você aparecer comendo pipoca na sala eu também digo que quero. (Foucault gargalha e balança a cabeça). Mas vou tentar ser um pouquinho mais objetivo e contextualizar isso tudo que já disse com a educação.

Bem, como já apontei, nós estamos nos de-batendo no olho do furacão. Nele não há muita lógica e nem muito sentido nos movimentos e coisas que ali giram. Então, pegue o tema da dissertação – *Uma educação para além do bem e do mal: o limiar da experiência educativa de um móbile solto no furacão* – e leia-o no sentido anti-horário e você poderá perceber os elementos da problemática que elejo e como eles me levam para o campo da Educação:

- o ***furacão*** como metáfora da contemporaneidade;

- o ***móbile*** como metáfora do ser humano contemporâneo – histórico e indeterminado;

---

<sup>35</sup> KELL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

- o *limiar da experiência educativa* como a trama discursiva em que se dá a relação do sujeito consigo “mesmo” e com o outro;

- *bem e mal* como o *sentimento de culpa* e a *má consciência* que levam o ser humano a **re-agir** em função de sua conservação através de uma *vontade de verdade* ao invés da criação para superação de si e atualização da vida a partir da *vontade de poder*;

- o *além* como possibilidade de ruptura com a supremacia do *espírito gregário* ou *décadent* (fruto das avaliações a partir de *bem* e *mal*) junto do *sentimento trágico* que mobiliza o *espírito artista*. Calma! Esses conceitos eu desenvolvo no decorrer do texto;

- a *Educação* formal como um espaço favorável para a transvaloração e transfiguração dos processos de subjetivação contemporâneos; e,

- o artigo indefinido *uma* que indica que tal *educação para além do bem e do mal é ainda algo por se fazer*, mas que já se manifesta na *ontologia crítica* de nós mesmos, neste exercício desmoronante/edificante de si mesmo e do outro para que a vida se manifeste para além da consciência e das formas de concebê-la e pensá-la que construímos, para além das leis através das quais queremos e achamos que ela, impreterivelmente, deva se manifestar. E nessa intenção, esse artigo indefinido também indica que a dissertação não vai trazer nenhum modelo de educação a ser implantado, mas apenas alguns indícios para sua (im)possibilidade enquanto relação com o outro. Podemos até, sutilmente, inferir alguns traços dela, mas sua forma potente só se manifestará no *atual* da experiência educativa.

*Ok! Então vamos lá!* Disse Foucault e a nossa caminhada continuou pelas páginas que se seguem...

## VONTADE DE POTÊNCIA, PODER PASTORAL e VONTADE DE VERDADE

*Vocês que fazem parte dessa massa que passa nos projetos do futuro. É duro tanto ter que caminhar e dar muito mais do que receber... E ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer e ver que toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer...*

*Êeeeeh! Oh! Oh! Vida de gado. Povo marcado, povo feliz...*

*Lá fora faz um tempo confortável. A vigilância cuida do normal, os automóveis ouvem a notícia, os homens a publicam no jornal... E correm através da madrugada – a única velhice que chegou. Demoram-se na beira da estrada e passam a contar o que sobrou...*

*Êeeeeh! Oh! Oh! Vida de gado. Povo marcado, povo feliz...*

*O povo foge da ignorância apesar de viver tão perto dela e sonham com melhores tempos idos...Contemplam essa vida numa cela. Esperam nova possibilidade de verem esse mundo se acabar. A Arca de Noé, o dirigível não voam nem se pode flutuar...*

**Zé Ramalho**

### VONTADE DE POTÊNCIA

Quando Nietzsche começou a delinear o conceito de *vontade de potência*, tratou logo de identificá-lo com a Vida em todas as suas manifestações orgânicas que não se restringem aos órgãos do corpo humano e se estendem a todos os microorganismos dispostos no planeta. Assim, vida, no sentido mais amplo que possa se expressar é *vontade de potência* que intenta firmar-se frente a qualquer outra manifestação de força que se ponha como empecilho em seu intento. Destarte, o princípio homeostático que figura no organismo humano, com o propósito de mantê-lo *sob controle*, em equilíbrio (organizado), é a manifestação dos embates entre *feedback* positivo e negativo, concentrações de sódio e potássio no interior das células, produção de glóbulos brancos, vermelhos e plaquetas etc.

Para Nietzsche a *vida é essencialmente um assenhorear-se violento de tudo quanto é estranho e fraco; significa opressão, rigor, imposição das próprias formas, assimilação, e para usar uma palavra mais ou menos branda, exploração*<sup>36</sup>. E Deleuze contribui dizendo: *não conheço nenhuma potência má. O tufão é uma potência. Alegra-se na alma, mas não por*

---

<sup>36</sup> NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 189-190. §259.

derrubar casas, mas simplesmente por ser<sup>37</sup>. E complementa Moska: *A vida não pede licença e muito menos desculpa. O perdão é que possibilita o nascimento da culpa. (...) E assim, viajando pelo mundo sem fim, o silêncio planta seu jardim*<sup>38</sup>.

A vida como *vontade de potência* tudo conflui, principalmente, princípios tidos como antagônicos – *coisas que nunca se olham de frente colocadas subitamente face a face, iluminadas uma pela outra e concebidas...*<sup>39</sup> São as inter-relações e interconexões destes princípios que criam e (des)organizam o universo da vida. É justo destacar, como expressa Nietzsche no §13 da obra *Gaia Ciência* que, *com o fazer o bem e o fazer o mal exercemos nossa potência sobre os outros – mas não queremos isso*<sup>40</sup>! O que se busca é prevalecer sobre o outro a fim de ampliar sua própria *potência*, não importando, dessa maneira, se a ação aplicada a outra parte resultou em benefício ou malefício a mesma. O que se quer é o desafio – resistência que se faz estímulo. Assim, é somente por meio da afirmação da resistência contrária – como *problema* – que se cria a possibilidade de superação. Por esse modo, antes de tudo, a vontade de potência é uma *força sensível*, pois é preciso ser *afetada* para poder avaliar o que contribui ou não, o que favorece ou não para sua afirmação e aumento.

Para Foucault o poder não é nada mais que uma forma de relação entre as pessoas e entre as pessoas e as coisas. O que põe o poder em evidência é o fato de que através destas relações *alguns homens podem mais ou menos determinar inteiramente a conduta de outros homens*<sup>41</sup>. O poder pode manifestar-se tanto como uma força ativa ou reativa. Uma idéia ou um valor é um tipo de força ambivalente que, naquilo que o ser humano experimenta como *subjetividade privada*, pode limitar ou ampliar as infinitas possibilidades de manifestação de sua vida singular. É por meio dessa força valorativa, que compõe poderes e saberes, que criamos, na medida do (im)possível, os processos de subjetivação que nos constituem, constituem o outro e se desdobram em *outrem*.

---

<sup>37</sup> DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Verbete “J”. Obtido via internet em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em fevereiro de 2010.

<sup>38</sup> MOSKA, P. O jardim do silêncio. Álbum: *Tudo novo de novo*. EMI-Odeon, 2003.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, F. Sobre “O nascimento da tragédia”. Fragmento póstumo – 1888. Em: *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999, pp. 45-46. §1.

<sup>40</sup> NIETZSCHE, F. A gaia ciência. Em: *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999, p. 177. §13.

<sup>41</sup> FOUCAULT, M. ‘Omnes et Singulatim’: uma Crítica da Razão Política. Em: MOTTA, M. B. (Org.). *Coleção Ditos e escritos*. Vol. IV - *Estratégia, poder-saber*. 2ª ed./1ª reimp. 2010, p.384.



Em carta a Overbeck, no natal de 1882, escreveu Nietzsche: *se não invento a alquimia de transformar esta imundice em ouro, estou perdido*. Tal expressão do filósofo/psicólogo traz consigo a fé na possibilidade e responsabilidade pela *escultura de si mesmo*. A vida, como dito por Foucault, pede *representatividade* e nesse movimento nos constitui. Contudo, se por qualquer motivo tentamos reprimí-la ela nos dilacera o corpo e o espírito re-voltando-se contra si mesma. Assim, em sentido amplo, somos vida – uma pluralidade de forças atuando e buscando afirmação.

O ser humano se re-cria. Contudo, tal criação não ocorre de maneira isolada. Nem mesmo como singularidade ou espécie ele é um ser autônomo a ponto de descartar quaisquer relações com o outro e consigo mesmo. Primeiramente ele necessita de um cuidador que o proteja ao nascer, depois necessita, enquanto organismo biológico, de energia para se conservar e logo, como ser social e histórico, é o outro quem lhe dá os referenciais e as (im)possibilidades de constituir sua subjetividade. *E acrescentaria que o eu mesmo, que é a objetivação do indivíduo sujeito, remete ao si mesmo, que é a entidade corporal. No si mesmo estão incluídos o eu e o eu mesmo. Com efeito, há um jogo completo entre esses termos que são, por sua vez, idênticos e diferentes: eu, eu mesmo e si mesmo*<sup>42</sup>.

A objetivação do “eu” denota uma capacidade de auto-referência do ser humano. Porém, como destacado acima, não há como se referir a si mesmo sem levar em consideração o outro. Assim, como destaca Morin<sup>43</sup>, toda auto-referência é também uma *auto-exo-referência*, ou tomando uma metáfora cartesiana, o *ponto de intersecção* entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Contudo, é justo destacar que, a necessidade de conservação do organismo humano o impele a procurar a distinção entre o que faz ou não parte dele. Firma-se a partir daí uma subjetividade que não se limita apenas a termos cognitivos, mas também valorativos, tendo em vista que o organismo, diante de sua finitude, tende a valorizar muito mais o *si* do que o *não-si*. Essa perspectiva valorativa de si mesmo pode muito bem ser constatada através da observação do sistema imunológico do ser humano que traz consigo, ao menos enquanto este goza de plena saúde, um código que distingue o que deve ser assimilado ou rechaçado pelo organismo.

De acordo com Galton *apud* Losurdo:

---

<sup>42</sup> MORIN, E. A noção de sujeito. Em: SCHNITMAN, D. F. (Org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 49.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

*No homem se agita um conjunto de 'elementos inconscientes ou mal conscientes'. Os progressos da ciência impõem uma conclusão radical: 'Se corretamente compreendida, a palavra homem se torna um nome coletivo, pelo fato de que ele é composto de milhões, talvez bilhões de células, cada uma das quais possui em certa medida uma vida independente'<sup>44</sup>.*

*Com a fala se vulgariza o falante disse Nietzsche em Crepúsculo dos ídolos<sup>45</sup>, apontando que nossas vivências mais íntimas não são nada tagarelas. Quando temos palavras para algo, também já o ultrapassamos. Em todo falar há um grão de desprezo<sup>46</sup>. Tal como expresso por Neruda a vida, em seus estojos de jóias, é infinita como a areia... incontável, pura<sup>47</sup>. As materializações humanas, objetivas ou subjetivas, são apenas um recorte da vida. Deleuze no texto A imanência: uma vida... diz:*

*A relação do campo transcendental com a consciência é uma relação tão-somente de direito. A consciência só se torna um fato se um sujeito é produzido ao mesmo tempo que seu objeto, todos fora do campo e aparecendo como 'transcendentes'. Ao contrário, na medida em que a consciência atravessa o campo transcendental a uma velocidade infinita, em toda parte difusa, não há nada que possa revelá-la. Ela não se exprime, na verdade, a não ser ao se refletir sobre um sujeito que a remete a objetos. É por isso que o campo transcendental não pode se definir por sua consciência, ainda que ela lhe seja co-extensiva, mas subtraída a toda revelação. O transcendente não é o transcendental<sup>48</sup>.*

## PODER PASTORAL

Antes do surgimento e prevalectimento do conhecimento científico, os seres humanos curiosos e angustiados, tal como hoje, criaram grandes elementos para pensar, explicar e dar forma à origem do Universo. Sagan ilustra esse movimento com uma idéia imaginativa de um povo nômade logo após a descoberta do fogo:

*Nós somos um povo caçador nômade. O fogo nos mantém aquecidos. Sua luz abre buracos na escuridão. Ele afasta os animais famintos. Na claridade podemos ver*

---

<sup>44</sup> LOSURDO, D. *Nietzsche: o rebelde aristocrata: bibliografia intelectual e balanço crítico*. Tradução de Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan. 2009, pp. 674-5.

<sup>45</sup> NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos – Ou como filosofar com o martelo* (1888). Em: *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999. p. 382. § 26.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> NERUDA, P. (...) No filme *Ponto de Mutação*. Direção Bernet Capra. USA, 1986.

<sup>48</sup> DELEUZE, G. *A imanência: uma vida*. Publicada originalmente em *Philosophie*, nº 47. 1995: 3-7. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

*um ao outro e conversar. Nós cuidamos da chama, a chama cuida de nós. As estrelas não estão próximas de nós. Quando subimos em uma colina ou em uma árvore elas não ficam mais próximas. Elas piscam com uma luz estranha, fria, branca, distante. Muitas delas, todas pelo céu, mas só à noite. Eu fico imaginando o que elas são. Uma noite eu pensei que as estrelas eram chamas, elas davam pouca luz à noite, como o fogo. Talvez as estrelas sejam fogueiras que outros nômades acendem à noite. As estrelas dão muito menos luz que as fogueiras, então, devem estar muito distantes. Eu fico pensando se as nossas fogueiras parecem estrelas para as pessoas no céu. Mas por que aquelas fogueiras e os nômades que as fizeram não caem em nossos pés? Por que tribos estranhas não caem do céu? Aqueles seres do céu devem ter grandes poderes<sup>49</sup>.*

A grandeza dos valores gregos e de sua filosofia fora sendo forjada a partir da intensa e complexa relação de troca (não apenas de mercadorias, mas também de conhecimentos) que tal cultura foi estabelecendo com outros povos. A ousadia em ser diferente e potente, bélica e filosoficamente, gerou na história de tal povo – relatada desde o século VIII a.C. junto de duas obras literárias, *Iliada* e *Odisséia*, escritas por Homero –, uma gama de experiências, pensamentos, mitos e honras gloriosas que lhe serviu de alicerce para sua gênese. Por sua vez, os romanos não descenderam ou foram grandes filósofos. Foram sim, grandes estadistas. Através da criação de estradas e pontes que lhe permitiam viajar cada vez mais longe e mais rápido, eles, com grande poderio bélico e estratégia militar, ampliaram as fronteiras de seu império e criaram um código de leis que é até hoje referência para diversas Constituições, inclusive a brasileira.

Descontente com a tradição judaica, sem a grande filosofia grega (além dos resvalos no platonismo) e muito menos sem o poderio bélico dos romanos, os cristãos através de um *golpe conceitual* – a idéia de *universalidade humana* que fazia frente a toda segregação e diferenciação entre os humanos; um Deus trinitário que estava ao seu lado nas batalhas e nas provas de fé; e, a redenção de uma vida de sacrifícios terrenos em um mundo supra-sensível – desbancaram e incorporaram tais culturas (e também a hebraica) e logo, por meio do cristianismo, tomaram dimensões continentais. Contudo, ao longo dos anos, aquilo que era a força diferencial imanente dos cristãos foi perdendo intensidade. Segundo Nietzsche:

O tipo “cristão” retoma passo a passo tudo o que negava originalmente (em cuja negação ele consistia). O cristão torna-se cidadão, soldado, juiz, trabalhador, comerciante, erudito, teólogo, sacerdote, filósofo, agricultor, artista, patriota, político, “**príncipe**”... retoma todas as atividades que havia abjurado (a autodefesa, o julgamento, a punição, o juramento, a distinção entre os povos, o menosprezo, a cólera...). No fim, toda vida do cristão é exatamente a vida, cuja libertação Cristo

<sup>49</sup> SAGAN, C. *Cosmos*. Episódio sete - A espinha dorsal da noite. Estados Unidos da América: BBC. 1980.

pregava... A Igreja pertence ao triunfo do anticristão tanto quanto o Estado moderno, o nacionalismo moderno... A Igreja é a barbarização do *cristianismo*.<sup>50</sup>

Não é sem motivo que Nietzsche destaca a palavra *príncipe* nesse fragmento de sua obra. O cristianismo foi aos poucos adquirindo contornos maquiavélicos que falavam mais alto a sua “verdade” do que a *boa nova* trazida pelo Cristo. Uma “verdade” dogmática de um poder estamental, cruel e reativo. Uma “verdade” racionalizada, tida como divina e, diga-se de passagem, acessível por poucos, que gerava a circulação de valores supra-sensíveis, materializados nos pecados e méritos, que eram os únicos referenciais do sujeito para dar forma ao seu singular processo de subjetivação, a sua existência – extremamente desvalorizada nesse mundo em favor da promessa do reino dos céus que viria após sua morte.

*Tudo que ele deixou foi uma carta de amor a uma apresentadora de programa infantil. Nela ele dizia que já não era criança, e que a esperança também dança como monstros de um filme japonês. Tudo que ele tinha era uma foto desbotada, recortada de revista especializada em vida de artista. Tudo que ele queria era encontrá-la um dia (todo suicida acredita na vida depois da morte). Tudo que ele tinha cabia no bolso da jaqueta. A vida quando acaba, cabe em qualquer lugar. E a violência travestida faz seu trottoir*<sup>51</sup>.

A “verdade” é uma manifestação do poder. Em uma sociedade há vários expoentes de poder que formam centros de “verdade” que se digladiam para estabelecer a sua “verdade” como *A* “verdade”. Por esse motivo, o que se nomina por *cultura*, nada mais é que um campo de forças em constante batalha. E, nesse sentido, como já expressou aquele que deu à luz a Zaratustra, através, principalmente, da vocação libertária da obra *Para além do bem e do mal*, não existem fatos morais, apenas interpretações morais dos fatos. Por esse prisma, a “verdade” será, indubitavelmente, aquela interpretação que mais poder ou força tiver. É da relação entre esses centros da cultura que surge o que Foucault chamou de *racionalidade política* e que trabalhou em seu texto *‘Omnes et Singulatim’: uma Crítica da Razão Política*<sup>52</sup>.

No primeiro parágrafo do texto supra o autor já aponta que o ocidente, desde o século XIX, vem pensando criticamente o papel e o uso da razão – ou a falta dela – nas estruturas

<sup>50</sup> NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes. 2005, p. 273.

<sup>51</sup> GESSINGER, H. A violência travestida faz seu trottoir. Em: Engenheiros do Havaii. Álbum: *O papa é pop*, 1990.

<sup>52</sup> FOUCAULT, 2010.

políticas, inclusive como ameaça às liberdades e a própria sobrevivência da espécie humana. Fala-se ali da utilização da razão como técnica de poder visando administrar contínua e permanentemente os indivíduos e suas relações em sociedade. A essa forma de poder Foucault chamou de *poder pastoral*.

Na arqueologia do poder pastoral Foucault aponta que a metáfora do rebanho conduzido por um só pastor não está presente nos textos gregos ou romanos. Eles apareceram no oriente com os faraós egípcios e se difundem junto ao povo hebreu. Nesses termos, Foucault evidencia em quatro tópicos o contraste dessa questão em tais povos e como vieram a influenciar o pensamento cristão e as estruturas de poder (estatal e monárquica) que dele se serviram ou a ele se coadunaram:

- 1) *O pastor exerce o poder sobre um rebanho, mais do que sobre uma terra*<sup>53</sup>. A racionalidade política identificada por Foucault nessa questão é a posse da terra. Enquanto os gregos sujeitavam-se as suas divindades porque estes últimos possuíam a terra em que tais homens habitavam, a relação entre o Deus-pastor e seu rebanho é marcada pela promessa de uma (outra futura) terra;
- 2) *O pastor reúne, guia e conduz o seu rebanho*. A função de apaziguador de hostilidades e mantenedor da unidade da *polis* era uma das disposições do legislador grego. Porém, o rebanho só se mantém reunido diante da figura do pastor enquanto esse fala, pois terminado o discurso eles se dispersavam. Contudo, as leis dispostas pelo legislador mantêm-se válidas mesmo em sua ausência;
- 3) *O papel do pastor é o de assegurar a salvação de seu rebanho*. O *bom chefe* para os gregos era, também a exemplo do *bom pastor*, aquele que mantinha a cidade e seus habitantes a salvo. A figura do *bom timoneiro* que livra a embarcação dos arrecifes e da divindade protetora da cidade lhes serviam como metáforas para situar tal função de comando. Contudo, não se tratava da salvação de todos os cidadãos na ocasião do perigo ou a distribuição do *pão nosso de cada dia* indistintamente. Aquele que postoreia deve lidar para que todos, a exemplo do que faz a divindade, tenham *condições* de trabalhar a terra e ter uma boa colheita, não cabendo a ele lhes dispor o que comer e beber. Os hebreus, por sua vez, viam a figura do pastor como aquele que tem o dever de reunir o rebanho em boa pastagem ou no curral provendo suas necessidades. E na iminência do perigo *todas* as ovelhas devem ser salvas, a ponto de deixar o rebanho no aprisco e ir atrás de uma ovelha desgarrada.
- 4) *O exercício do poder é um dever*. O dever do chefe grego era tomar as decisões em prol de todos os cidadãos e não para fins particulares. Afinal, esse difícil exercício, contrário ao hedonismo, o glorificava. Haja vista, a crença de que a morte em batalha em nome da *polis* era gratificada com a imortalidade. Por outro lado, a benevolência pastoral, implicava no despojamento de si em função do outro. Era devotar inteiramente a própria vida em função do outro. Enquanto o rebanho dorme, o pastor vela.

---

<sup>53</sup> Idem, p. 359.

*Hoje vai passar um filme na TV que eu já vi no cinema. Épa!? Mutilaram o filme, cortaram uma cena. E só porque aparecia uma coisa que todo mundo conhece e se não conhece ainda vai conhecer. E não tem nada de mais se a gente nasceu com uma vontade que nunca se satisfaz – verdadeiro perigo na mente dos boçais. Corri pro quarto, acendi a luz, olhei no espelho, o meu tava lá. Ainda bem que eu não tô na TV, senão iam ter que cortar!*

*Sexo! Como é que eu fico sem sexo! Eu quero sexo! Me dá sexo! Sexo! Como é que eu fico sem sexo! Eu quero sexo! Vem cá sexo!*

*Bom, vá lá, vai ver que é pelas crianças, mas quem essa besta pensa que é pra decidir? Depois aprende por aí que nem eu aprendi, tão distorcido que é uma sorte eu não ser perverso. Voltei prá sala, vou ver o jornal, quem sabe me deixam ver a situação geral. E é eleição, é inflação, corrupção e como tem ladrão e assassino e terrorista e a guerra espacial! Socorro!<sup>54</sup>*

Em suas considerações, no intento de melhor definir e delimitar a função social do poder pastoral, Foucault retorna aos gregos e destaca que mesmo os homens que detinham o poder político nas mãos não eram pastores, pois não lhes cabia a atribuição de velar pela vida particular de cada cidadão da *polis*. Sua função se restringia em assegurar a unidade da *polis*, local em que a *bios política* (o aspecto digno e glorioso da vida) deveria se desenvolver. Cabia a cada cidadão, no espaço de sua vida particular – *zoé* –, a garantia de sua sobrevivência física e o trato de suas paixões.

A tecnologia pastoral cristã, diferentemente dos gregos, ocupou-se não apenas da administração da vida social do sujeito, mas também de sua vida particular, pastoreando não apenas o caráter objetivo desta, mas também o subjetivo. No cristianismo maquiavélico, quaisquer questionamentos ou inquietações que pudessem ocorrer ao ser humano em relação à “verdade” divina ou a moral cristã postas deveriam ser tratados diretamente com Deus, ou melhor, com seus representantes terrenos, ou seja, a Igreja. O sujeito, envolto pelo que a “verdade” divina estabelecia como pecado, como má conduta, dirigia-se ao confessor em busca de cura para a culpa sentida por ter pecado (em pensamentos, atos e omissões) e entregava-se ao eclesiástico que, por sua vez, moldava e dominava seu processo subjetivo. Cumpre destacar, que nesses parâmetros de apoderamento do outro a rede de culpa e má consciência recai sobre toda humanidade. Afinal, **nesta tecnologia maquiavélica não há vida humana fora do pecado, pois esta vem ao mundo através do *pecado original*. Não há ser humano sem má consciência, pois, mesmo o justo, peca sete vezes ao dia<sup>55</sup>.**

<sup>54</sup> ULTRAJE A RIGOR. Sexo. Álbum: 18 anos sem tirar, 1999.

<sup>55</sup> BÍBLIA. *Provérbios*. 24: 16. Cumpre destacar que neste versículo o homem justo cai sete vezes, mas se levanta, enquanto o ímpio tropeça (e perece) no mal. Obtido via internet em: [www.bibliacatolica.com.br](http://www.bibliacatolica.com.br).

*Tendo o dom da liberdade, o homem pode ser recompensado se fizer bom uso dela e punido caso se deixe perder do bom caminho. Essa articulação é importante na medida em que, preservando a crença na liberdade humana, coloca-se a imposição de dirigir essa liberdade com muita disciplina a um caminho reto. O sujeito deve sujeitar-se, uma vez mais, a uma ordem superior, desvalorizando seus desejos e projetos particulares. Daí surge um regime onde o corpo, sobretudo, deve ser controlado e desvalorizado, pois ele sempre é fonte de desejo e dispersão<sup>56</sup>.*

Ponto definitivamente marcante para a manutenção da “verdade” cristã na Idade Média foi também a arquitetura de seus templos. A construção das igrejas, além de conter a perfeição geométrica tão cultuada pelos pitagóricos, tinha a função de fazer com que quem ali entrasse experimentasse a sensação de estar sendo observado por algo superior e assim, sentir-se inferiorizado espiritual e corporeamente e que fora daquele *útero* não haveria como sobreviver sem o auxílio desse ser supremo e de seus “representantes”. Não caberia ali a experiência de uma existência independente, uma experiência sensível para além dos ideais perceptivos da realidade dispensados ou inflingidos pela Igreja.

O poder pastoral foi utilizado também pelos monarcas. A função do soberano, oriundo dos consensos entre o trono e o altar, era governar o povo – pastoreá-lo – até a chegada do *reino dos céus*. Assim, a Terra era apenas o umbral para um iluminado e perfeito mundo porvir. No volume I da *História da sexualidade*<sup>57</sup>, Foucault traz que durante todo o absolutismo monárquico a vida do súdito era um bem do soberano, que através de seu confisco e suplício exercia o seu poder através de um mecanismo de *fazer morrer e deixar viver*<sup>58</sup> em que os corpos e as posses dos súditos eram supliciados ou confiscados a partir do momento que se afiguravam como ameaça ao território ou as leis do monarca.

Com a invenção da imprensa e a tradução do *Novo Testamento* por Lutero, retirou-se das mãos dos sacerdotes o controle sobre as interpretações dos textos tidos como sagrados. Cada pessoa poderia ler as Escrituras (parte delas) e tirar suas próprias conclusões acerca da “verdade” divina. A tipografia não difundiu apenas os textos religiosos, mas também as obras literárias que, com seus personagens e realidades ficcionais, abriram a possibilidade de um *retirar-se da sociedade*, escapando assim ao seu controle, engendrando novas formas de pensamento e possível escrita de uma subjetividade particular. O absolutismo perspectivo e

---

<sup>56</sup> FIGUEIREDO, L.C.M. & SANTI, P.L.R. *Psicologia* – uma (nova) introdução. São Paulo: Educ, 2000, p. 28.

<sup>57</sup> FOUCAULT, M. *História da sexualidade I* – a vontade de saber. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

<sup>58</sup> AMBRÓZIO, A. e VASCONCELOS, P. A. C. *Biopoder e cuidado de si no pensamento de Michel Foucault*. 2009. pp. 2-3. (em prelo).

dogmático da Igreja Católica começava a ruir dando margem ao renascimento de uma antiga filosofia grega chamada *Ceticismo* em que se acreditava na impossibilidade, pelo Homem, de obter um conhecimento incontestável acerca do mundo.

*A descrença cética somada ao grande individualismo nascente acabaram por produzir uma reação que, na verdade, assumiu duas feições bem distintas: a reação racionalista e a reação empirista. Em ambas, contudo, tratava-se de estabelecer novas e mais seguras bases para as crenças e para as ações humanas, e procuravam-se essas bases no âmbito das experiências subjetivas<sup>59</sup>.*

O movimento protestante surge com o intento de romper essa aliança entre o clero e a monarquia. Seu primeiro deslocamento deu-se, justamente, na ruptura com a idéia de que a vida vivida aqui neste plano terrestre fosse um tempo de preparação e mortificação de si em favor de um mundo porvir. Dessa idéia decorre o segundo deslocamento, que tem por base a noção de que o próprio sujeito é o responsável por sua salvação a partir da realidade que já está acontecendo e, para tanto, deve ter garantidas as condições necessárias para salvar-se. Origina-se de tal propósito a *Razão do Estado* que visa organizar e administrar a vida em sociedade.

Com o advento do movimento racional ou a fé nas luzes, o deus com características super-humanas começa a ser substituído pelo próprio ser humano que ousa pensar por si mesmo, de maneira autônoma, de forma a compreender a realidade, dominar a natureza e utilizá-la em seu favor. A “*verdade científica*” passa a ser o novo poder/norte vigente alicerçado na crença da possibilidade de melhoria da humanidade.

O Estado aparece como resultante dos propósitos da sociedade, mas em um primeiro momento, à parte desta, levantando-se como um fim em si mesmo. Junto das políticas de Estado, Foucault indica uma forma diferente a do monarca de exercício de poder. A vida, como um elemento a ser administrado, torna-se o objeto do poder que atua em prol de extrair cada vez mais força dos corpos, aumentando sua funcionalidade nas tarefas que lhes foram designadas. Essa estratégia soberana de *fazer viver e deixar morrer*<sup>60</sup> Foucault chamou de *biopoder*, o poder que ao longo dos anos vai configurando a *sociedade disciplinar* que têm como principal instrumento de atuação o confinamento de seus partícipes em locais como hospitais, fábricas, prisões, casernas e escolas.

---

<sup>59</sup> FIGUEIREDO e SANTI, 2000, p. 27.

<sup>60</sup> Ibidem.



No século XVI, entre os Estados europeus, é firmado um compromisso para impedir que, diante do ímpeto cego de conservação e expansão, um determinado Estado não se tornasse um novo império e, em decorrência de tal poder, tivesse a pretensão de dominar seus Estados vizinhos. Caso, entre eles, algum Estado quisesse aumentar seus domínios teria de fazê-lo fora daquele local – surge daí as navegações. Mas, caso um Estado quisesse se sobrepôr a outro que fosse seu parceiro, a guerra seria justificada. Surgem deste pensamento dispositivos militares e diplomáticos para manter as forças em equilíbrio. Assim, mesmo em tempos de paz, havia exércitos prontos para atacar ou revidar qualquer ameaça ao seu território.

Além do macro equilíbrio estabelecido entre os Estados, no interior destes, no final do século XVI e início do século XVII, é criado um outro dispositivo para atuar em suas microesferas. O dispositivo *policial* tinha como propósito intervir e administrar *até o mais fino grão da sociedade*, visando o crescimento e a manutenção das forças internas do Estado, fomentando uma nação densa e produtiva – o trabalho ao invés da vagabundagem, homens e mulheres fortes e saudáveis por meio de auxílios saúde, alimentação, moradia, educação etc.

A partir do início do século XVIII, Foucault<sup>61</sup> diz ter havido uma transformação na forma de atuação do dispositivo policial. Na tentativa de regular o comércio e o consumo do cereal, viu-se que a intervenção do Estado não estava ocorrendo aos contentos da população que propõe a livre circulação dos grãos para que haja o equilíbrio, o bem e a satisfação de ambos. O Estado, a partir de então, deixa de ser um fim em si mesmo e passa a atender os interesses civis e, conseqüentemente, os interesses individuais e públicos. Desse movimento, duas figuras começam a se destacar: o *economista* (para regulação e controle) e o *publicitário* (para fomento e criação de necessidades). Tais figuras e suas funções delimitariam a *boa circulação* de produtos e valores na sociedade, enquanto o dispositivo policial – que outrora fora regido pela estatística – prestar-se-ia a impedir as *más circulações*. Eis o Liberalismo clássico.

*A viatura foi chegando devagar e de repente, de repente resolveu me parar. Um dos “caras” saiu de lá de dentro já dizendo: – “Aí compadre, cê perdeu! Se eu tiver que procurar cê ta fodido! Acho melhor cê i deixando esse flagrante comigo!” No início eram três, depois vieram mais quatro, agora eram sete os samurais da extorsão, vasculhando meu carro, metendo a mão no meu bolso, cheirando a minha mão... De geração em geração todos no bairro já conhecem essa lição.*

---

<sup>61</sup> FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. Curso no Collège de France 1977-1978. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

*E eu ainda tentei argumentar, mas, tapa na cara pra me desmoralizar. Tapa, tapa na cara pra mostra quem é que manda, porque os cavalos corredores ainda estão na banca nesta cruzada de noite, encruzilhada arriscando a palavra democrata como um santo graal, na mão errada dos hõmi, carregada em devoção... De geração em geração todos no bairro já conhecem essa lição.*

*O cano do fuzil refletiu o lado ruim do Brasil nos olhos de quem quer e quem me viu. Único civil rodeado de soldados como se eu fosse o **culpado**. No fundo querendo estar à margem do seu pesadelo, estar acima do biótipo suspeito nem que seja dentro de um carro importado com um salário suspeito endossando a impunidade à procura de respeito.*

*Mas nesta hora só tem sangue quente quem tem costa quente, pois nem sempre é inteligente peitar um fardado alucinado que te agride e ofende pra te levar alguns trocados, pra te levar, levar, levar, pra te levar alguns trocados.*

*Era só mais uma dura, resquício de ditadura, mostrando a mentalidade de quem se sente autoridade nesse tribunal de rua, nesse tribunal<sup>62</sup>.*

O Liberalismo encontra-se na mediação entre algo que está desmoronando (a sociedade Feudal) e algo que está emergindo (a burguesia, o capitalismo como apropriação do mundo). Diante da idéia de que o Estado governa em demasia surge a *economia política*<sup>63</sup> que sai da lógica de um julgamento moral do Estado (bem e mal) para um julgamento de sua eficácia, que deflagraria se este estava sabendo ou não conter sua forma de governar. O mecanismo escolhido para ser o crivo de tal julgamento – o espaço de veridicidade – é o Mercado – a circulação das mercadorias.

O Liberalismo é uma racionalidade governamental resultante de um regime de “verdades” (racionalmente constituído por interesses particulares de determinados segmentos sociais) e de técnicas de práticas políticas voltadas para administração da população. O *mercado* como laboratório de testes da *arte de governar* é o espaço para a troca, o jogo, a lógica de interesses (mercadorias) e a produção de “verdades” – queda da bolsa de valores, alta dos juros, risco Brasil, redução de IPI, moda, tendências, obsolescência programada etc. – voltado para a criação e manipulação das necessidades do povo.

É justo destacar, que no Liberalismo clássico tinha-se que a sociedade era um espaço naturalmente livre para as trocas e circulação de mercadorias entre os cidadãos. Tal crença fez com que tal regime se estruturasse a partir da idéia de um ser humano essencialmente individualista e consumista, que demarcou seu modo *lassaire-faire* de administração da

<sup>62</sup> YUKA, M. Tribunal de rua. Em: O Rappa. Álbum: *Lado B, Lado A*. 1999.

<sup>63</sup> Cumpre destacar que não se tem aqui a intenção de reduzir o Estado e nem a *economia política*. Mas apenas ilustrar a relação (biopolítica) entre eles a qual Foucault apontou em seu curso no *Collegè de France* em 1978, que deu origem ao texto *Segurança, território e população* publicado no Brasil pela editora Martins Fontes.

população. Com a crise de 1929 e outros sinais viu-se que tal natureza não existia. Tomou-se então a necessidade de produzir um âmbito de concorrência no seio da sociedade. O Estado, desde a tenra infância do cidadão, deveria inculcar em seus partícipes a lógica e/ou valores do *mercado*.

*No ar que se respira, nos gestos mais banais, em regras, mandamentos, julgamentos, tribunais. Na vitória do mais forte, na derrota dos iguais a violência travestida faz seu trottoir. Na procura doentia de qualquer prazer, na arquitetura metafísica das catedrais, nas arquibancadas, nas cadeiras, nas gerais a violência travestida faz seu trottoir. Na maioria silenciosa, orgulhosa de não ter. Vontade de gritar, nada pra dizer. A violência travestida faz seu trottoir nos anúncios de cigarro que avisam que fumar faz mal. A violência travestida faz seu trottoir em anúncios luminosos, lâminas de barbear, armas de brinquedo, medo de brincar, a violência travestida faz seu trottoir. No vídeo, idiotice intergaláctica. Na mídia, na moda, nas farmácias, no quarto de dormir, na sala de jantar, a morte anda tão viva, a vida anda pra trás. É a livre iniciativa, igualdade aos desiguais. Na hora de dormir, na sala de estar a violência travestida faz seu trottoir. Uma bala perdida encontra alguém perdido, encontra abrigo num corpo que passa por ali e estraga tudo, enterra tudo, pá de cal. Enterra todos na vala comum de um discurso liberal*<sup>64</sup>.

Na política neoliberal, a existência da *desigualdade* é o que mantém a concorrência do e no mercado. O Estado deve se ausentar ao máximo. Suas ações ordenadoras e reguladoras encontram-se em prol de guarnecer o mercado: constituir um escudo, leis e mecanismos jurídicos, campos e formas que o favoreçam. Não se age diretamente na economia, mas nas *condições condicionantes* da economia. Assim, o Estado tem como cerne de sua ação tomar o excedente de riqueza de alguns (o super luxo) e diluí-lo junto dos mais miseráveis, como garantia de vida para uns (Bolsa Família, por exemplo) e **expiação dos pecados** para outros (solidariedade, caridade, consciência social etc.), ações e valores que agregam e produzem na sociedade a ilusão da possibilidade de ascensão e fraternidade.

O regime de privatização estatal se faz presente para solidificar a lógica de que o sujeito deve gozar dos prazeres sociais por seus méritos próprios. Eis um Estado-Mercado e um Sujeito-Empresa. Não há mais um projeto de sociedade e todo fracasso (particular e coletivo) é **culpa** dos sujeitos que não foram suficientemente bons empreendedores de si mesmos. E em meio às *verdades inconvenientes* relativas à insustentabilidade dos modos de produção e de vida ocidental/capitalista, o **culpado** também se tornou um mau administrador.

Junto desse cenário, como apontou Foucault e logo Deleuze, aos poucos foi se configurando um sistema político-social de saberes/poderes em que a *sociedade disciplinar*

---

<sup>64</sup> GESSINGER, 1990.

foi se metamorfoseando para a *sociedade de controle* que atua por meio de formas mais veladas, mais *sutis* de controle caracterizadas pela disseminação de seu ideário (conhecimentos, valores, bens de consumo) de forma maciça e sem intermitência, dando margem a um controle sempre presente e contínuo em todas as esferas da vida do sujeito, empregando a este, como aponta Benjamin, um *não tens nada a fazer aqui* a não ser produzir e consumir de formas massificadas uma imensa gama de produtos, não deixando sequer seus rastros na história.

Benjamin, fazendo referência a esse tipo de sociedade, destaca espaços como um quarto e um salão burgueses, em que apesar de todo o aconchego que irradiam a impressão que se tem é que nada há para se fazer ali, pois em tudo estão os vestígios de seu habitante. Tais vestígios são, ao mesmo tempo, as manifestações do espírito estético de uma época (a estética, a arquitetura da guerra) e o professor de uma sociedade de controle calcada na administração da sensibilidade.

*Esses vestígios são os bibelôs sobre as prateleiras, as franjas ao pé das poltronas, as cortinas transparentes atrás das janelas, o guarda-fogo diante da lareira. (...) o 'interior' obriga o habitante a adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a esse interior que a ele próprio. Isso pode ser compreendido por qualquer pessoa que se lembra ainda da indignação grotesca que acometia o ocupante desses espaços de pelúcia quando algum objeto da sua casa se quebrava. Mesmo seu modo de encolerizar-se – e essa emoção, que começava a extinguir-se, era manipulada com grande virtuosismo – era antes de mais nada a reação de um homem cujos 'vestígios sobre a terra' estavam sendo abolidos<sup>65</sup>.*

Neste contexto, ergue-se o não-homem que se inverte no contrário de homem: em vez de ser proprietário das coisas, dos bens materiais, estas que o têm como propriedade; em vez de fazer uso das coisas, estas que o usam. O homem torna-se ferramenta, produto e consumidor passivo, dócil e “feliz” do sistema. A sociedade de controle, ao administrar a sensibilidade de seu partícipe através de seus **ideais enlatados**, privando-o de uma **experiência sensível potente**<sup>66</sup> realmente formativa e autocrítica, *se transforma em um espetáculo para si mesma*<sup>67</sup>, sendo cúmplice daquilo que a destrói enquanto entorpece sua dor na forma de negação do *trágico* e do (seu próprio) *problema*. E não há que se imaginar que o

---

65 BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996, pp. 117-118.

66 Epidérmica, não atravessada ou mediada por valores outros que não tenham origem na própria experiência do sujeito.

67 BENJAMIN, 1996, A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996, p.196.

homem, nem sempre ignorante ou inexperiente, ouse aspirar novas experiências, pois é um caminhar para a solidão e abandonar a proteção da caverna (em analogia ao mito platônico).

Nietzsche denomina tal homem<sup>68</sup> como o *último homem*, e sobre ele diz:

*O último homem simboliza a modernidade, que considera a si mesma o ponto mais avançado do desenvolvimento histórico da humanidade, acreditando que a finalidade dessa história consistia precisamente na chegada do moderno. Orgulhoso de sua cultura e formação, que o elevaria acima de todo o passado, o último homem crê na onipotência de seu saber e de seu agir. [...] O bem supremo almejado pelo último homem - sua concepção de felicidade - é uma combinação de mediocridade, conforto, bem-estar, ausência de sofrimento e grandeza<sup>69</sup>.*

A atual sociedade de controle e administração da sensibilidade não mais disciplina o corpo das pessoas, mas as relações entre elas. Ao invés de trancar o sujeito em instituições trancafiava-o na própria neurose ou paranóia, por fim, confinando-o em si mesmo em um contínuo processo antropofágico marcado, principalmente, pela conotação negativa do mais inóspito dos hóspedes: o niilismo.

*A conseqüência niilista (a crença na ausência de valor) como decorrência da estimativa moral de valor: perdemos o gosto pelo egoísmo (mesmo depois da compreensão da impossibilidade do não-egoísmo); - perdemos o gosto pelo necessário (mesmo depois da compreensão da impossibilidade de um liberum arbitrium e de uma 'liberdade inteligível'). Vemos que não alcançamos a esfera em que pusemos nossos valores - com isso a outra esfera, em que vivemos, de nenhum modo ainda ganhou em valor: ao contrário, estamos cansados, porque perdemos o estímulo principal. 'Foi em vão até agora!'<sup>70</sup>*

## VONTADE DE VERDADE

Um misto de impotência e displicência caracteriza e perfigura sobremaneira as experiências, relações e possibilidades de processos de subjetivação *potentes* (que favoreçam a vida) do sujeito contemporâneo. Mas é justo destacar, que tal limitação não se dá de maneira explicitamente autoritária. Os ardis (neo)liberais e suas transmutações na história criaram uma atmosfera de vida (estilos de vida) em que o sujeito não é apático frente ao

<sup>68</sup> As características que constituem o *último homem* não se limitam apenas aos homens modernos. Todos os demais processos de subjetivação (desde a Antiguidade) que interpuseram entre si e o mundo valores ideais, ascéticos e/ou morais que limitam a experiência sensível e potente do outro perfazem esta tipologia de homem.

<sup>69</sup> GIACOIA Jr., O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.56.

<sup>70</sup> NIETZSCHE, 1999. *Sobre o niilismo e o eterno retorno*. p. 430.

poder que o subjuga, mas ao contrário, extremamente (re)ativo. Porém, sua vida está muito longe de ser uma experiência de vida autêntica, não niilista ou não reativa. A devoção ou o *amor* à “verdade”, seja ela advinda da ciência ou de um ser supremo pessoal qualquer, é uma forma de desvalorização da (própria) vida, pois é uma forma de dizer que a **“verdade” vale mais que a vida.**

A vida na contemporaneidade é produzida e administrada pelos governos através das biopolíticas que criam realidades e liberdades (de consumo) por meio das vendas de *estilos de vida*, que carregam consigo necessidades fisiológicas e uma gama de produtos friamente elaborados por meio de uma *razão instrumental*. A *obsolescência programada* de tais produtos, estilos de vida e realidades imprimem no sujeito simultaneamente um imenso vazio e uma incapacidade de afetar-se, de sentir e agir criativamente ao que a vida lhe traz de sabores e dissabores. Constrói-se uma “verdade”, um valor humano, demasiado humano acerca da vida e se propaga: *Vida é isso! Viver é isso! Amo muito tudo isso!*

*Corrida pra vender cigarro, cigarro pra vender remédio, remédio pra curar a tosse... Tossir, cuspir, jogar pra fora.*

*Corrida pra vender os carros, pneu, cerveja e gasolina. Cabeça pra usar boné e professar a fé de quem patrocina. Querem te matar a sede, eles querem te sedar, eles querem te vender, eles querem te comprar. Quem são eles? Quem eles pensam que são?*

*Corrida contra o relógio, silicone contra a gravidade, dedo no gatilho, velocidade, quem mente antes diz a verdade.*

*Satisfação garantida, obsolescência programada, eles ganham a corrida antes mesmo da largada. Eles querem te vender, eles querem te comprar, querem te matar de rir, querem te fazer chorar. Quem são eles? Quem eles pensam que são?*

*Vender, comprar, vender os olhos, jogar a rede... contra a parede. Querem te deixar com sede, não querem te deixar pensar. Quem são eles? Quem eles pensam que são?<sup>71</sup>*

O satírico Nietzsche diz no prefácio de *Para além do bem e do mal*:

*Admitindo que a verdade seja mulher, não está fundamentada a suspeita de que todos os filósofos enquanto permaneciam dogmáticos nada compreendiam a respeito de mulheres? E que aquela seriedade sombria, aquela insistência estreita com que eles até agora costumavam palmilhar o caminho das verdades eram meios inábeis e desonestos para obter justamente as graças de uma jovem? Certamente ela não se deixou conquistar: – e toda espécie de dogmática se apresenta hoje com um rosto turvo e desalentado<sup>72</sup>.*

<sup>71</sup> GESSINGER, H. 3ª do plural. Álbum: *Acústico MTV*. Universal Music, 2004.

<sup>72</sup> NIETZSCHE, F. 2009, p. 07.

Nietzsche no 1º aforismo da obra supra citada aponta que *a vontade de atingir a verdade nos seduzirá ainda para muitas aventuras*<sup>73</sup>. Essa *vontade de verdade* acompanha o ser humano há milênios e, como visto alhures, a subjetividade contemporânea não foge à regra. A grande questão a ser trazida à baila, também já foi feita pelo pensador alemão da seguinte maneira: *quem é que em nós tende à verdade?*<sup>74</sup> E, supondo que haja essa tendência à verdade, no mesmo aforismo se questiona: *por que não tendemos à mentira, à incerteza ou a própria ignorância?* Nesse enlace de perguntas, Nietzsche muda a atenção da busca pela *causa da vontade verdade* para o *valor* que tal verdade apresenta. Ou seja, tal como destaca Giacóia Jr.<sup>75</sup>, muda-se o enfoque da pergunta de *o quê(?)* mobiliza a *vontade de verdade* para *quem(?)* estabelece e interessa uma verdade absoluta, incondicional. Nesse sentido, também questiona Deleuze: *quem quer o verdadeiro? E o que quer aquele que diz: Eu procuro a verdade?*<sup>76</sup>

*Situando-se em uma perspectiva tão global que, na maioria das vezes, não estabelece uma diferença essencial entre racionalidade filosófica clássica e a racionalidade científica moderna, o que interessa a Nietzsche é realizar uma crítica radical do conhecimento racional tal como existe desde Sócrates e Platão. (...) A ciência, considerada pela primeira vez como problemática, suspeita, questionável, foi o problema novo, “terrível” e “apavorante” tematizado por Nietzsche. (...) Fundamentalmente essa crítica da ciência é uma crítica da verdade. Não no sentido de estabelecer um conceito rigoroso e sistemático de verdade, de denunciar as ilusões, de superar os obstáculos à realização da racionalidade. Ponto central do ambicioso projeto de “transvaloração de todos os valores”, a investigação sobre a verdade é uma crítica da própria idéia de verdade considerada como um “valor superior”, ideal; uma crítica, portanto, ao próprio projeto epistemológico<sup>77</sup>.*

A bipartição do universo, praticada por Platão, denota um mundo de inconstâncias, de mutabilidades e outro marcado pela imutabilidade, pela estabilidade – essências e objetos fixos oriundos da lógica matemática, modelos acerca do bom, do verdadeiro e do belo. O intento platônico (e logo cristão) visou aplicar os modelos supra-sensíveis no mundo sensível para refrear sua instabilidade, o que se desdobrou, antes de tudo, na desvalorização do mundo sensível, engendrando nos partícepes deste, a vontade de tornarem-se perfeitos.

---

<sup>73</sup> Idem, p. 12.

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> GIACÓIA JÚNIOR, O. *Nietzsche & Para além de bem e mal*. 2ª ed. Coleção Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005, p. 17.

<sup>76</sup> DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Roffily Dias. Editora Rio, 1976, p.60.

<sup>77</sup> MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002, p.07.

Vê-se, a partir de então, ser impresso no simbólico das relações interpessoais da sociedade ocidental a rivalidade entre simulacros que almejavam se aproximar das formas puras, exemplares e perfeitas. Por outro lado, tem-se também o início da legitimação da desigualdade, pois apenas algumas pessoas – cidadãos, filósofos e depois os sacerdotes – poderiam ter acesso ao mundo das essências, o que faria deles portadores ou representantes terrenos da “verdade”, da beleza e da bondade, relegando aos filhos da aparência uma esfera diminuída da vida. Em conseqüência, o desprezo desse mundo e sua vida vivida nele em favor de uma vida melhor em outro mundo.

Como já destacado, a *vontade de potência* está em tudo e em movimento eterno. Tal vontade é *ativa e potente*, pois *sensível*, ou seja, permite ser **afetada** por outras forças no intento de perceber quais delas lhe são interessantes para sua conservação e superação. Por outro lado, existem forças insensíveis que, no intento de apenas se conservarem, apenas *reagem* a outras forças. Desde os pitagóricos a manipulação do conhecimento produzido pelo ser humano tornou-se, em certa medida, um recurso e/ou uma arma para o estabelecimento de “verdades” e conquista de novos territórios. Afinal, *crenças*, a partir de necessidades e possibilidades, criam realidades. Tal como aponta Giannetti<sup>78</sup>, Avicena, filósofo árabe do século XI do calendário cristão, diz que o homem caminha tranquilamente por uma tábua estreita enquanto crê que ela esteja apoiada em solo firme. Contudo, apavora-se desmedidamente, podendo até vacilar e cair, quando percebe que a mesma encontra-se sobre um precipício. A função do *novo* é desalojar dos lugares tidos como seguros, é um caminhar rumo ao desconhecido, é desconfiar do que até então fora motivo de santificação, é despir-se da confiança. O habitual traz a sensação de segurança, daí o velho procedimento de não caminhar ou desbravar caminhos novos que não traga uma segurança prévia.

Segundo Zaratustra, cada povo possui uma tábua de valores – é a tábua de sua superação. É na atitude frente ao precipício que as forças se destacam e passam a atuar de maneiras totalmente inversas: a força ativa corre o risco da queda diante da travessia, mesmo não sabendo o que há do outro lado do precipício – ela é um eterno efetivar-se. O desafio lhe impulsiona. As forças reativas, por sua vez, aferram-se naquele local e começam a desencorajar e a impedir que outras forças se arrisquem sobre o imenso vazio e que, com sua travessia, tentem desalojá-las daquele local. Seu intento, a partir de então, é transformar a

---

<sup>78</sup> GIANNETTI, E. Crise financeira. Folha Online. Videocast. Obtido via internet em: <http://www.youtube.com/watch?v=O9XHhimNTeo>. Acesso em 20/05/2009.



fraqueza em força. Nesse intento reativo a maior arma que tal força tem é a construção da “verdade”, é a imposição do seu valor, de sua perspectiva avaliativa, de sua forma de compreender e caracterizar a realidade. A tal ponto que a *experiência sensível* vai sendo pouco a pouco mitigada até não mais poder sentir e passar a atuar apenas no campo do ideal, a partir de referenciais heterônomos. É a serviço deste des-serviço à vida que está a *vontade de verdade*. Essa é a principal perspectiva avaliativa do espírito de rebanho.

Nas tramas de sua conferência realizada no Brasil em maio de 1973 e que dera origem a obra *A verdade e as formas jurídicas*<sup>79</sup>, Foucault aponta um grave equívoco daquilo que denominou de *marxismo acadêmico* que toma o sujeito humano – o sujeito do conhecimento e suas formas de conhecer – como algo caracterizado anterior e definitivamente às condições econômicas, sociais e políticas que nele simplesmente se inscrevem e se acumulam. Em contrapartida, Foucault recorre a um fragmento nietzschiano – no que tange ao caráter falacioso e, por muito, arrogante da invenção do conhecimento pelo ser humano – para afirmar que nem o sujeito, nem as formas de conhecimento são dados prévia e definitivamente.

Segundo Foucault, as práticas sociais produzem *domínios de saber* que além de engendrar novos objetos, conceitos e técnicas sociais inventam o próprio ser humano e seus modos de conhecer. Assim, o sujeito do conhecimento tem uma história, tal como a própria idéia de “verdade” também tem. Por esse mote, o francês transmuta o conceito marxista de *ideologia* da perspectiva de um tapume que impede que a realidade seja vista tal como ela é para uma forma de saber/poder através do qual o ser humano se constitui.

É, justamente, no *solo* das práticas sociais e na *genealogia das forças* dispostas em determinadas condições de dada sociedade que se encontra a maneira – o jogo – em que um campo de saber se faz “verdade” (tal qual o discurso cientificista contemporâneo), e, por derradeiro, o modo como este se faz *forma de cultura* e sociedade, ou seja, como o saber se legitima e (se) organiza (dentro de) determinada cultura ou sociedade. De outro modo, é a procura por compreender como um saber se institucionaliza e elege o enunciado correto através do qual algo pode e deve ser manifesto.

Por muito, sob o propósito e a crença da obtenção inequívoca da “verdade” fundamental (essencial) acerca da vida, os procedimentos de pesquisa e de produção do conhecimento científico estiveram voltados para a criação, ou melhor, justificação e

---

<sup>79</sup> FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Ed. Nau. 1996.

legitimação de tal busca pela “verdade”, denotando um processo que, metaforicamente pensado em semelhança aos procedimentos de uma audiência judicial, restaria como apresentar o veredicto antes do levantamento e consideração dos pressupostos tidos em questão. Doutro modo, seria responder e perguntar da seguinte forma: *aqui está a conclusão. De que fatos precisamos para lhe conferir validade?*

## PERSPECTIVAS AVALIATIVAS

*A minha alma tá armada e apontada para cara do sossego! Pois paz sem voz, paz sem voz não é paz, é medo!*

*Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela quem diz: "Qual a paz que eu não quero conservar, prá tentar ser feliz?"*

*As grades do condomínio são prá trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que tá nessa prisão.*

*Me abrace e me dê um beijo, faça um filho comigo! Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo, domingo! Procurando novas drogas de aluguel neste vídeo coagido... É pela paz que eu não quero seguir admitindo... É pela paz que eu não quero seguir.*

**Marcelo Yuka**

Na obra nietzschiana tem-se que toda criação parte de uma avaliação. *Valores pôs o homem nas coisas a fim de conservar-se; ele foi o que pôs valores nas coisas e um sentido, um sentido humano. Por isso se chama homem, o que avalia. (...) A transmutação dos valores é transmutação do que cria. Sempre o que cria precisa destruir*<sup>80</sup>. Não há como estar vivo e ser indiferente à vida, pois a todo o momento o ente tem de avaliar. Mas não pode, como já observara Zaratustra, avaliar como seu vizinho se quiser se conservar. *Nunca dois vizinhos se compreenderam: cada um se espanta da loucura e da maldade do vizinho*<sup>81</sup>. Para Zaratustra, que muitos povos viu, não há maior poder na Terra que *bem e mal*. E é sobre bem e mal que se forma a tábua de valores que rege cada povo. Tal tábua *é a tábua dos triunfos dos seus esforços; é a voz de sua vontade de poder*<sup>82</sup> ao longo da história.

No capítulo II da obra *Microfísica do poder*<sup>83</sup> intitulado *Nietzsche, a genealogia e a história*, Foucault contrapõe um conceito de história tido por *história efetiva* a um *ponto de vista supra-histórico* em que um ser humano soberano dirige-se ao passado a fim de restringir a multiplicidade do tempo e dos fatos a ponto de tomá-los sobre si mesmo e para si mesmo como um encadeamento lógico de reconhecimento e reconciliação, permitindo-lhe elencar valores e verdades que objetivam julgar a realidade – e criar outras realidades metafísicas – que sempre lhe dê a possibilidade de manter seus domínios.

---

<sup>80</sup> NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p.87.

<sup>81</sup> Idem, p.86.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

A *história efetiva*, por sua vez, vai de encontro à estabilidade, às crenças nas constâncias e processualidades contínuas, imutáveis e sagradas. *Nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles*<sup>84</sup>. Tudo está em movimento para despedaçar as possibilidades de reconhecimento que consolam e tutelam a condição humana. Grosso modo, a história efetiva imprime no ser humano a descontinuidade.

*Ela (história efetiva) dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oprimirá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensão continuidade. É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar*<sup>85</sup>.

Foucault aponta que entre as estratégias ou formas de conservação da história tradicional (supra-histórica) está o apagamento dos acontecimentos ou uma tendência a recuperá-los no decorrer dos tempos como uma sequência lógica que traz para ela um sentido fechado e acabado. Mas para o francês:

*É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada*<sup>86</sup>.

Em Walter Benjamin encontramos a seguinte alegoria sobre a história:

*Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o*

---

<sup>84</sup> Idem. p. 27.

<sup>85</sup> Idem. pp. 27-28. (grifos nossos).

<sup>86</sup> Idem. p. 28.

*amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso*<sup>87</sup>.

A alegoria benjaminiana provoca com profundidade e genialidade, pois vai à base do que se tem como história. Compreendendo esta em suas dimensões tradicional e efetiva, nos força a rever nossas implicações na processualidade constitutiva do que entendemos como história. Afinal, a história será constituída a partir de nossas interpretações acerca do que ocorrera. E não há interpretação sublime! Há violência e até sub-repção de uma tendência ou um sistema de significação que mata ou deixa viver.

Há um dito popular que diz: *todo ponto de vista é a vista de um ponto*. Isso restou claro junto dos excertos de Foucault, Nietzsche e Benjamin sobre a história. Mas, se crê ser necessário adensar a questão acerca da perspectiva junto da qual alguém se apropria de algo. Para tanto, adotaremos a figura do historiador para pensar tais ângulos de visão e percepção.

*(A história tradicional) se compraz em lançar um olhar para o longínquo, para as alturas: as épocas mais nobres, as formas mais elevadas, as idéias mais abstratas, as individualidades mais puras. E para fazer isso ela procura se aproximar destas coisas ao máximo, colocar-se aos pés destes cumes em condições de ter com elas a famosa perspectiva das rãs. (...) operam sub-repticiamente: eles fingem olhar para o mais longe de si mesmos, mas de maneira baixa, rastejando, eles se aproximam deste longínquo prometedor [no que eles são como os metafísicos que vêem, bem acima do mundo, um além apenas para prometé-lo a si mesmos como recompensa]. A história 'efetiva', em contrapartida, lança seus olhares ao que está mais próximo: o corpo, o sistema nervoso, os alimentos e a digestão, as energias; ela perscruta as decadências; e se afronta outras épocas é com a suspeita – não rancorosa, mas alegre – de uma agitação bárbara e inconfessável. Ela não teme olhar embaixo. Mas olha do alto, mergulhando para apreender as perspectivas, desdobrar as disposições e as diferenças, deixar a cada coisa sua medida e sua intensidade. (...) a história efetiva olha para o mais próximo, mas para dele se separar bruscamente e se apoderar à distância*<sup>88</sup>.

Essas duas perspectivas são as perspectivas avaliadoras da ovelha e da ave de rapina que Nietzsche traz no §13 da *Genealogia da moral* para traçar historicamente os dois tipos de moral que há no mundo – a do nobre e a do ressentido; a do senhor e a do escravo; a dos fortes e a dos fracos. Neste aforismo as ovelhas dizem umas as outras: *essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha - este não deveria ser bom?* E nesse mesmo momento, as aves de rapina que sobrevoam o rebanho, com

<sup>87</sup> BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996, p.226.

<sup>88</sup> FOUCAULT, 2007. p. 29.

zombaria comentam entre si: *nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha*<sup>89</sup>.

É justo destacar que o termo moral, grosso modo, não é tido aqui como um conjunto de normas e regras, mas sim como perspectiva avaliativa. Assim tem-se que a moral da ave de rapina (dos nobres, dos senhores, dos fortes) é constituída a partir do critério de bom, que atribui a ela mesma. Somente muito depois, com desdém, cria o seu contraste – o ruim – e o atribui àqueles que não conferem condições de combate, àqueles que são incapazes de lutar, que não têm condições de ser um honrado inimigo.

Retomando as questões sobre filosofia e história, a perspectiva nobre é a perspectiva do historiador efetivo e também esclarece o que Nietzsche disse a respeito de *honrar no amigo o inimigo*. O inimigo/amigo é o obstáculo que se transfigura em estímulo, pois se presta ao confronto e por isso é digno de estar na mesma casta, ou melhor, fazer parte da mesma tipologia nobre de ser humano. É justo novamente destacar, à luz de Scarlet Marton<sup>90</sup>, que quando Nietzsche enaltece os nobres tem em mente a aristocracia guerreira dos tempos homéricos, junto à personagens como Heitor, Aquiles, Agamêmnon e Patroclos. Não é à nobreza como classe social que ele se refere.

Por outro lado, a moral das ovelhas ou do rebanho (dos ressentidos, dos escravos, dos fracos) constitui-se a partir da criação do critério de mau, que atribui aos fortes. E, em contrapartida, adotam para si o critério de bom. Essa é a perspectiva avaliativa do historiador tradicional.

Tem-se em mãos um primeiro momento do que Nietzsche chamou de *procedimento genealógico*, que consiste justamente em questionar o valor dos valores: a perspectiva valorativa e a realidade política, econômica e social sob a qual o valor foi criado. Afinal, resta claro, que o *bom* da moral do nobre não é o mesmo *bom* da moral do ressentido, pois o bom da moral deste último surgiu de um movimento de reação, negação e oposição. O *bom* do historiador tradicional visa a continuidade e o *bom* do historiador efetivo visa o acontecimento. O *bom* da perspectiva nobre do filósofo é criar conceitos, enquanto que o *bom* da moral dos filósofos ressentidos é resgatar e refletir sobre velhos conceitos.

---

<sup>89</sup> NIETZSCHE, F. Genealogia da moral. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999. p. 337.

<sup>90</sup> MARTON, S. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Palestra proferida no primeiro curso livre de humanidades. São Paulo: Cultura Marcas, 2004.

Diante de tais considerações é imprescindível questionar: a moral do nobre é melhor que a do ressentido? A moral do senhor é melhor que a do escravo? A perspectiva da história efetiva é melhor que a perspectiva tradicional? Qualquer juízo de valor que se adote como possível resposta para os presentes questionamentos entrará em um turbilhão de outros questionamentos na busca pela perspectiva avaliativa daquele que está respondendo. Assim, quando se opta por dizer que uma moral é melhor que a outra, esse *melhor* é o da perspectiva avaliativa nobre ou ressentida? Se houver resposta irá novamente ser questionado: quem avaliou se é o *bem* da perspectiva do senhor ou do escravo, um nobre ou um ressentido? E assim sucessivamente as avaliações vão ocorrendo com base nos referenciais históricos da perspectiva avaliativa e do *zeitgeist* (espírito do tempo) vivido. Como sair desse ciclo vicioso e tendencioso?

Nietzsche encontrou a saída junto de *um valor que não pode ser avaliado por nenhum ser vivo, pois é parte interessada; e nem por um morto, por outros motivos*. O valor a que Nietzsche se refere é a *Vida* – o valor dos valores. Para ele, vida é vontade de poder, vontade de potência que se desdobra e atua no intuito de se conservar e se superar, estando, a todo o momento, ladeada pelo *Caos* e pelo *Trágico*. Um eterno expandir inerente a todos os seres e coisas do Universo. Por esse modo, cabe àquele que quer avaliar a sensibilidade para perceber e pensar se determinado valor ou perspectiva avaliativa favorece (potencializa) ou não a *Vida* e, retomando as questões expressas supra, seria mais adequado perguntar: a moral do senhor potencializa mais a *Vida* que a moral do escravo? A moral do nobre favorece mais a *Vida* que a moral do ressentido?

## SENTIMENTO DE CULPA e MÁ CONSCIÊNCIA: Entre Filogênese & Ontogênese

*No que tange a homens muito recuados no tempo, basta-nos saber seus objetivos para enaltecê-los ou reprová-los como um todo. Quanto aos que nos são mais próximos, julgamos de acordo com os meios pelos quais eles cumprem seus objetivos: não raro, condenamos seus objetivos, mas terminamos por amá-los em virtude dos meios e do tipo de seu querer. Os sistemas filosóficos são integralmente verdadeiros apenas aos olhos daqueles que os fundaram: a todos os filósofos ulteriores, eles consistem, em geral, num grande equívoco e, para as mentes mais enfraquecidas, numa soma de equívocos e verdades.*

*Nietzsche*

Quem é o ser humano? Ou melhor, quem somos nós? Mas a que se refere ou quem contempla este nós? Ou ainda, *quem* é este que questiona?

*Por tanto amor, por tanta emoção a vida me fez assim. Doce ou atroz, manso ou feroz... Eu caçador de mim... Preso a canções, entregue a paixões que nunca tiveram fim, vou me encontrar longe do meu lugar... Eu, caçador de mim...*

*Nada a temer senão o correr da luta. Nada a fazer senão esquecer o medo. Abrir o peito a força, numa procura, fugir às armadilhas da mata escura...*

*Longe se vai, sonhando demais, mas onde se chega assim? Vou descobrir o que me faz sentir... Eu, caçador de mim...<sup>91</sup>*

O ser humano é um ser que se faz no mundo através das duas conotações que a palavra sujeito carrega: um ser asujeitado, cativo, dócil, dependente; mas também um ser que pensa, que atua como fonte e atualização de movimentos. É um ser caracterizado pela ambivalência de forças e traços históricos que marcaram o des-envolvimento de sua espécie e que atuam firmemente em seu particular des-envolvimento. Viver é estar situado(a) em tempos e espaços constituídos por perspectivas de valores que denotam o que a Vida é, da mesma forma que dispõem sentidos e finalidades aos seres que fazem parte dela. De outra forma, viver é a caminhada em busca da experiência sensível da Vida. Vida que, como caminho, muito antes da chegada dos passos do andarilho já fora pensada, pesada, cultuada ou menosprezada pelos des-semelhantes deste.

---

<sup>91</sup> SÁ, L. C. e MAGRÃO, S. Caçador de mim. Em: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. BMG Ariola, 1981. (grifos nossos).



A primeira cultura a pensar e conceituar a vida no ocidente – seu sentido, de onde vem? para onde vai? – foi a cultura grega. Os gregos compreendiam a Vida por dois aspectos: *zoé* a vida animal, biológica, que constitui todos os seres vivos e *bios* que se referia à vida racional, própria de cada sujeito ou grupo (ação moral). De acordo com Jurandir Freire Costa<sup>92</sup>, a *bios política* era a vida predileta, admirável dos gregos, pois o homem, através do que fazia (*praxis*) e naquilo que dizia (*lexis*), *iria se individualizar no sentido de ser alguém que excelenciava para manter a virtude essencial grega, que era a virtude de fazer viver a polis democrática*, sinônimo de liberdade. *Zoé* era a parte da vida discriminada (vergonhosa), pois rebaixava a dignidade do homem que, apesar de todas as suas virtudes políticas, se via escravo das imutáveis e contínuas necessidades do corpo – nutrição, sexo, excreção. Por ter essa conotação, *zoé* caracterizava o campo particular – *o resto* – da vivência do cidadão ateniense. Este campo não era balizado por leis ou qualificações ideais de conduta, mas era marcado pela moderação: não comer, nem beber, nem ter relações sexuais ou ser violento em demasia. E, justamente, tal moderação – capacidade de gerir convenientemente esse espaço depreciado da vida – denotava a primazia do cidadão para governar a *polis*.

Resta claro que o corpo é algo desqualificado para caracterização ou definição da vida na cultura grega. Como destaca Costa<sup>93</sup>, o corpo – *soma* – ou mesmo a palavra *soma* era utilizada pelos gregos para se referir ao cadáver – o sem vida anímica – ou o escravo que, derrotado em batalha, teria preferido manter a vida animal (a vida de necessidades) em detrimento à vida heróica e honrada. A figura do escravo denota, portanto, que o corpo é apenas um suporte para a manifestação da vida. Era uma substância inerte/neutra atravessada pela vida. O corpo é (e traz) aquilo que não deve fazer parte da *polis* grega. Dessa forma, pensamento (vida política e qualificada) e corpo (necessidades e animalidades) são coisas díspares para os gregos.

Quando da conquista dos gregos pelos romanos, os conceitos de *bios* e *zoé* foram traduzidos ou agrupados na palavra/conceito *vita* e o conceito *soma* fora traduzido para *corpus*. Destarte, toda a complexidade filosófica grega disposta em relação à vida fora simplificada pelos romanos a fim de melhor balizar sua legislação – marca indelével de tal

---

<sup>92</sup> COSTA, J. F. *Uma história da subjetividade no ocidente. Café Filosófico*. São Paulo: Cultura Marcas. Programa gravado no espaço CPFL. Obtido via internet em: <http://www.cpfcultura.com.br/video/historia-da-subjetividade-no-ocidente-da-vida-politica-vida-higienico-romantica-percurso-da>. Publicado em 28/02/2009. Acesso em: 27/05/2009.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

civilização. De maneira geral, *vita* e *corpus* serviram de suporte aos romanos para definir juridicamente dois tipos de vida que, nas palavras de Costa<sup>94</sup>, seriam a *vida* e *resto da vida* ou *vida qualificada* e *vida não-qualificada*. Ou seja, havia para os romanos a vida digna que era vivida pelo patriciado e a vida indigna devotada aos não-patícios. E foi, justamente, essa idéia de *vida não qualificada* que deu origem ao *homo sacer*<sup>95</sup>, o *homem sagrado* que não gozava dos mesmos direitos que os cidadãos romanos e contava com um agravante contra ele: por ser uma *vida nua*, apenas uma substância, seu assassinato não configurava crime de acordo com a legislação romana, de modo que, tal ato não era passível de punição.

*Para quê, então, existia essa figura do 'homo sacer' – do homem banido, do homem reduzido ao corpo, do homem que não tinha a boa vida? O 'homo sacer' existia por uma necessidade cultural e específica de Roma, que era para afirmar a absoluta soberania do governante. Era o governante, era o soberano quem tinha o poder de dizer quem merece morrer e quem pode viver. O 'homo sacer', o 'corpus' e não mais o 'soma', é o resto da vida. É aquilo que não se enquadra na vida, cuja clareza, cuja decifração, se fazia, sobretudo, através do seu estatuto jurídico. Era a lei que dizia o que era a vida ou a vida boa de ser vivida [e] não mais a política e nem a filosofia*<sup>96</sup>.

Nos meandros do processo que tornou o cristianismo a religião oficial do império romano viu-se que nas manobras e rearranjos da passagem do judaísmo ao cristianismo uma das principais questões em voga referia-se, principalmente, nos litígios de Paulo de Tarso, ao papel das leis, especificamente, o dever em cumprí-las<sup>97</sup> para a boa vida do homem religioso. Questionava Paulo: em nome de algo maior, a lei pode ser descumprida?<sup>98</sup> Junto de tal questionamento surge um conjunto de prédicas e práticas que abre a possibilidade de um

---

<sup>94</sup> Ibidem.

<sup>95</sup> Ver mais a respeito em AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

<sup>96</sup> COSTA, 2009. (transcrições nossas).

<sup>97</sup> Na Bíblia, o discurso paulino questiona: *Deus só o é dos judeus? Não é também Deus dos pagãos? Sim, ele o é também dos pagãos. Porque não há mais que um só Deus, o qual justificará pela fé os circuncisos e, também pela fé, os incircuncisos. Destruímos então a lei pela fé? De modo algum. Pelo contrário, damos-lhe toda a sua força. (ROMANOS 3. 29-31); O pecado já não vos dominará, porque agora não estais mais sob a lei, e sim sob a graça. Então? Havemos de pecar, pelo fato de não estarmos sob a lei, mas sob a graça? De modo algum. (ROMANOS 6. 14-15)*. Obtido via internet em: [www.bibliacatolica.com.br](http://www.bibliacatolica.com.br). Acesso em: 01/09/2010.

<sup>98</sup> *Pagai a cada um o que lhe compete: o imposto, a quem deveis o imposto; o tributo, a quem deveis o tributo; o temor e o respeito, a quem deveis o temor e o respeito. A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco; porque aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a lei. Pois os preceitos: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e ainda outros mandamentos que existam, eles se resumem nestas palavras: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é o pleno cumprimento da lei. Isso é tanto mais importante porque sabeis em que tempo vivemos. Já é hora de despertardes do sono. A salvação está mais perto do que quando abraçamos a fé. (ROMANOS 13. 7-11)*. Idem.

novo processo de subjetivação, tanto que, durante algum tempo – até estranharem a falta de razão e excesso de fantasia oriundos dos exercícios de aproximação com conceitos (neo)platônicos –, o cristianismo era visto pelos gregos como uma ética ou um exercício moral, ao invés do preâmbulo de uma religião.

Mas foi justamente contra a legislação romana que se fazia e definia pelo uso do poder e da imposição da força que determinava a organização social, que os questionamentos e argumentos paulinos tiveram maior impacto. Paulo, valendo-se do pressuposto de que Deus se fez fraco e se aliou aos fracos para vencer os fortes, aponta que é a fraquesa que vence a força e é a partir de tal discurso que ele irá litigar contra a força da lei feita código e contra a sabedoria – oriunda do pensamento filosófico imanente – como persuasão racional. De acordo com Costa<sup>99</sup>, esse movimento determinou a maneira como os cristãos compreendiam a vida que voltou a ter um caráter dual, tal qual nos gregos, contudo, com perspectivas diferentes. Para os cristãos, ao invés da *bios* e da *zoé* grega, existia a *vida segundo o espírito* e a *vida segundo a carne*: a primeira como a vida vivida na graça e a segunda como vida vivida em pecado. A substância do corpo estava relacionada à ascese paulina como o palco para a manifestação de Deus.

Junto das perspectivas de Costa, é a partir da criação do *resto da vida* – que surge de uma idéia de vida – que certa cultura cria uma determinada imagem de corpo que irá ser decisiva para o lugar e compreensão sobre este na sociedade, influenciando diretamente nos processos de subjetivação a exemplo do *homo sacer* romano que nem direito à vida tinha. Cumpre destacar, que o movimento que subjaz no processo de subjetivação cristão é, a primeira vista, contrário ao dos processos de subjetivação grego e romano, pois exercita o excesso ao invés da falta.

Como visto, a subjetividade grega era definida pela impossibilidade de autonomia plena do cidadão, pois esse ainda tinha de se curvar às necessidades do corpo e era o modo como se tratava essa falta – no sentido de uma melhora de si – que o dignificava para ser um cidadão grego. Já em Roma, é a lei quem define quem é cidadão romano ou não. Por essa forma, é a *falta do berço de ouro* ou (não) fazer parte do patriciado que definia a subjetividade e os modos de vida dos sujeitos de direito e dos não-cidadãos. Por outro lado, o que caracterizava a subjetividade cristã era o excesso oriundo da presença de Deus no corpo e

---

<sup>99</sup> COSTA, 2009.

a certeza de que a grandeza de Deus não se exauria na vivência (particular) do sujeito. Assim, o processo de subjetivação se estabelece no trato com a exigência de ser maior do que se é e fazer a humanidade maior e melhor do que ela é, pois, somente assim, Deus poderia revelar sua grandeza.

Decorre desse entendimento a idéia de *universalidade humana*. O ser humano não é mais caracterizado por uma classe, casta, etnia ou tipo de vida des-qualificada e por esse modo não há espaço para a discriminação entre os homens, mas sim para o exercício da grandeza divina que nele e em tudo pulsa, impelindo-o a ser maior e melhor do que se é – em todos os dias da semana. O *resto de vida* como excesso divino e não mais como *vida animal* ou *corpus* re-volta-se ao ser humano como a ausência de plenitude, pois esta idéia não mais se basta nos pressupostos de cidadão helênico ou patrício romano. A idéia de *falta* retorna fazendo o seu *trottoir* (passeio) na condição de processo de subjetivação a partir de uma existência *por se completar, uma existência marcada pelo que não era e jamais poderia ser – a não ser na Cidade de Deus*<sup>100</sup>.

Para os gregos, aquilo que lhes era tido como falta, vergonha ou dívida – sua herança filogenética – era tomada como material de ascese, de trabalho, de cuidado, de aperfeiçoamento de si mesmo. Era uma luta, um exercício constante na esfera privada de sua vida que visava a moderação ou o bom uso da *força ativa* consigo mesmo e com os dinâmicos consensos que surgiam na *polis*, muitos deles relacionados com a boa forma de viver. Com o advento do cristianismo o *cuidado-de-si* (utilizando uma terminologia foucaultiana) como lapidação de suas demensialidades, desmedidas e necessidades **imanentes** é perdido em nome da idéia de uma completude e/ou plenitude **transcendente**. A virtuose da boa vida, do bem viver humano, não mais se encontra em si mesmo, em suas atitudes, em suas produções de valores, mas em um ente supremo com o qual se está em falta ou em dívida<sup>101</sup>. Destarte, o homem toma para si o arreio subjetivo ou o processo de subjetivação do *devedor*.

*Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, corroe, espicaçou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem "amansar", que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata – esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do*

<sup>100</sup> COSTA em referência a obra de Santo Agostinho.

<sup>101</sup> No idioma alemão a palavra dívida também é sinônimo de culpa (*Schuld*).

*desespero tornou-se o inventor da "má consciência". (...) De fato, necessitava-se de espectadores divinos, para fazer justiça ao espetáculo que então começava e cujo fim não se prevê - espetáculo demasiado fino, portentoso e paradoxal, para que pudesse acontecer absurdamente despercebido, num astro ridículo qualquer!*<sup>102</sup>.

A idéia de *falta* como sinônimo de *inquietante incompletude* começa – com o advento das idéias paulinas – a tomar contornos de um outro tipo de falta que está relacionada ao *sentimento de culpa* e/ou *má consciência* decorrente da relação que se estabelece com o outro e consigo próprio a partir de um *ideal* a ser atingido ou uma dívida eterna a ser paga. Mas esse tipo de relação não surge com o cristianismo. Nietzsche aponta que *o sentimento da culpa, da obrigação pessoal, (...) teve sua origem, (...) na mais antiga e mais originária relação pessoal que há, na relação entre comprador e vendedor, credor e devedor*<sup>103</sup>. Freud, por sua vez, indica que o sentimento de culpa e a consciência moral aparecem na gênese da civilização muito antes das religiões e até mesmo dos mitos.

Tomando por base uma gama considerável de discursos do seu tempo – antropologia, biologia, filologia, filosofia etc. – Freud, na obra *Totem e Tabu*<sup>104</sup>, começa a pensar o possível início do processo civilizatório. Em seu intento, aponta haver nas hordas primevas dois tabus<sup>105</sup>: não matar o pai e nem manter relações sexuais com as mulheres deste. Tais interditos (somadas as ingerências totêmicas) dão suporte a suposta origem das relações endogâmicas e exogâmicas a partir de hordas primordiais.

O *totem* é a representação do *tabu* em um animal tido como o guardião, o guia, o antepassado que direciona e dá identidade ao clã. O animal totêmico é tido como sagrado e seu consumo é permanentemente proibido na esfera da vida particular de um membro do clã. De acordo com o tabu, esse crime particular traria punições não só para o sujeito, mas a toda tribo. O consumo de tal animal – para fins de adquirir sua força e intensificar os laços de identificação entre os membros do clã – só é possível por meio de um elaborado rito (na maioria das vezes, um festejo) em que a responsabilidade pelo sacrilégio é compartilhada por

---

<sup>102</sup> NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 109. §16.

<sup>103</sup> NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral. Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultura Ltda., 1999, p. 348. §3.

<sup>104</sup> FREUD, S. *Totem e Tabu. Edição standard brasileira das obras completas v. XIII*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1990.

<sup>105</sup> Interdito passível de punição e/ou fundamentado na crença de punição ou impureza pela violação. É tido como algo natural no seio civilização, não necessitando a materialização de nenhuma lei a não ser o caráter sacro e inviolável disposto pelas convenções da tradição.

todo o clã. É justamente nesse sentido que diante do parricídio, ou seja, a violação do primeiro tabu, há uma inversão ou *substituição da horda patriarcal pela fraterna; a união dos irmãos sustenta, assim, o laço social consangüíneo*<sup>106</sup>. A civilização só se desenvolve se compartilhar a culpa advinda do crime totêmico. *A sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum; a religião baseava-se no sentimento de culpa e no remorso a ele ligado, enquanto a moralidade fundamentava-se parte nas exigências de tal sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa*<sup>107</sup>.

Cumprido ressaltar, que é a partir de tais relações engendradas pelo totemismo que Freud cria a idéia de *Complexo de Édipo* que seria o estruturante da civilização. Nas considerações de Mariguella, *as duas leis primordiais do totemismo – não matar o pai e não manter relações incestuosas com as mulheres pertencentes a ele – são apontadas como correspondentes aos dois desejos reprimidos no complexo de Édipo. Portanto, essas duas leis estabeleceram as bases para a organização social*<sup>108</sup>. O que Freud destaca em tal processo é a exemplo do mito *Édipo Rei* de Sófocles, a vontade que perfaz o ser humano em matar o pai e ficar com a mãe. Assim, o tabu como um interdito social – consensual em sua caracterização e decorrentes punições por sua violação – marca o início dos processos neuróticos, pois o pensamento seria o deslocamento da consumação do ato praticado pelo ser humano primitivo. Sendo assim, o pensamento é a passagem da filogênese à ontogênese como perfeito substituto do ato. *Dessa forma, o neurótico representa a cena mítica primordial da gênese da civilização: a ontogênese recapitula e repete a filogênese. O sentimento de culpa dos neuróticos remete-se, assim, aos dois tabus que alicerçam a civilização*<sup>109</sup>.

A metapsicologia freudiana, no que tange a apreensão do sujeito psíquico, pode ser descrita em três partes que gradualmente se complementam: concepção topográfica (formulação de um aparato psíquico a partir de conhecimentos de fisiologia e física); primeira tópica (formulação de um aparato psíquico subdividido em três áreas: Inconsciente, Pré-Consciente/Consciente e Consciente); segunda tópica (complemento da primeira – psique

---

<sup>106</sup> MARIGUELA, M. A. Freud e Nietzsche: ontogênese e filogênese. Em: *Impulso* – Revista de ciência sociais e humanas. Volume 12. Piracicaba: Unimep, 2001, p. 107.

<sup>107</sup> FREUD, 1990, p. 175.

<sup>108</sup> MARIGUELA, 2001, p. 107.

<sup>109</sup> Idem, p. 108.

constituída por três instâncias psíquicas: *Isso*, *Eu* e *Supereu* ou *Id*, *Ego* e *Superego* ou *Das Es*, *Ich* e *Über-ich*).

O *Isso* é uma instância psíquica inconsciente, morada de *Thânatos* (pulsão de morte), fonte de todos os desejos e regida pelo *princípio do prazer*, o qual reclama a satisfação imediata dos desejos que ali se originam. O *Eu* é uma outra instância psíquica, que em grande parte também é inconsciente. Regida pelo *princípio da realidade*, tem como função conciliar, mediar, reprimir ou adiar os desejos oriundos do *Isso* e as forças repressoras do *Supereu*, sendo as formações de compromissos (tais como os sintomas) fruto dessas conciliações. De outro lado, o *Supereu* é um desdobramento do *Eu* (ideal) por ser constituído principalmente por desígnios sócio-culturais provenientes do meio com o qual ou com os quais o sujeito se relaciona. Assim, o *Supereu* é considerado o herdeiro do *Complexo de Édipo*: limite ou interdito dado radical e severamente pelo *outro*, através dos consensos sociais, que levam a identificação e introjeção de valores e normas sociais. Esta instância faz-se basicamente consciente principalmente através da criação dos ideais (como os de verdade e justiça ou as perspectivas futuras do sujeito), mas também possui aspectos inconscientes que o atravessam e o auxiliam na austera submissão do *Eu*. Decorre dessa tensa sujeição do *Eu* ao *Supereu* o *sentimento de culpa* que, por sua vez, reclama punição e tem os sintômas neuróticos como manifestação:

*Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu - a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. (...) Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro - isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua "alma"<sup>110</sup>.*

O sentimento de culpa é o mal-estar da civilização como promulgou indubitavelmente a obra freudiana em seus escritos e vivências. E foi, justamente, nela que inúmeras vezes tropeçou o des-envolvimento cultural humano. Conforme apresenta Ernest Jones, *Freud pretendeu representar o sentimento de culpa como o mais importante problema na evolução da cultura, e deu a entender que o preço do progresso no seio da civilização é pago pela*

---

<sup>110</sup> NIETZSCHE, 1998, p. 67.

*privação da felicidade através da intensificação do sentimento de culpa*<sup>111</sup>. Tal sentimento, para Freud, possui duas fontes:

*Uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste em uma renúncia às satisfações pulsionais; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, porque a persistência dos desejos recalçados não pode ser escondida do superego*<sup>112</sup>.

Por outro lado, aponta Nietzsche:

*O homem, o mais bravo e mais habituado ao sofrimento dentre os animais, não nega em si o sofrer, ele o quer, ele o procura mesmo, pressuposto que lhe indique um sentido para isso, um para quê no sofrimento. A ausência de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até agora esteve estendida sobre a humanidade – e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido! Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum sentido; o ideal ascético era, sob todos os aspectos, o "faute de mieux" par excellence que houve até agora. Nele o sofrimento era interpretado; o descomunal vazio parecia preenchido; a porta se fechava para todo niilismo suicida. A interpretação – não há dúvida nenhuma – trouxe novo sofrimento consigo, mais profundo, mais íntimo, mais corrosivo da vida: pôs todo sofrimento sob a perspectiva da culpa... Mas a despeito disso – o homem estava salvo, tinha um sentido, não era mais, daí em diante, uma folha ao vento, uma bola jogada pela insensatez, pelo "sem-sentido", podia doravante querer algo – era indiferente, de imediato, para onde, para quê, com quê ele queria: a vontade mesma estava salva*<sup>113</sup>.

O exposto até o presente momento traz, em destaque, uma forma de ser humano balizado e mobilizado pela falta – o *descomunal vazio* expresso por Nietzsche. Dessa falta salta um “sem-sentido” para a existência humana que foi preenchida pelo ideal ascético que aplacou os instintos tão úteis historicamente ao des-envolvimento deste ser, mas que não cessam de pedir efetivação: *Creio que jamais houve na terra um tal sentimento de desgraça, um malestar tão plúmbeo - e além disso os velhos instintos não cessaram repentinamente de fazer suas exigências!*<sup>114</sup>.

Por outro lado, Freud aponta que tal falta está relacionada aos tabus fundantes da civilização – não matar o pai e nem ter relações incestuosas com suas mulheres. Junto das des-similitudes de tais considerações, tem-se como desfecho que ambas desembocam em

<sup>111</sup> JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. V. I e II. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

<sup>112</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 151.

<sup>113</sup> NIETZSCHE, 1999, p. 370. §28.

<sup>114</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 110. §16.



interditos que geram no ser humano o sentimento de culpa e/ou má consciência. A(s) maneira(s) de lidar com essa falta determinam os processos de subjetivação que denotam as formas como o ser humano, na transição da filogênese (ato) à ontogênese (pensamento), valora, pensa e (se) produz na relação com o outro.

*Ando tão à flor da pele que qualquer beijo de novela me faz chorar. Ando tão à flor da pele que teu olhar “flor na janela” me faz morrer. Ando tão à flor da pele que meu desejo se confunde com a vontade de não ser. Ando tão à flor da pele que a minha pele tem o fogo do juízo final*<sup>115</sup>. O próprio Nietzsche questiona, ao final da *Genealogia da Moral* que, para além dos ideais ascéticos, o homem não teve até então um sentido... *Barco sem porto, sem rumo, sem vela, cavalo sem sela; bicho solto, um cão sem dono, um menino, um bandido, às vezes me preservo noutras, suicido!* Como expresso alhures, subitamente os instintos que guiavam o ser humano foram desvalorizados e privados de manifestação (*suspensos*), voltados para maquinações mecanicistas entre causas e efeitos. Ficaram restritos à supremacia da consciência – o *orgão mais frágil e falível*<sup>116</sup> para Nietzsche e o *joguete* entre os reclames do *Isso* e do *Supereu* para Freud: *o homem já não é mais senhor dentro de sua própria casa*<sup>117</sup>.

Pressupor algo inconsciente, que até o presente momento esteve aqui disposto através do signo da falta, é dispor que há no fazer consciente algo que escapa, que atravessa, que traz no saber um não-saber que impede que o sujeito esteja inteiro, em plenitude, naquilo que faz e pensa. De acordo com Freud *o que descrevemos como ‘nosso caráter’ baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e, além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes*<sup>118</sup>. Por esse modo, destaca-se que o funcionamento do aparelho psíquico é regressivo.

*Podemos calcular quão apropriada é a asserção de Nietzsche de que, nos sonhos, ‘acha-se em ação alguma primitiva relíquia da humanidade que agora já mal podemos alcançar por via direta’; e podemos esperar que a análise dos sonhos nos*

<sup>115</sup> BALEIRO, Z. Flor da pele. Em: *Gal Costa - Acústico MTV*, 1997.

<sup>116</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 67. §16.

<sup>117</sup> Freud após o lançamento da obra *A interpretação dos sonhos (Traumdeutung): Contém ela a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só ocorre uma vez na vida*. Em: GARCIA-ROSA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editor, 2002, p. 61.

<sup>118</sup> FREUD, S. *A interpretação dos sonhos. Edição standard brasileira das obras completas*. v. V. 2ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 494.

*conduza a um conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato*<sup>119</sup>.

Disposto que o aparelho psíquico humano atua através de regressões mnêmicas, nossa disposição em buscar o que há de mais distante nesse aparelho nos leva a idéia, como destaca Mariguela que, o que fora relatado como *psiquicamente inato* por Freud refere-se a mais uma similitude de sua obra com a de Nietzsche que foi publicada em seu texto de 1923 *O Ego e o Id*, quando adota o termo gramatical *Das Es* para referir-se a algo *desconhecido, inconsciente* e, em resumo, *impessoal*, que é determinante na natureza humana. Desse modo, a idéia de *falta* que trabalhamos até então se mostra como *signo de impessoalidade*. E é justamente esse caráter de impessoalidade que nos faz questionar, por exemplo, a universalidade do complexo edípico ou mesmo sua função na estrutura social contemporânea. Da mesma forma, nos permite questionar a que vontade se referia Nietzsche ao dizer que *o ideal ascético foi o menor dos males por excelência* para salvá-la.

#### PARA ALÉM DO COMPLEXO DE ÉDIPO

*Eu falo de amor à vida, você de medo da morte. Eu falo da força do acaso e você de azar ou sorte. Eu ando num labirinto e você numa estrada em linha reta. Te chamo pra festa, mas você só quer atingir sua meta. Sua meta é a seta no alvo, mas o alvo, na certa, não te espera.*

*Eu olho pro infinito e você de óculos escuros. Eu digo: "Te amo!" e você só acredita quando eu juro. Eu lanço minha alma no espaço, você pisa os pés na terra. Eu experimento o futuro e você só lamenta não ser o que era. E o que era? Era a seta no alvo, mas o alvo, na certa, não te espera.*

*Eu grito por liberdade, você deixa a porta se fechar. Eu quero saber a verdade e você se preocupa em não se machucar. Eu corro todos os riscos, você diz que não tem mais vontade. Eu me ofereço inteiro e você se satisfaz com metade. É a meta de uma seta no alvo, mas o alvo, na certa não te espera!*

*Então me diz qual é a graça de já saber o fim da estrada, quando se parte rumo ao nada?*<sup>120</sup>

Freud e Nietzsche são inquestionavelmente importantes para se pensar um ser humano para além dos pressupostos modernos e contemporâneos acerca do mesmo e da realidade em

<sup>119</sup> A citação que Freud fez de Nietzsche encontra-se como nota de rodapé acrescentada na edição de 1919 da obra *A interpretação dos sonhos* e refere-se ao aforismo 12 de *Humano, demasiado humano*, em que Nietzsche escreve: *Mas no sonho todos nós parecemos com o selvagem; (...) Portanto, no sono e no sonho repetimos a tarefa da humanidade primitiva.*

<sup>120</sup> MOSKA, P. e ROMERO, N. A seta e o alvo. Em: Moska. Álbum: *Através do espelho*. EMI-Odeon, 1997.

que se insere. Contudo, não são os únicos, principalmente, quando nos referimos ao tipo humano ou as subjetividades possíveis nesse início de século XXI. Deleuze, Guattari, Foucault e seus interlocutores são peças chaves em tal intento e formam um rizoma de pensamentos potentes para pensar e deixar dançar um *móBILE solto no furacão*. Eis a que se dedicam as próximas páginas.

*Um fala, o outro escuta  
Um cala, o outro muda  
Um grita, o outro olha  
Um habita, o outro desfolha  
Um aperta, o outro solta  
Um liberta, o outro volta  
Um salta, o outro pausa  
Um falta, o outro ousa  
Entrar na fenda que nos separa da ponte que nos aproxima  
Quem retirou a última pedra do muro que estávamos vivendo em cima?*

*Um corre, o outro estanca  
Um morre, o outro arranca  
Um atura, o outro devora  
Um mistura, o outro demora  
Um concorda, o outro sabe  
Que um transborda, o outro cabe  
Um chamosca, o outro congela  
Um busca, o outro revela  
A fenda que nos separa da ponte que nos aproxima  
Quem retirou a última pedra do muro que estávamos vivendo em cima?*

*Um existe, o outro permanece  
Um insiste, o outro acontece  
Um estranha, o outro acostuma  
Um acompanha, o outro desarruma  
Um agarra, o outro conquista  
Um esbarra, o outro despista  
Um batalha, o outro entrega  
Um encalha e o outro navega  
Na fenda que nos separa da ponte que nos aproxima  
Quem retirou a última pedra do muro que estávamos vivendo em cima?<sup>121</sup>*

A idéia de um pensamento rizomático livra o presente texto de ter início, meio e fim. Podendo, assim, começar a se des-enrolar por meio de diversas sendas. Contudo, apenas para dar seqüência ao que se começou a discutir, vamos resgatar os questionamentos deixados no final do tópico anterior. O primeiro deles faz referência à universalidade do complexo de Édipo e sua possível relação com o(s) tipo(s) de civilização da contemporaneidade e sua influência nos processos de subjetivação. O segundo questionamento volta-se para discutir e

---

<sup>121</sup> MOSKA, P. Um e outro. Álbum: *MóBILE*. EMI-Odeon, 1999.

pensar a questão da vontade em Nietzsche. Cumpre destacar, que tais questionamentos surgiram a partir da idéia de *natureza humana* como algo impessoal.

A origem da civilização a partir do mito da horda primitiva foi uma das grandes invenções de Freud. Dizer que o Complexo de Édipo é uma invenção denota o exercício de negar uma origem para a mesma. O próprio Nietzsche, para frisar a diferença entre tais condições utilizava-se, no idioma alemão, da palavra *Erfindung* para se referir à invenção e *Ursprung* para se referir à origem. Não sendo o complexo edípico *natural* do ser humano, pode-se inferir, como Foucault já o fez, acerca da utilidade e a funcionalidade de tal invenção para a manutenção do *status quo* em uma sociedade ou Estado fundado na lei, na interdição. E, da mesma forma, pensar como essa questão balizou as produções de subjetividades.

*Com isso, não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da libido, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. Em suma, a idéia era a de pesquisar, nessa genealogia, de que maneira os indivíduos foram levados a exercer, sobre eles mesmos e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo à qual o comportamento sexual desses indivíduos sem dúvida deu ocasião, sem, no entanto, constituir seu domínio exclusivo. Em resumo, para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma 'sexualidade', seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo<sup>122</sup>.*

É evidente que a invenção freudiana traz em si o manuseio do desejo com referência na lei simbólica que estabeleceu junto da obra *Totem e tabu*. Resta claro, junto das considerações de Foucault, que o simbolismo apresentado por Freud como gênese da civilização denota a condição de um sujeito humano a-histórico. A questão que Foucault se coloca e nos apresenta, refere-se, justamente, a interpretação desse desejo no decorrer da história humana. Ou, dizendo de outro modo, como é que o sujeito foi se relacionando com o desejo ou os discursos (“verdades”) acerca dele e, nesse movimento, foi da condição de sujeito determinado por uma natureza humana universal para uma possibilidade representativa de subjetividade em processo auto-exo-constitutivo. Tal como indicam

---

<sup>122</sup> FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 11.

Deleuze e Guattari: *O passeio do esquizofrênico: é um modelo melhor que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o exterior*<sup>123</sup>.

Diante de tais considerações, resta claro que o campo de atuação do Inconsciente não fica isolado em uma estrutura anatomo-fisiológica do corpo humano. O aparelho psíquico é justamente algo virtual, mas, entretanto, apresenta-se e re-configura-se no contato com o outro. Ou seja, ele não é algo estático, indelével, que possui sua *origem* na estruturação e no interdito edípico. Desse modo, o Inconsciente é movido pela experiência da falta, mas, como já pensado em outro momento, falta como caráter impessoal. Assim, a falta não tem objeto, mas possui objetivo. Um objetivo estético e ético, pois modulável, maleável, expansivo, temperamental e histórico.

A humanidade, em cada um daqueles que a constitui, perfaz uma viagem que vai da ignorância ao conhecimento, do conhecimento à ignorância e desta para novas formas e modos de conhecer. Um caminhar do *problema* ao *conceito* e de um conceito a outro, a ponto de construir o próprio chão em que (se) pisa e que (se) pisou. Um escrever o chão com o próprio corpo, tal qual faz a lesma na poesia de Manoel de Barros. Um estudar para saber ignorar, explicar para poder confundir e confundir para poder esclarecer, tal qual fez e faz Tom Zé<sup>124</sup>. É que, como disse Foucault, *o saber não é feito para compreender, mas para cortar*<sup>125</sup>. E toda poda produz novos estados de coisas, ou seja, diferentes formas de (se) conhecer, pensar e dizer, que trazem, tanto no particular como no coletivo, a possibilidade de um movimento dinâmico de forças em que os entraves ou limitações – sejam elas filogênicas, ontológicas, axiológicas ou gnosiológicas – tendem a diminuir ou simplesmente mudar de lugar. Assim, o horizonte do conhecimento se amplia. Não no sentido de evoluir, mas de estabelecer novas conexões, novos matizes de cores, deixando ao pensamento humano a possibilidade de brincar com os pigmentos da vida e criar novas perspectivas de tal horizonte e depois, se for o caso, compartilhá-las sem se esquecer de destacar, principalmente, o lugar de onde fala. O lugar nos dá a referência para a criação e a modulação de novos horizontes. *Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos*

---

<sup>123</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1972, p. 07.

<sup>124</sup> Zé, T. Tô. Em: Tom Zé. Álbum: *O pirulito da ciência – ao vivo*. Biscoito fino, 2010.

<sup>125</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Organização e tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2007. p. 28.

*precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes*<sup>126</sup>.

*Em algum ponto perdido deste universo, cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e da suprema arrogância da história universal*<sup>127</sup>. O conhecimento, tal como expresso na presente citação de Nietzsche, é algo criado, inventado, que não possui origem. Dizer que o conhecimento não possui origem é afirmar que ele não faz parte de uma *natureza humana*, de uma essência humana ou de um determinismo de tal espécie. Pois, como visto, o máximo de legitimidade que a idéia de *natureza humana* pode ter é como algo *impessoal – Das Es* – e não algo humano, demasiado humano como o conhecimento. Para o filósofo/psicólogo alemão, o conhecimento está relacionado aos instintos, mas apenas como fruto dos embates e digladios que estes travam. E complementa Foucault:

*O conhecimento tem por fundamento, por base, e por ponto de partida os instintos, mas instintos em confronto entre si, de que ele é apenas o resultado, em sua superfície. O conhecimento é como um clarão, como uma luz que se irradia, mas que é produzido por mecanismos ou realidades que são de natureza totalmente diversa. O conhecimento é o efeito dos instintos, é como um lance de sorte, ou como o resultado de um longo compromisso (...), como uma ‘centelha entre duas espadas, mas que não é do mesmo ferro que as duas espadas’.*<sup>128</sup>

As considerações supra de Nietzsche e Foucault retomam no presente texto a idéia de que a consciência – *Eu* – está disposta na superfície do aparelho psíquico humano e tem como base os instintos, porém, não sendo de mesmo cunho que os mesmos. *Para Nietzsche*, conforme aponta Giacóia Jr., *todo conhecimento é guiado por interesses e condicionamentos subjetivos, ideológicos; o conhecimento resulta da projeção de nossos impulsos e anseios, razão pela qual Nietzsche o considera sempre determinado por certa perspectiva, seja individual, seja socioculturalmente determinada*<sup>129</sup>. Por sua vez, em seu texto *Instinto e suas vicissitudes*<sup>130</sup> de 1916, Freud delinea que as *pulsões (trieb)* formam um conceito fronteiriço

<sup>126</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 30.

<sup>127</sup> NIETZSCHE apud FOUCAULT, 1999, p. 13.

<sup>128</sup> Idem. pp. 16-17.

<sup>129</sup> GIACÓIA Jr., O. *NIETZSCHE*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 24.

<sup>130</sup> FREUD, S. *Instinto e suas Vicissitudes*. Edição (Eletrônica) Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Imago, 1996.

entre o corpo humano (como substância anatomo-fisiológica) e seu (virtual) aparelho psíquico. Assim, as pulsões que, como força/impulso/ pressão (*drang*), brotam do e no corpo, projetam-se em um campo imanente em que realidades díspares se con-fundem subvertendo dicotomias, tais como sujeito e objeto, real e ficção, dentro e fora, o *eu* e o *outro*.

*Nietzsche quando diz “a minha filosofia brota das minhas entranhas”, “eu escrevo com sangue”, “só tem sentido para mim verdades sangrentas” etc., o que ele está querendo dizer é “a minha filosofia é a transfiguração conceitual das minhas vivências e as minhas vivências são mente e corpo ao mesmo tempo”. Não existe mente e corpo. Existe uma unidade fisio-psicológica de mente e corpo. E é isso que vive! – queiramos nós ou não. E é isto que pensa. E isto que pensa não é ‘eu’. Ou seja, o pensamento pensa a si próprio, o pensamento é alguma coisa que está lá pra ser pensado e derrepente aparece alguém que pensa esse pensamento. De repente, em momentos assim, muito especiais da história da humanidade, aparece um sujeito desse pensamento, mas no fundo, no fundo, o sujeito é o próprio pensamento. De tal maneira que, o filósofo Nietzsche não é o indivíduo empírico Friedrich Nietzsche. Não, é, justamente, aquele que fez da sua vida um exercício de pensamento, que fez do seu corpo um campo de experiências, de experiências do pensamento, e que se comprometeu com isso – pra valer – até o fim. Portanto, “eu”, “si próprio”, “selbest” ou “self” não tem nada haver com a unidade simples da consciência, não tem nada haver com o “ego psicológico”; é uma outra coisa, completamente diferente<sup>131</sup>.*

Como processo de produção de conhecimento que perfaz o exercício disruptivo e constitutivo de si mesmo e de outrem na produção/invenção do i(r)real, o *pensamento* é um desdobramento (ideativo e afetivo, real ou fantasmático) dos processos pulsionais que, segundo Freud, apresetam-se como *pulsão de vida* e *pulsão de morte*. Assim, é o pensamento quem intermedeia e dá forma (sintoma) às relações dos processos de subjetivação que o ser humano participa. Tal como já destacou Giacóia Jr., o pensamento é sempre atravessado por perspectivas individuais e socioculturais. Assim, torna-se imprescindível questionar quais são as perspectivas que atravessam ou que se sobressaem em uma cultura para que seja possível inferir acerca dos modos e processos de subjetivação que esta dispõe – tanto no sentido daquilo que se faz estagnador do pensamento, como daquilo que possibilita rupturas e novos modos de subjetivação.

---

<sup>131</sup> GIACÓIA Jr., O. Desafios contemporâneos: o pensamento. Palestra realizada no programa *Café Filosófico CPFL* gravada no dia 25 de setembro de 2009, em Campinas, como parte do módulo *Como a filosofia pode nos ajudar a enfrentar a crise contemporânea*. Obtido via internet em: <http://www.cpficultura.com.br/video/integra-desafios-contemporaneos-pensamento-oswaldo-giacoia-jr>. Acesso: 17/05/2010.

## O ETERNO RETORNO DO MEDO

A passagem do século XVII ao XVIII foi caracterizada por um movimento que refundamentou as ações e valorações humanas ao substituir sua maior referência de valor durante séculos (a verdade divina) por um outro referencial. Este referencial era o próprio ser humano (e suas produções) que, a partir de então, tinha como intento pensar por si mesmo de maneira autônoma, de forma a buscar a compreensão da realidade e utilizá-la em seu favor. A “verdade científica” passa a ser o novo poder/norte vigente alicerçado na crença da possibilidade de melhoria da humanidade através de experimentos e manipulações que visavam, grosso modo, um objetivo principal: dominar a(s) natureza(s). *Conhecer para dominar* – esse era o propósito humano junto ao conhecimento.

O intento de *melhorar* a humanidade buscando adestrá-la, enfraquecê-la e tornar menos danosa uma dita animalidade ou natureza humana, resultou em uma caricatura doente de homem, malévola e contra si mesma, que engendrou todo um arcabouço teórico-prático – leis, declarações, posturas, noções de valores – que na contemporaneidade alimentam o simbólico das relações humanas, nos termos de concorrência e mérito, para legitimar os discursos e práticas de exclusão e distinção entre os seres humanos.

Ocorre que, na contemporaneidade, em meio a tantos indícios de extinção da espécie humana, a perspectiva de domínio da Natureza perdeu intensidade. Há, desde as últimas décadas do século XX, produções e manifestações humanas no sentido de melhor conhecer o *conjunto de forças* que se nomina por Natureza, a fim de poder lhe dar melhor vazão ao invés de intentar sua repressão. Resta claro que tal intento humano é uma tentativa de se tornar mais forte e evitar a catástrofe de sua extinção.

*Ele nasceu para ser o melhor, seus pais projetaram o futuro ideal. Nada lhes daria mais prazer do que vê-lo crescer bem. Mas naquela manhã encontraram um bilhete com palavras de dor e adeus daquele menino que agora queria ser alguém. É... pois é, meu bem... Castelos de areia derretem quando a onda vem.*

*O crente rezou durante toda a sua vida para ter um sinal do Senhor. Dias e dias dizendo a mesma oração: Amém! E quando seu peito doeu como luz ele pensou: Agora vou ver Jesus! Mas a luz se foi e ficou só a dor no seu coração. É... pois é meu bem... Castelos de areia derretem quando a onda vem.*

*O cientista descobriu que o cérebro humano tem mais poder do que toda a vida na Floresta Amazônica. Mas tanta droga ele consumiu que seu pensamento o diluiu e agora ele chora sua lágrima atômica. É... pois é, meu bem... Castelos de areia derretem quando a onda vem.*

Estamos no ano 4 mil, não existe mais calor nem frio, ninguém morre, ninguém fica mais doente. Só uma coisa nos tira o sossego, é que apesar de sermos eternos, o me-



do é que neste fim sem fim seremos sugados pelo buraco negro<sup>132</sup>.

No limiar de nossas relações intersubjetivas (conosco e com o outro) está o medo da aniquilação. A situação do cenário apontado no final da canção trazida acima expressa, de forma contundente, tal perspectiva. Afinal, acena que mesmo com todas as descobertas, invenções e controles realizados pelo ser humano, ainda, dois mil anos à frente do nosso tempo, restará o medo da morte, pois inexoravelmente, certo dia ou noite, a humanidade poderá ser sugada por um *buraco negro*.

Retomando o mito freudiano da gênese do processo civilizatório, tem-se que o que subjaz nas relações mediadas pelo totém e pelo tabu é o medo da aniquilação ou forte represália que pode recair sobre si mesmo e/ou sobre o grupo do qual se é parte. Assim, se obedece para permanecer vivo. Heráclito já apontava a tensa dinâmica da vida humana ao destacar a relação desta consigo mesma e com o outro: *viver de morte e morrer de vida*.

O *mito de Édipo* também pode ser compreendido como uma metáfora desse movimento humano contra a morte – esse *pai severo* que interdita a vida. Na luta por sobrevivência, ou melhor, *vontade de potência*, o pai é eliminado. Contudo, tal ato gera ao assassino o pesado fardo do sentimento de culpa. Mas a busca pela vida encontra na *partilha* de tal sentimento a forma de amortizá-lo. Tem-se, como aponta Freud, a passagem da horda primitiva para a horda fraterna, momento em que surgem outros sentimentos para manter os laços de cumplicidade na partilha do *sentimento de culpa*. Mas, pai morto, pai interiorizado, pois ele, como o poderoso *macho alfa*, é projetado no animal totêmico que os *irmãos* voltam a comer para obter sua força. E ao mais uma vez transgredir o tabu, a figura do assassino volta e junto dela o sentimento de culpa. Logo, para lidar com ela é preciso mais força e um novo ciclo de sacrifícios e rituais de purificação acontece. Dessa forma, por esta perspectiva, este ciclo de *morte-vida-morte* vem se repetindo ao longo da história da humanidade. Ora o pai é a Natureza com seus raios e trovões; ora deuses no Olimpo; outra vez é um ser trinitário que mora no *céu*; logo torna-se o próprio Homem; e, retorna novamente como Natureza – aquecimento global, buraco negro etc.

Na obra *Édipo Rei* de Sófocles, a figura do pai que se coloca como embate para a manutenção da vida do herói é apenas uma passagem. Édipo tenta a todo instante fugir ao seu

---

<sup>132</sup> MOSKA, P. e MAUTNER, J. Castelos de Areia. Em: MOSKA. Álbum: *MóBILE*, 2000.

destino – incesto e parricídio – e livrar-se da inquietude e angústia que este lhe causa. Mas, para além da leitura feita por Freud, que aponta tal relação como universal na estruturação do psiquismo humano, aí se encontra a oportunidade de inferirmos acerca da impossibilidade de fuga da dinâmica trágica da vida humana – a morte e o inquietante<sup>133</sup> – e, também, da impossibilidade de se obter uma “outra verdade” esclarecedora e menos trágica acerca da vida. Édipo foge durante toda sua vida de seu destino que lhe fora apontado pela sacerdotisa délfica. Édipo é um herói que busca por meio da lógica e da racionalidade uma *outra verdade*. Mas, mesmo fugindo para longe dos domínios do reinado de seu pai (Laio) acaba em sua caminhada mantendo-o e desposando sua mãe (Jocasta). Desolado pela impossibilidade de não conseguir encontrar *outra verdade* ele fura os próprios olhos, pois estes, como grandes instrumentos do saber, não lhe serviram de nada. Assim, Édipo parte então para *Colono* ser – tragicamente – o cego *Tirésias* de outros Édipos.

Cumprir destacar que em hipótese alguma se quer, com essa particular leitura do mito edípico, trazer algo de universal ao ser humano. A presente releitura apenas destaca o papel das *vontades* no corpo. O medo da morte e do desconhecido mobiliza forças que con-figuram os processos de subjetivação. Ressalta-se com isso uma tendência sim, ao que Nietzsche expressou como a volta do humano à caverna a fim de contemplar a sombra do “Deus” morto, a *sombra de Buda*. Ou seja, o ser humano quer se ver livre de tutelas humanas – usar e abusar de sua razão e vontades – mas, ao mesmo tempo, quer permanecer sob a proteção divina. E isso o remete a uma *vontade de verdade*. Vontade esta extremamente manipulável por outros interesses escusos ao seu querer. E é justamente essa afronta desmedida que empobrece, diminui e determina os limites de sua experiência por estar vivo e ser parte da vida. Impedido de lançar-se como força ativa e criativa no mundo, esse *espírito ressentido* volta-se contra si mesmo, a exemplo de Édipo que se cegou. Talvez, o mais acertado a se destacar nessa procura é dizer que Édipo e a Esfinge (que lhe impõe um enigma a ser desvendado) são as duas faces do ser humano que se lança na experiência interpretativa de si *ad eternum*.

*Não quero lhe falar, meu grande amor, das coisas que aprendi nos discos. Quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo. Viver é melhor que sonhar... Eu sei que o amor é uma coisa boa, mas também sei que qualquer canto é*

<sup>133</sup> Este termo faz referência direta ao texto *Das Unheimliche* escrito por Freud em 1919 e tece estreita relação ao que é, ao mesmo tempo, *estranho e familiar* ao e no ser humano. É a angustiante condição de *ser desejante*. Tal condição pode ser melhor sentida nas canções *Do it* de Lenine (inferindo a partir do idioma inglês – lendo-se do Isso) e *O que será (à flor da pele)* de Chico Buarque de Holanda.

*menor do que a vida de qualquer pessoa. Por isso cuidado meu bem, há perigo na esquina. Eles venceram e o sinal está fechado prá nós que somos jovens. Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na rua é que se fez o seu braço, o seu lábio e a sua voz...*

*Você me pergunta pela minha paixão, digo que estou encantada como uma nova invenção. Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão, pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação. Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração...*

*Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao vento, gente jovem reunida. Na parede da memória essa lembrança é o quadro que dói mais... Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos ainda somos os mesmos e vivemos e vivemos como os nossos pais...*

*Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não. Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém. Você pode até dizer que eu tô por fora ou, então, que eu tô inventando... Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem...*

*Hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma nova consciência e juventude tá em casa guardado por Deus contando vil metal... Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo, tudo o que fizemos, nós ainda somos os mesmos e vivemos, ainda somos os mesmos e vivemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais...<sup>134</sup>*

---

<sup>134</sup> BELCHIOR. Em: MARIANO, P. Álbum: *Pedro Mariano – Ao vivo*. 2005.

## SENTIMENTO TRÁGICO, MENTIRA & TRANSMUTAÇÕES

### DO ESPÍRITO

*O vazio é um meio de transporte pra quem tem coração cheio. Cheio de vazios que transbordam seus sentidos pelo meio. Meio que circunda o infinito tão bonito de tão feio. Feio que ensina e que termina começando outro passeio. E lá do outro lado do céu alguém derrama num papel novos poemas de amor. Amor é o nome que se dá quando se percebe o olhar alheio. Alheio a tudo que não for aquilo que está dentro do teu seio, porque seio é o alimento e ao mesmo tempo a fonte para o desbloqueio. E desbloqueio é quando aquele tal vazio se transforma em amor que veio. Lá do outro lado do céu alguém derrama num papel novos poemas de amor.*

**Paulinho Moska**

### O SENTIMENTO TRÁGICO

Zaratustra disse que só aquele que tem o caos dentro de si pode dar a luz a uma estrela bailarina. Se o cosmo é um des-dobramento do caos, talvez tenha sido por esse motivo que só sorriu depois do que chorou na véspera. (...) Há sempre a pequena chance do impossível rolar<sup>135</sup>. Sendo assim, quando você ficar triste que seja por um dia e não um ano inteiro. E que você descubra que rir é bom, mas rir de tudo é desespero. Desejo que você tenha a quem amar e quando estiver bem cansado, exista amor pra recomeçar, pra recomeçar<sup>136</sup>.

A literatura nietzschiana ou a proposta transvalorativa de Nietzsche são os jogos de força. Ela joga com “opostos” que se tocam e se transmutam: *Bem e Mal, Bom e Ruim, Vontade de Poder e Vontade de Verdade, Último-Homem e Além-do-Homem*. Mas, talvez, nenhum jogo seja mais envolvente e enigmático como o que ocorre entre Apolo e Dionísio. Nietzsche, a partir dessas duas figuras retiradas da mitologia grega, irá construir dois conceitos que transbordam suas fronteiras na relação que estabelecem entre si e tornam-se princípios fabulativos de uma dinâmica do psiquismo humano: o *apolíneo* como princípio de figura, bela forma, individuação, ponderação; e o *dionisíaco* como princípio de traço, vertigem, embriaguês, desmedida.

---

<sup>135</sup> REIS, N. Sua impossível chance. Em: *Titãs Acústico* – II, 1998.

<sup>136</sup> FREJAT, e BARROS, M. E CECÍLIA, M.S. Amor pra recomeçar. Em: FREJAT. Álbum: *Amor pra recomeçar*. 2002

*Diga aí amigo... Como vai você? Estou aqui contigo e você também me vê. Às vezes sou seu clone e você é o meu. Não temos o mesmo nome, mas nossa vida se perdeu em encontros e desencontros do mesmo sopro que atravessa eu e você. Se estou contigo é porque estás comigo e nós não podemos nos perder*<sup>137</sup>.

A vida, intensa e impessoal como um furacão, buscando conservar-se e superar-se, assopra. Em sua brisa Zaratustra diz: *se quiser ter um amigo, é preciso também fazer a guerra por ele; e para fazer a guerra, é preciso poder ser inimigo. É preciso honrar no amigo o inimigo*<sup>138</sup>. E por fim questiona: *podes aproximar-te do teu amigo sem passar para o seu lado?*<sup>139</sup> A ousadia nietzschiana que causa calafrio, desde sua obra *O Nascimento da Tragédia*, é a coragem homérica de colocar *face a face* coisas (princípios) tidas como opostas e deixar que suas fagulhas resplandesçam iluminando as sendas e fendas por onde a vida passa e também os becos e altares em que é sacrificada.

*O Nascimento da Tragédia* trazendo a importância edificante do dionisíaco na cultura grega e o socratismo como perigosa marca racionalista da *décadent* que leva tal cultura à dissolução, abre a possibilidade da valoração para além do bem e do mal, pois o símbolo da força dionisíaca é a extrema afirmação – um bendito ‘sim’ – ao invés de um niilismo radical – um reativo ‘não’. Dionísio, com sua desmedida alegria e embriaguez, é uma potente força criativa e valorativa que supera a anêmica força céptica que apenas aponta a inacessibilidade a uma essência universal das coisas e a impossibilidade de se atingir uma ‘verdade’, mas que, entretanto, fica ainda estagnada nessa *vontade de verdade* como valor.

Na obra supra, Sócrates e (*en passant*) o cristianismo são tidos como uma degenerescência do *instinto* que se volta contra a vida. Não é demais resgatar que na Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche traz a *má consciência* e seu estupor ao corpo como a doença que o ser humano adquiriu ao ter de desprezar e reprimir seus instintos, seus *velhos e certos guias* e confiar na consciência – o mais falível e frágil de seus órgãos. *Os lados da existência recusados pelos cristãos e outros niilistas são até mesmo de ordem*

<sup>137</sup> MOSKA, P. Reflexos e Reflexões. Em: MOSKA. Álbum: *Tudo novo de novo*, 2003.

<sup>138</sup> NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 83.

<sup>139</sup> *Ibidem*.

*infinitamente superior, na hierarquia dos valores, do que tudo o que o instinto de decadence poderia aprovar, chamar de bom*<sup>140</sup>.

O *sim*, sem reservas, de Dionísio é a afirmação da vida em tudo que a compõe e, sobretudo, ao sofrimento, a culpa e *o que é problemático e estranho na existência... Este último sim à vida, o mais alegre, o mais efusivamente arrogante, não é somente a visão mais alta, é também a mais profunda (...)* Nada é dispensável<sup>141</sup>. O dionísio é a grande potência do artista que figura e transfigura a dor da cidade enquanto ela dorme ou entorpece e mascara seu sofrimento.

*Por quantas noites eu me vi desencantar enquanto os palcos desabavam sobre mim. O meu amor então beijava o meu olhar... dizia: "Vamos lá! Levanta e vai cantar!" E eu me vestia e ela ia amamentar. Nosso menino era platéia e camarim e dos seus seios parecia perguntar: "Meu pai, o que é que há? Me beija e vai cantar" E eu sabia que tinha que ir pra amenizar toda a dor da cidade. E eu pousava nos pianos por aí tal qual um sabiá pousa num flamboyant. Por quantas vezes eu pedi a Deus, de manhã, deixar eu cantar pro Brasil, abrir o portão, o leite e o pão e o rabo do cão que diz não quando é sim. Meu amor já na porta de casa, tendo ao colo o nosso Arlequim me dava a impressão de um samba de Tom Jobim. Até que um dia eu resolvi desencantar e desabei por sobre os palcos do país. O meu amor ainda beija o meu olhar e eu digo: "Vamos lá! Cantar pra quem chorar". E eu peço a Deus para poder doar a luz, que minha voz cumpra a missão de atenuar toda a armadura dessa terra de Jesus e eu digo: "Vera Cruz, canta pra não chorar!" E pros que cantam nos teus cabarés, tenham orgulho desta profissão! Pousem nos galhos dos pianos, violões, e a voz é um colibri, nas flores das canções. E todo dia eu peço a Deus pela manhã: "Conserva-me a simplicidade pra ter no portão o leite e o pão", o rabo do cão que diz não quando é sim. Meu amor está na porta de casa e o sorriso do meu Arlequim e um céu de emoções e eu sou uma luz assim a brilhar, a brilhar, a brilhar. Meu amor sempre à porta de casa e o sorriso do meu Arlequim, sou um samba-canção eterno de Tom Jobim a cantar, a cantar, a cantar*<sup>142</sup>.

A canção disposta acima traz alguns elementos que merecem consideração como uma digressão no presente texto. Amenizar a dor não é negá-la, mas afirmá-la. Só é possível superar o que se afirma. Não custa retomar que *zóe* era para os gregos o espaço do cuidado, do trato, do refinamento daquilo que consideravam o lado indigno ou *o resto* da vida humana. Era o espaço direcionado para o trabalho de moderação de suas paixões. Moderar também não sinônimo de eliminar, tal como embate não é sinônimo de extermínio. Cumpre destacar que Platão, Aristóteles e tantos outros filósofos gregos que falaram sobre justiça, virtude, ética e paz o fizeram a partir de uma sociedade escravocrata.

<sup>140</sup> NIETZSCHE, F. Sobre "O nascimento da tragédia". Fragmento póstumo – 1888. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999, p. 46.

<sup>141</sup> Ibidem.

<sup>142</sup> FEITAL, P.C. e MARANHÃO, J. Flamboyant. Em SANTIGO, E. *Aquarela brasileira* 6. 1998.

Por outro lado, é preciso (não nesse momento), para minimamente ou justamente refinar nossos questionamentos, distinguir a diferença entre espiritualidade e religião. Como aponta Danelon<sup>143</sup>, o ponto central da crítica filológica de Nietzsche é dispor que *Deus é um discurso, é uma idéia historicamente construída, é um amontoado de palavras sem qualquer referência com o real, ou seja, Deus é uma invenção, uma construção discursiva fundada numa interpretação de idéias*. Nesse mesmo sentido, de maneira aproximada, destacou Joseph Campbell<sup>144</sup> nas obras *O poder do mito* e *O herói das mil faces*, que Deus é um pensamento, uma idéia. E é como palavra, idéia e pensamento que “Deus” torna-se um signo para a falta de sentido da e na vida ou para o inominável e impessoal que atravessa este ser que se nominou humano.

É inegável que independente de sua existência a passagem do signo “Deus” para o conceito “Deus” mobiliza e articula forças na cultura e, em alguns casos, forças potentes, tal como apontaram Negri e Hardt, ao final da obra *Império*, ao trazerem São Francisco de Assis como figura inspiradora de resistência.

*Eu sou aquele que sou... puro transcendental*<sup>145</sup>. E por esse modo canta/reza Vander Lee:

*Ó Pai. Não deixes que façam de mim que da pedra tu fizestes e que a fria luz da razão não cale o azul da aura que me vestes. Dá-me leveza nas mãos, faze de mim um nobre domador laçando acordes e versos dispersos no tempo pro templo do amor. Que se eu tiver que ficar nu, hei de envolver-me em pura poesia e dela farei minha casa, minha asa, loucura de cada dia. Dá-me o silêncio da noite pra ouvir o sapo namorar a lua. Dá-me direito ao açoite, ao ócio, ao cio, à vadiagem pela rua.*

*Deixa-me perder a hora pra ter tempo de encontrar a rima, ver o mundo de dentro pra fora e a beleza que aflora de baixo pra cima.*

*Ó meu Pai, dá-me o direito: de dizer coisas sem sentido, de não ter que ser perfeito, pretérito, sujeito, artigo definido. De me apaixonar todo dia, de ser mais jovem que meu filho e ir aprendendo com ele a magia de nunca perder o brilho.*

<sup>143</sup> DANELON, M. O método nietzschiano de crítica ao cristianismo: filologia e genealogia. Em: *Impulso*. Vol. 12. Núm. 28. Piracicaba: Editora Unimep, 2001, p. 50.

<sup>144</sup> CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Entrevista com Bill Moyers. Logo On/culturamarcas, 2005.

<sup>145</sup> Somente como algo impessoal “Deus” pode ser considerado no sentido de ser um extenuante exercício humano na busca de si mesmo. Do contrário, como “Deus” humano, demasiadamente humano, ele seria, como apontou Zaratustra (NIETZSCHE, 2007, p. 47), um deus sofredor e atormentado de si mesmo que criou este mundo para esquecer-se, distrair-se de si mesmo. Se assim o for, uma possível figura potente e inspiradora no exercício de superação si é o Diabo que, como expressou através do personagem John Milton do filme *O advogado do diabo* (*Devil's Advocate*. Twenty Century Fox – 2000), esteve desde o início aqui na Terra inspirando tudo aquilo que no ser humano foi implantado para acontecer. Nesse sentido, é justo retomar os questionamentos genealógicos *quem quer o quê?* e *em função de quê?* estão tais figuras?

*Virar os dados do destino, de me contradizer, de não ter meta. Me reinventar, ser meu próprio Deus. Viver menino, morrer poeta.<sup>146</sup>*

O *dizer-sim* incondicional à vida é um ato de coragem, pois a vida traz consigo a chama do caos e a lâmina do trágico que roçam o corpo e o espírito do ser humano. É *preciso coragem e, como sua condição, um excedente de força: pois é precisamente até onde a coragem pode ousar avançar, precisamente na medida da força, que nos aproximamos da verdade*<sup>147</sup>. A verdade de que se aproxima não é aquela *verdade ideal* que buscam os *décadant* mobilizados justamente por uma *vontade de verdade*, mas a verdade enquanto potência, enquanto *vontade de potência*, para que, como *artista* saiba criar sua arte de viver e, enquanto *andarilho*, trilhar o melhor caminho na vida para ir mais além do limite do caminho já pisado.

*Eu chorei até ficar debaixo d'água submerso por você. Gritei até perder o ar que eu já nem tinha pra sobreviver. Eu andei... Eu andei até chegar no último lugar pisado por alguém só pra poder provar o que era estar depois do final do além. Eu andei...*

*E cheguei exatamente onde algum dia você disse que partia pra nunca mais voltar. Eu já estava lá a te esperar sem dizer adeus.*

*Eu fiquei sozinho até pensar que estar sozinho é achar que tem alguém. Já me esqueci do que não fiz e o que farei pra te esquecer também? Se eu não sei o nome do que sinto, não tem nome que domine o meu querer. Não vou voltar atrás o chão sumiu a cada passo que eu dei. Eu andei...*

*E cheguei exatamente onde algum dia você disse que partia pra nunca mais voltar. Eu já estava lá a te esperar sem dizer adeus*<sup>148</sup>.

Desse *bendito sim* à vida, aponta Nietzsche, nasce uma nova psicologia, a psicologia trágica. A psicologia trágica é também uma psicologia potente de vida. A ela cabe pensar os processos de subjetivação do artista junto daquilo que lhe é mais estranho e desconfortável na aceitação incondicional da vida. *Não para desvencilhar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de uma afecção poderosa por uma descarga veemente (...) mas para, além do pavor e da compaixão, ser ele mesmo o eterno prazer do vir-a-ser – esse prazer que*

<sup>146</sup> LEE, V. Alma nua. Em: (DVD) *Pensei que fosse o céu*. Warner Music, 2006.

<sup>147</sup> NIETZSCHE, 1999, p. 46.

<sup>148</sup> MOSKA, P. Sem dizer adeus. Em: MOSKA. Álbum: *MóBILE*, 1999.



*encerra em si até mesmo o prazer pelo aniquilamento*<sup>149</sup>. No aforismo 24 de Crepúsculo dos ídolos Nietzsche expressa: “*Antes nenhum fim do que um fim moral*” – *assim fala a mera paixão. Um psicólogo pergunta, em contrapartida: o que faz toda arte? não louva? não glorifica? não elege? não prefere? Com tudo isso fortalece ou enfraquece certas estimativas de valor... (...) Seu instinto mais básico visa à arte (...) uma desejabilidade de vida*<sup>150</sup>.

Uma psicologia trágica também traz em si, como um dos objetivos do encontro com o outro, o *direito de esquecer*. Esquecer não é reprimir, mas, *sem dizer adeus, afirmar para saber lidar* (lide, litígio, embate) com o que incomoda e não favorece a vida em busca de mais potência. É ter a disposição, a paciência de acolher e trabalhar na forma de ascese de si a *translação incondicionada e infinitamente repetida de todas as coisas da vida*<sup>151</sup>. E, como *subjetividade devir*, possibilitar que a vida se atualize e o atualize diante do *eterno retorno*. Essa psicologia trágica, acentada em uma ética nietzschiana, aposta em uma *subjetividade artista* de constituição e re-constituição de si, de cuidado-de-si enquanto poesia e poeta, pintor e pintura, música e canção. É uma aposta na retomada de uma existência plástica, resiliente porque potente – cada vez mais potente. É a aposta em uma *vontade de arte*<sup>152</sup> que transfigura a realidade através da transvaloração dos valores.

*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma a vida não para...*

*Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso faço hora vou na valsa. A vida é tão rara...*

*Enquanto todo mundo espera a cura do mal e a loucura finge que isso tudo é normal eu finjo ter paciência...*

*O mundo vai girando cada vez mais veloz. A gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência...*

*Será que é tempo que lhe falta para perceber? Será que temos esse tempo para perder? E quem quer saber? A vida é tão rara, Tão rara... Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, mesmo quando o corpo pede um pouco mais de*

---

<sup>149</sup> NIETZSCHE, 1999, p.47. É a partir desse prazer que irá se estabelecer a figura do educador em uma educação para além do bem e do Mal no cumprimento de sua *função autor* – um apagamento de si na relação com o educando. Esse prazer também nos abre a perspectiva de um futuro trabalho no sentido de pensar a função do educador a partir da pulsão de morte.

<sup>150</sup> NIETZSCHE, 1999, p. 382.

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Cumpre destacar que a idéia de uma *vontade de arte* é um desdobramento do conceito *vontade de potência*. Resta claro que tal conceito foi tomado no presente trabalho enfaticamente como uma *força ativa*. Contudo, há que se ressaltar que esta não é apenas uma força ativa, mas também reativa, de tal maneira que a perspectiva de valor – perspectiva avaliativa – do escravo é uma manifestação de sua *vontade de potência*, porém, constitui-se a partir de uma deturpação do modo nobre de avaliar. A *vontade de arte*, por sua vez, contempla a manifestação do *espírito criança*, pois coaduna a abertura e a disposição ao novo, justamente como uma potência espontaneamente criativa – ao invés de passiva ou reativa.

*alma, eu sei, a vida não para, a vida não para não... Eu sei, a vida é tão rara... a vida é tão rara*<sup>153</sup>.

Da aceitação incondicional da vida surge o *sentimento trágico*: a disposição em provar os sabores e dissabores da vida com a própria boca; a experiência de si e do outro através dos próprios sentidos e não através da pele do outro. *O conhecimento, o dizer-sim à realidade, é para os fortes uma necessidade, tal como para os fracos, sob a inspiração da fraqueza, a covardia e a fuga da realidade – o “ideal”... Eles não têm a liberdade de conhecer: os décadent precisam da mentira – ela é uma de suas condições de conservação*<sup>154</sup>.

*Não, não me aqueça. Hoje eu quero o frio, o vazio que a sorte deixou aqui. Quero sentir a altura do abismo pra eu poder subir depois do perigo. Não, não me acalme com silabas doces. Hoje eu quero o açoite das palavras rudes pra que eu possa me defender em atitudes. Não, por favor, hoje não me proteja para que eu finalmente veja o que a vida reservou para mim. Quero sentir a altura do abismo pra eu poder subir depois do perigo, pra eu poder subir depois do perigo*<sup>155</sup>.

## SOBRE A MENTIRA

*Difícil conjugar a vida. Separar cicatriz e ferida e engolir o comprimido do tempo que alguém nos enfiou goela adentro. Haja Deus pra tanto mistério. Filhos teus histéricos dão voltas pelo mundo redondo prontos pra nos confundir. E nós bando de tantos tontos rodando aos trancos por aí. Haja teto pra tanto desabrigo, haja palavra pro que eu não digo, haja instinto e haja saída pra tanto labirinto*<sup>156</sup>.

*As idéias estão no chão, você tropeça e acha a solução*<sup>157</sup>. Um dos últimos textos escrito por Nietzsche versa *Sobre a Arte no Nascimento da Tragédia*. E sobre tal obra ele diz:

*A concepção da obra, com que se depara no fundo deste livro, é singularmente sombria e desagradável: entre os tipos de pessimismo conhecidos até agora, nenhum parece ter alcançado esse grau de malignidade. Falta aqui uma oposição entre um mundo verdadeiro e um mundo aparente: há somente um mundo, e este é falso, cruel, contraditório, enganoso, sem sentido... Um tal mundo assim é o mundo verdadeiro. **Precisamos da mentira** para triunfar sobre essa realidade, essa*

<sup>153</sup> LENINE, e FALCÃO, D. Paciência. Em: Lenine. *Acústico MTV*, 2006.

<sup>154</sup> NIETZSCHE, 1999, pp. 46-47.

<sup>155</sup> LUCINA e DUNCAN, Z. Depois do perigo. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Acesso*, 1998.

<sup>156</sup> OYENS, C. e DUNCAN, Z. Haja. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Acesso*, 1998.

<sup>157</sup> MELLO, B., BRITTO, S. e MIKLOS, P. A melhor forma. Em: Titãs. Álbum: *Acústico MTV*, 1997.

“verdade”, isto é, para viver... Se a mentira é necessária para viver, até isso faz parte desse caráter terrível e problemático da existência<sup>158</sup>.

Tayler Durden, personagem do filme Clube da Luta<sup>159</sup> diz: *está é sua vida, boa até a última gota e melhor não vai ficar. Esta é sua vida que acaba um minuto por vez. (...) Somente após um desastre poderemos despertar. Nada é estático. Tudo está evoluindo e tudo está desmoronando.* A vida não é estática e cabe completamente em nossas criações e maquinações antropomórficas, tal como canta Moska: *É... pois é, meu bem... Castelos de areia derretem quando a onda vem*<sup>160</sup>.

Ter a coragem de colocar a própria existência como problema é a coragem de colocar em questão os valores, as perspectivas de valor que configuram tal existência. Para além de fantasias de compensação, este planeta, nomeado como Terra, é o único plano para que esta existência ocorra. Não existe o *Mundo das Idéias*, das formas puras, o *Paraíso*. Se existir? Que seja nossa maior surpresa! Afinal, como cantam os Titãs: *o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído*<sup>161</sup>.

*Se você não se distrai, o amor não chega, a sua música não toca. O acaso vira espera e sufoca. A alegria vira ansiedade e quebra o encanto doce de te surpreender de verdade.*

*Se você não se distrai, a estrela não cai, o elevador não chega e as horas não passam. O dia não nasce, a lua não cresce. A paixão vira peste. O abraço, armadilha.*

*Se você não se distrai, não descobre uma nova trilha, não dá um passeio, não ri de você mesmo. A vida fica mais dura, o tempo passa doendo e qualquer trovão mete medo se você está sempre temendo a fúria da tempestade.*

*Hoje eu vou brincar de ser criança e nessa dança, quero encontrar você: distraído, querido, perdido em muitos sorrisos sem nenhuma razão de ser. Olhando o céu, chutando lata e assoviando Beatles na praça. Olhando o céu, chutando lata... Hoje eu quero encontrar você*<sup>162</sup>.

Mas enquanto tal mundo ou mundos não chegarem o que se tem é este planeta aqui que, como aponta Nietzsche, é, minimamente falso, cruel, contraditório, enganoso e sem sentido. Essa é a dura realidade que o ser humano tem de encarar e que vai ficando ainda

<sup>158</sup> NIETZSCHE, 1999, pp. 49.

<sup>159</sup> Título original: *Fight Club*. Direção: David Fincher. País de Origem: EUA. 1999.

<sup>160</sup> MOSKA, P. e MAUTNER, J. Castelos de Areia. Em: MOSKA. Álbum: *Móbile*, 1999.

<sup>161</sup> BRITO, 2005.

<sup>162</sup> DUNCAN, Z. e OYENS, C. Distração. Em: DUNCAN, Z. Em: *Pré-pós-tudo-bossa-band*, 2006.

mais angustiante por conta dos riscos de extinção da espécie humana ao usurpá-lo além de seus limites regenerativos. De acordo com Nietzsche, uma realidade assim só pode ser superada através da mentira. Mas não um tipo qualquer de mentira. E assim continua o alemão:

*A metafísica, a moral, a religião, a ciência – são tomadas em consideração neste livro apenas como diferentes formas da mentira: com seu auxílio **acredita-se** na vida. “A vida deve infundir confiança”: o problema, assim colocado, é desconunal. Para resolvê-lo, o homem tem de ser mentiroso já por natureza, precisa, mais do que qualquer outra coisa, ser artista. E ele o é: metafísica, religião, moral, ciência – tudo isso são rebentos de sua vontade de **arte**, de mentira, de fuga da “verdade”. A própria faculdade graças à qual a realidade é violentada pela mentira, essa faculdade-artista do homem par excellence – ele ainda a tem em comum com tudo o que é. Ele mesmo é, por certo, um pedaço de efetividade, verdade, natureza: como não haveria de ser também um pedaço de **gênio da mentira!** <sup>163</sup>*

O artifício da mentira para o *espírito décadent* é a *conditio sine qua non* para sua sobrevivência, para sua *conservação*, enquanto que para o *espírito artista* ela é potência de superação, de transfiguração. *Muito nunca ver, muito ver falsamente, muito ver a mais: oh, como ainda se é esperto, em estados em que se está tão longe de se tomar por esperto! O amor, o entusiasmo, “Deus” – puros refinamentos do último dos auto-enganos, puro aliciamento à vida, pura crença na vida!*<sup>164</sup> Assim, tanto no *espírito décadent* como no *espírito artista*, a mentira é expressa como estima pela vida. Nisso reina o princípio *apolíneo* – a moderação, a bela forma, a perfeição, a justa medida.

A mentira contraposta aos valores ideais (*vontade de verdade*) e a crença em além-mundos do *décadent* produzem nesta subjetividade o *sentimento de culpa* e a *má consciência* que clama por expiação, mas que também leva à necessidade de eliminar o diferente, o dissidente, o que assusta, o que desloca, o que é singular. Assim, a *mentira décadent* gera o *espírito gregário* ou *espírito de rebanho*. Por outro lado, a mentira como *l’art pour l’art* vai ao encontro da necessidade transvalorativa e transfigurativa do processo de subjetivação artista, sendo então utilizada como um recurso para a abertura e assimilação ao trágico, tal como fez o herói grego Perseu ao utilizar o reflexo de seu escudo para obter a cabeça de Medusa e salvar a bela Andrômeda do monstro Cétus.

---

<sup>163</sup> NIETZSCHE, 1999, pp. 49.

<sup>164</sup> *Ibidem*.

*A arte é o grande estimulante a viver: como se poderia entendê-la sem finalidade, sem alvo, como **l'art pour l'art**? – Resta uma pergunta: a arte traz muito do que há na vida de feio, duro, problemático, à aparição – não parece com isso tirar o gosto pela vida? – E, de fato, houve filósofos que lhe emprestaram esse sentido: “livrar-se da vontade”, ensinava Schopenhauer como propósito geral da arte, “dispor à resignação”, honrava ele como a grande utilidade da tragédia. Mas isso – já o dei a entender – é ótica de pessimista e “olho mau” –: e preciso apelar para os artistas mesmos. **O que o artista trágico comunica de si?** Não é precisamente o estado **sem** medo diante do temível e problemático que ele mostra? – Esse estado mesmo é uma alta desejabilidade, quem o conhece, honra-o com as mais altas honras. Ele o comunica, **tem** de comunicá-lo, pressuposto que é um artista, um gênio da comunicação. A bravura e liberdade do sentimento diante de um inimigo poderoso, diante de um sublime desassossego, diante de um problema que desperta horror – esse estado **vitorioso** é aquilo que o artista trágico elege, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de guerreiro em nossa alma celebra suas Saturnais; quem está habilitado ao sofrimento, quem procura por sofrimento, o homem **heróico**, louva com a tragédia sua existência – a ele somente o artista dá de beber essa dulcíssima crueldade<sup>165</sup>.*

O que interessa ao *espírito artista* é estabelecer *bons encontros* com o outro, ou seja, encontros que favoreçam a vida como *vontade de potência*. Dessa forma, ao invés de seu processo de subjetivação estar marcado pelo *sentimento de culpa* e *má consciência* que intermedeiam e determinam a quantidade ou o valor *ideal* de sua experiência com o outro, o *sentimento trágico*, oriundo do *bendito sim* à vida, liberta a sensibilidade de tal espírito para que este crie o valor qualitativo de sua experiência. E nessa dinâmica, o artista canta:

*Eu não chamo mais pelo meu nome quando me procuro para conversar. Minha cara se dissolve e some sempre que começo a me habituar. Não preciso carregar bagagem durante as viagens que eu sei fazer. Não serei o mesmo personagem nesse teatro que você quer viver. Pode me enganar, me confundir, me atrapalhar, me invadir, me explorar, me explodir e me expulsar... Pode me trair, me abandonar, me repartir, me desdobrar e até fugir pra desistir e me matar...*

*Sabe o que eu falso da minha vida? Eu falso da minha vida o que eu quiser...*

*Nada pode ser definitivo, quem vai garantir que nunca vai mudar? Você alcança seu objetivo e não percebe que ele não está mais lá. Minha bomba silenciosa está sempre pronta para estourar. Sua onda de água lacrimosa será a piscina que eu vou nadar. Pode me enganar, me confundir, me atrapalhar, me invadir, me explorar, me explodir e me expulsar... Pode me trair, me abandonar, me repartir, me desdobrar e até fugir pra desistir e me matar...*

*Sabe o que eu falso da minha vida? Eu falso da minha vida o que eu quiser.<sup>166</sup>*

<sup>165</sup> Idem, p. 382.

<sup>166</sup> MOSKA, P. Eu falso da minha vida o que eu quiser. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*, 2004.

## TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO

A noção de movimento transpassa a obra nietzschiana através do conceito de *espírito* que mobiliza no ser humano as atividades sapientes, criadoras e transvalorativas. Tal conceito tenderia a três transmutações em meio às experiências, tensões, embates e conflitos vivenciados pelo humano em sua relação com o outro. Por meio de tal relação surgiria o conhecimento ou o *Outrem* utilizando uma perspectiva *deleuzeguattariana*. Em tais metamorfoses seria o espírito, primeiramente, um *Camelo*, um espírito paciente que se deleita em mostrar sua grande força ao suportar o peso das tradições e valores que já se encontravam em sua cultura na ocasião de sua chegada. A segunda mutação seria do Camelo para o Leão, um espírito poderoso e independente que quer romper com o já dado, o *status quo*, a tradição para ser livre e vitorioso. A terceira transmutação dar-se-ia do Leão para a Criança, momento em que o espírito é um fim em si mesmo, não havendo uma finalidade extrínseca a si em seu brincar criador. É no espírito criança que a vida manifesta sua espontaneidade invalorável e inquantificável. Larossa descreve e considera tais transmutações da seguinte maneira:

*Nesse texto (Assim falava Zarathustra), o herói da liberdade é o leão. Digamos que o camelo é uma mescla de moral cristã, má consciência e espírito ascético: um animal gregário, domesticado, escravizado, servil e de carga, um animal que diz sim a tudo o que se lhe impõe e que encontra sua felicidade em cumprir com seu dever. O leão, por sua parte, é o espírito crítico, rebelde e negativo. O espírito se transforma em leão porque 'pretende conquistar a liberdade' opondo seu 'Eu quero' ao 'Tu deves', inscrito em cada uma das escamas do dragão-amor, contra o qual ele luta. O leão representa o movimento heróico do 'fazer-se livre' lutando contra o amor e vencendo-o. Por isso, define-se por oposição e só pode viver da confrontação, da luta, da destruição, como se seu destino estivesse ligado ao do dragão-amor que se converteu em seu maior inimigo. O leão é um herói negativo, sua força ainda é reativa. Por isso, é uma figura do espírito ressentido e nihilista; de fato, encarna a consumação do niilismo, a vontade do nada levado à sua máxima potência, e por isso é estéril. A criança, por último, é esquecimento, inocência, jogo, afirmação, criação, abertura, possibilidade, início<sup>167</sup>.*

*O homem é homem somente quando joga, diz Schiller: o mundo dos deuses do Olimpo (a civilização grega) são seus representantes<sup>168</sup>.* O espírito criança brinca e seu brincar é autotélico. É um fim em si mesmo, pois joga com as forças da vida. Apenas joga... e deixa que a vida se atualize, passe por ele e também o movimento. Seu movimento criativo **acontece!** São novos re-ajustes, re-arranjos, re-articulações. Tal como a idéia de

<sup>167</sup> LAROSSA, J. *Nietzsche e a educação*. 2ª edição e 1ª reimpressão. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. pp. 109-110.

<sup>168</sup> NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes. 2005, p. 06.

acontecimento que Foucault extrai do aforismo 12 da Segunda Disertação da *Genealogia da Moral*:

*É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores uma dominação que se enfraquece, distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta<sup>169</sup>.*

*Pensar e ser não são absolutamente a mesma coisa. O pensamento deve ser incapaz de se aproximar do ser e de alcansá-lo<sup>170</sup>.* A face criança do espírito brinca de criar símbolos, figuras, recortar e colar lampejos da vida. O *espírito artista* que congrega as três transmutações é um antípoda do espírito iluminista, pois não traz consigo a finalidade de *tirar daqui* e *levar para ali*, ou seja, tirar a humanidade da *menoridade* levá-la à *maioridade*, mas, como apontou Foucault no texto *O que são as Luzes?*, ele faz uma **ontologia crítica** de si no relacionamento com o outro e com os outros de si mesmo. O artista estabelece uma *atitude de modernidade* que quer *heroificar o presente*, transformá-lo, transfigurá-lo, transvalorá-lo sem negá-lo a partir do jogo com as forças que nele se manifestam **para além do bem e do mal**. *Não há nada a perder, não há nada a ganhar a não ser o prazer de ser o mesmo, mas mudar. Não há nada só bom e ninguém é só mau se o início e o final de nós todos é um só<sup>171</sup>.*

O *sentimento trágico* do *espírito artista* traz à baila um sujeito evanescente que só se revela no ato da fala ou a partir da escrita de si com todas as suas vísceras, seu sangue, seu suor... sua vida. Não existe um sujeito prévio, essencial. Não existe o sujeito, mas *uma* subjetividade em processo, **um evanescente que se transmuta em favor da vida em cada encontro potente que acontece**. *Livre da relação, a representação pode se dar como pura apresentação<sup>172</sup>*. Assim, uma subjetividade móbile.

Esse *espírito artista*, fruto da *vontade de poder* é também um querer efetivar-se *ad aeternum*. E no turbilhão de in-determinismos da vida em que se encontra, esse *processo de subjetivação artista* na contemporaneidade, esse sujeito evanescente que joga, que brinca, que cria é *um móbile solto no furacão*.

<sup>169</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007, p. 28.

<sup>170</sup> Idem, p. 08.

<sup>171</sup> SANTOS, L. e MOTTA, N. Em: MARIANO, P. De repente. Álbum: *Intuição*, 2002.

<sup>172</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins fontes, 2010.

*Você diz que não me reconhece  
 Que não sou o mesmo de ontem  
 E que tudo o que eu faço e falo  
 Não te satisfaz  
 Mas não percebe  
 Que quando eu mudo é porque  
 Estou vivendo cada segundo  
 E você como se fosse uma eternidade a mais*

***Sou um móbile solto no furacão...  
 Qualquer calmaria me dá solidão***

*Na última vez que troquei meu nome  
 Por um outro nome que não lembro mais  
 Tinha certeza: ninguém poderia me encontrar.  
 Mas, que ironia...  
 Minha própria vida  
 Me trouxe de volta ao ponto de partida  
 Como se eu nunca tivesse saído de lá*

***Sou um móbile solto no furacão...  
 Qualquer calmaria me dá solidão***

*Quando a âncora do meu navio  
 Encosta no fundo, no chão  
 Imediatamente se acende o pavio  
 E detona-se minha explosão  
 Que me ativa, me lança pra longe  
 Pra outros lugares, pra novos presentes  
 Ninguém me sente...  
 Somente **eu** posso saber o que me faz feliz.*

*Sou um móbile solto no furacão...  
 Qualquer calmaria me dá solidão<sup>173</sup>*

---

<sup>173</sup> MOSKA, P. Um móbile solto no furacão (auto-retrato nu). Em: MOSKA. Álbum: *Mobile*, 1999.



## UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL

*Não somos mais que uma gota de luz, uma estrela que cai, uma fagulha tão só na idade do céu. Não somos o que queríamos ser. Somos um breve pulsar em um silêncio antigo com a idade do céu. (...) Não somos mais que um punhado de mar, uma piada de Deus, um capricho do sol no jardim do céu. Não damos pé entre tanto tic tac, entre tanto Big Bang. Somos um grão de sal no mar do céu. Calma! Tudo está em calma. Deixe que o beijo dure, deixe que o tempo cure. Deixe que a alma tenha a mesma idade que a idade do céu.*

**Paulinho Moska**

### A EDUCAÇÃO COMO BIOPOLÍTICA

Como viver em calma? Como estar calmo(a) em um sistema economicamente bárbaro em que quase uma centena de milhares de pessoas morrem por dia no mundo em consequência da fome para que alguns (inclusive eu e [talvez] você!) tenham uma mesa farta? Como ficar calmo(a) ao conhecer o jogo político do alto preço pelos preços baixos? Como ficar calmo(a) e viver o que chamam de *democracia* se as formas de controle político, as agências ou acordos que buscam reger o mundo, as formas de produção e administração da vida não são nada democráticas?

Um corpo está inquieto... Ele se *de-bate* em meio a um instrumento-ação e um programa-ação cada vez maior da vida. Como um pássaro canta, o corpo soa por liberdade dentro da gaiola que dizem ser sua maior realização. O que diz de si mesmo com seu canto o pássaro? Que diz esse canto ao Andarilho que o escuta?

Se antes o *poder soberano* em uma sociedade atuava em favor do definhamento da vida (suplício) de seus partícipes, hoje o biopoder e as biopolíticas criam discursos que incentivam o viver – viver mais e viver melhor – e potencializam a vida como *força de produção e reação*. Hoje, mata-se em nome da vida, pois um determinado sujeito, população ou país pode representar uma ameaça para esta. O ser humano deve ser educado para que entre em uma curva de *normalidade* e a saúde e o futuro da espécie não fiquem em risco. Diante disso, essa ótica de valoração e administração da vida causou guerras terrivelmente sangrentas na história da humanidade, a exemplo das guerras mundiais do século XX.

*Você deve notar que não tem mais tutu e dizer que não está preocupado. Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado. Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado. Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado. Você merece, você merece. Tudo vai bem, tudo legal. Cerveja, Samba... e amanhã Seu Zé se acabarem com seu carnaval<sup>174</sup>.*

Nossos atos, bem como, nós mesmos, somos o momento decisivo do presente. Momento resultante de muitos ventos históricos que ainda movem moinhos com seus valores e crenças. *O que trazem os ventos do Norte, pergunta-se o móbile? Como afetam minha dança? O que fazem neste furacão? E, da mesma forma, o que faço eu nesse furacão? E, por fim, o que juntos fazemos aqui, ali e acolá?*

Soltas no remoinho do furacão, as subjetividades na contemporaneidade têm suas relações, seus valores, idéias e concepções norteadoras alteradas. Dentre tais alterações está, justamente, a própria noção de *ser humano* que, desvencilhada da tradição metafísica – que por muito trouxe à baila o discurso hegemônico acerca de uma *natureza humana* e o papel dela nesse mundo –, passa, a partir de dado ponto histórico, voltar-se para a construção de uma auto-refêrência ou auto-reflexão.

Esse ponto histórico supra mencionado encontra-se, na tradição ocidental e para além das questões biofisiológicas que constituem a substância do corpo humano, orientado pelo processo iniciado na filosofia das luzes, em que pese o esclarecimento, o bom uso da razão em prol de um projeto de sociedade e de ser humano livres. O caminho para tal realização estaria alicerçado no desenvolvimento da ciência e da *racionalidade técnica* proveniente das novas formas de conhecer(-se) a fim de suplantar as desmedidas forças que até então traziam ao homem e à sociedade características de intemperança e animalidade.

Canguilhem<sup>175</sup> expressa que a vida é evidentemente um processo de demolição e nessa afirmação tem-se que a destruição ou o assenhoreamento são tendências constitutivas e valorativas do ser humano. São forças que tendem ao desequilíbrio na busca pela supuração de seus limites. Só quem traz o caos dentro de si pode dar a luz a uma estrela cintilante, destaca Zaratustra. Tanto é que, na literatura nietzschiana, o dionisíaco desdobra-se em

---

<sup>174</sup> GONZAGA Jr. Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Comportamento geral – um sorriso nos lábios*, 1972.

<sup>175</sup> CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária. 2ª ed. 1982.

apolíneo e, na literatura freudiana, da *pulsão de morte surge* a pulsão de vida. *Denominar o amansamento de um animal sua ‘melhoria’ é, a nossos ouvidos, quase uma piada*<sup>176</sup>.

O princípio fundamental da obra nietzschiana é o conceito de vida, que é sustentado por dois fatores que se interpenetram: conservação e aumento. Conservando-se a vida pode se expandir, aumentar. Contudo, é cônica de que se atuar apenas em prol de sua conservação irá definhir. Portanto, é impelida a trabalhar para superar-se, para adquirir mais potência. Nesse sentido está sempre em movimento – embates, lutas, conflitos – para firmar-se frente ao seu oponente.

A vida nunca delegou sua plenitude ou um sentido pronto e acabado a homem algum. Tudo que se produziu nesse sentido e quis coroar-se como a própria e única “verdade” sobre a vida incorreu em um grande erro deturpante, ganancioso e degradante da mesma. *A verdade é que os homens se deram todo o seu bem e todo o seu mal*<sup>177</sup> – um *prazerzinho* para o dia e outro para a noite – e não se deram conta de que o valor da vida não pode ser avaliado.

*Juízos, juízos de valor sobre a vida, pró ou contra, nunca podem, em definitivo, ser verdadeiros: só têm valor como sintomas, só como sintomas entram em consideração – em si tais juízos são estupidezes. É preciso estender os dedos, completamente, nessa direção e fazer o ensaio de captar essa assombrosa **finesse** – de que o valor da vida não pode ser avaliado. Por um vivente não, porque este é parte interessada, e até mesmo objeto de litígio, e não juiz; por um morto não, por outra razão*<sup>178</sup>.

Tanto a metáfora do *Relógio* que sustentou durante séculos a noção do universo como uma grande máquina composta por pequenas engrenagens e a mais recente metáfora do *Sistema* que destaca a inter-retroconectividade de todo o universo não passam de sintomas, indícios ou materializações da vida. No campo educativo a narrativa e/ou a escrita é a fixidez dos lugares e do reconhecimento ou não daquele que se expressa. A Educação e seus componentes – educadores, educandos, pensadores e pesquisadores – lança suas redes de práticas e conhecimentos tentando justificar a vida, ou melhor, a metáfora de vida que construiu para si através dos tempos. E, nesse sentido expressa Neruda: *Sou só a rede vazia*

<sup>176</sup> NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos – Ou como filosofar com o martelo (1888). Os melhoradores da Humanidade. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999, p. 380. § 2.

<sup>177</sup> NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 87.

<sup>178</sup> NIETZSCHE, 1999. O problema Sócrates, § 2. p. 373.

*diante dos olhos humanos na escuridão e de dedos habituados à longitude do tímido globo de uma laranja*<sup>179</sup>.

Fala-se em demasia do futuro a fim de regular a errância da vida. As questões que roçam o campo da Educação formal estão extremamente povoadas de discursos para se exercer e estabelecer o poder através de “verdades”. Um poder que ultrapassa os muros da escola e se faz parte de uma rede poderes e saberes que configuram a sociedade. Rancière deixa claro que o ato de escrever é um ato político, pois é *uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido a essa ocupação*<sup>180</sup> que delimita a posição dos corpos na sociedade.

Sensibilidade e *vontade de verdade*, duas potências díspares que, em contato, resulta no sufocamento e extenuar da primeira pela segunda. O que quer aquele que busca a “verdade”, a *trancendência? Bem e Mal* são os juízos de valor provenientes de tal querer. Obtidos antes da experiência sensível do contato com outras forças, tais valores são **valores ideais**, são juízos *a priori*. São forças reativas que surgem da inversão de seu direcionamento. Ao invés de serem projetadas no mundo retornam ao corpo... que adocece<sup>181</sup>. Por outro lado, aquele que se faz no mundo por meio da *vontade de potência* não tende à transcendência, mas à *imanência*. Seus atos são e dão passagem às forças ativas que transfiguram o mundo. Seus juízos de valor são obtidos depois da experiência sensível, do contato, do embate com o outro. São juízos elaborados *a posteriori* gerando os valores *Bom e Ruim*.

A Educação, tal como expresso por Hanna Arendt, presta-se a munir (fortalecer) o sujeito em esferas particulares e pré-políticas da cultura a fim de minimizar o seu estranhamento e sua vulnerabilidade diante do mundo. *No entanto, a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-lo; ela é, em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo*<sup>182</sup>.

O *in-fans*, grosso modo, é aquele que não fala, mas que é falado. O educador seria o responsável em apresentar um recorte ou uma perspectiva do mundo e auxiliar o educando no processo transfigurativo de seu espírito, possibilitando-lhe constituir-se criativamente a partir

<sup>179</sup> NERUDA, P. Extraído do filme *Ponto de mutação* de Bernet Capra, 1990.

<sup>180</sup> RANCIÈRE, J. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p.7.

<sup>181</sup> Professores adoecem... Educandos adoecem... Pseu-cidadãos adoecem... A cultura adocece... A sociedade adocece... O planeta adocece...

<sup>182</sup> ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 238.

de suas experiências em contato com o mundo, com o outro, saindo da posição de não-falante/falado para falante de si. *Nessa etapa da educação, sem dúvida, os adultos assumem mais uma vez uma responsabilidade pela criança, só que, agora, essa não é tanto a responsabilidade pelo bem-estar vital de uma coisa em crescimento*<sup>183</sup>. Dessa forma, neste campo, a função da educação é de empregar conteúdos culturais ao educando para que ele possa decodificar os símbolos ou forças de sua cultura.

Acontece que, há muito essa esfera educativa está desacreditada, pois foi invadida por interesses contrários e finalidades escusas. A Educação, nos moldes do século XVI que se mantém até o século XXI<sup>184</sup>, denota que ao invés de ser um campo para a maximização das forças do sujeito, tornou-se, muito pelo contrário, um espaço para alienação e definhamento deste. Nesse sentido destaca Nietzsche:

*Vemos hoje formar-se, em diversos lugares, a cultura de uma sociedade em que o comércio é a alma, precisamente como o combate singular era a alma da cultura entre os antigos gregos, e a guerra, a vitória e o direito entre os romanos. Aquele que exerce o comércio se dedica a taxar tudo sem produzir, a taxar segundo as necessidades do consumidor e não segundo suas necessidades pessoais; no negócio dele a pergunta das perguntas é saber “que pessoas e quantas pessoas consomem isso?” Emprega, desde logo, portanto, instintivamente e sem cessar esse tipo de taxação: a tudo, portanto também às produções das artes e das ciências, dos pensadores, dos sábios, dos artistas, dos homens de Estado, dos povos, dos partidos e mesmo de épocas inteiras: ele se informa a respeito de tudo o que se cria, da oferta e da procura, a fim de fixar para si mesmo o valor de uma coisa. Isso, erigido em princípio de toda uma cultura, estudado desde o ilimitado até o mais sutil e imposto a toda espécie de querer e de saber, isso será o orgulho de vocês, homens do próximo século*<sup>185</sup>.

Leite, em sua obra *Labirinto – infância, linguagem e escola*<sup>186</sup> –, traz um bom exemplo dos domínios de poder em sala de aula:

*Na sala de aula as crianças conversavam e brincavam enquanto a professora escrevia na lousa a seguinte tarefa:*

*“Formar frases: (embaixo do ‘enunciado’, uma lista de palavras, e dentre elas a palavra ‘cravo’)”. Após algum tempo, um dos alunos levantou-se, dirigiu-se ao pesquisador e disse:*

---

<sup>183</sup> Idem, p. 239.

<sup>184</sup> É comum vermos referências e semelhanças no tocante ao apresentado por Comenius em *A Didactica Magna* e o que se verifica nos manuais de didática e prática de ensino de nossa época.

<sup>185</sup> NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. § 175.

<sup>186</sup> LEITE, C.D.P. *Labirinto – infância, linguagem e escola*. Rio Claro: Cabral editora e livraria universitária, 2007, pp. 56-57.

- César, de que “CRAVO” ela está falando? Do “CRAVO” flor ou do “CRAVO” (nesse momento, o aluno, fez um gesto pressionando seu rosto com seus dois dedos indicadores).

*Procurando contemplar a dívida do aluno e conhecendo a dinâmica dialógica da sala de aula, foi respondido:*

- Olha eu também não sei, acho melhor você perguntar para a professora.

*O aluno dirigiu-se à professora e perguntou-lhe sobre o cravo. Porém, imediatamente ouviu:*

- É lógico que é do cravo flor.

Tal como expressa o autor, não havia nada na lousa ou no campo da sala de aula que justificasse a resposta veemente da professora, o que denota, simplesmente, a expressão de uma força reativa que cala e imobiliza o aluno. A educação, atuando nos moldes do poder pastoral, trabalha as relações inter-subjetivas por meio dos processos de culpabilização e má consciência que vão dando forma à relações e estruturas sociais de domínio e controle. Segundo Leite: *a postura da professora não cala apenas porque é autoritária, mas é autoritária porque cala*<sup>187</sup>. E continua:

*O que implica dizer que as questões relativas aos modos de constituição de sentido na sala de aula, ou seja, do próprio conhecimento, não se pauta apenas em metodologias, mas sim nas formas pelas quais a palavra circula. E a palavra, neste caso, acaba sendo um dos “lugares” onde se estabelece a relação de poder, já que se apresenta como uma só possibilidade de sentido, como algo fechado, com um sentido único, garantindo assim o controle deste e das relações por parte de uma única pessoa, a professora*<sup>188</sup>.

A educação é uma biotecnologia que engendra processos de subjetivação. Seu arcabouço teórico-prático foi constituído por meio de uma concepção moderna de sujeito, grande parte inspirada na obra kantiana, em que sua função foi articulada a partir da intenção de levar o ser humano de um estado de *menoridade* (de desrazão ou fora do uso de sua própria razão) para um estado de *maioridade* (de racionalidade e/ou autonomia). Este processo educativo, sob a égide iluminista, foi pressuposto como progressivo e universal, trazendo consigo também a aposta na razão para superação dos percauços, mazelas e interpéries da humanidade, postulando que quanto mais o sujeito conhece melhor e mais completo se torna.

---

<sup>187</sup> Idem, p. 59.

<sup>188</sup> Ibidem. Ver mais em: KOHAN, W. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Como aponta Gallo<sup>189</sup>, o que Foucault vem destacar é que esse processo de produção de subjetividade é uma construção histórica e a educação desempenha no contexto moderno um dos papéis mais importantes, senão, o mais importante para a constituição desse sujeito apontado alhures. No entanto, também enfatiza que este espaço não é o único elemento formativo do sujeito, pois este está em contato com outros sujeitos e outros elementos histórico-culturais, junto dos quais se re-configura. Nesse sentido, Mosé<sup>190</sup>, citando Canário, diz que o mundo vive hoje um alto *desenvolvimento tecnológico* e uma grande *imaturidade política e social*. Os desafios da educação estão para além das salas de aulas e dos muros das escolas. Mas foi essa escola que produziu seres humanos imaturos político e socialmente.

De acordo com Mosé, até os anos 50 no Brasil havia uma educação voltada à reflexão e ao pensamento amplo, fomentada por disciplinas como filosofia, arte, literatura. Contudo, essa estrutura educativa era destinada para poucos, com isso, fazia-se elitista e atuava socialmente em prol da segregação de grande parte do povo brasileiro, desfavorecido pelo modo de produção e organização social agrícola. Em resumo, a escola tinha uma vasta abertura à produção e utilização dos conhecimentos, mas poucos a ela tinham acesso, pois sua função era formar e manter *lideranças*.

Como consequência do processo de industrialização<sup>191</sup> do país adveio a necessidade da formação de uma mão-de-obra minimamente qualificada (que soubesse ler, escrever e interpretar algumas ordens) para atender as demandas de tal processo. Surge assim a chamada *escola para todos* ou *educação de massas* que não mais tinha como intento criar lideranças ou trabalhar uma variedade de conhecimentos, mas formar em escala industrial, junto de um *quantum* mínimo de conhecimentos, os vulgarmente chamados *peões de fábrica* para o cumprimento de algumas funções previamente estabelecidas.

A escola (...) que mantinha certa autonomia em relação à produção material e por isso podia pensá-la e negá-la como sendo a principal esfera da vida, à medida que adquire a função de produzir e reproduzir a mão-de-obra, diminuindo o seu interesse pela formação individual, colabora com a eliminação da possibilidade de formar alunos que possam refletir sobre as condições atuais de vida<sup>192</sup>.

<sup>189</sup> GALLO, S. Foucault. *Série Educadores*. Produtora Atta, 2009.

<sup>190</sup> MOSÉ, V. *Desafios da educação*. Palestra realizada no espaço CPFL Cultura em Campinas e publicada no dia 21 de maio de 2010. Obtido via internet no site: <http://www.cpficultura.com.br/video/cafe-filosofico-cpfl-educacao-viviane-mose>. Acesso em 23 de maio de 2010

<sup>191</sup> Há que ressaltar que, desde o início do século XX, as *Escolas Técnicas* figuravam no cenário educacional brasileiro.

<sup>192</sup> CROCHIK, L. *Preconceito: indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 1997, p. 13.

Sem afirmar que um modelo era melhor que o outro, é justo apontar que o modo de produção industrial adentra os muros da escola demarcando, através da *esteira fordista*, a forma e o ritmo desse *novo* modelo educacional. O início do clipe *The Wall* da banda inglesa Pink floyd traz com ardor essa despersonalização (*per sona* – pelo som ou através da voz), e produção em alta escala seriada do educando. A essa característica industrial segmentada de educação soma-se um caráter disciplinar, que tem por finalidade adestrar o animal humano em *celas* de aula, em leitos de escrita, em pátios, corredores e cantinas *panópticas*, por meio de *grades curriculares* e conhecimentos trazidos a partir de *disciplinas*. Mosé destaca que a avaliação dos educandos ocorre por meio de um instrumento chamado *prova*, momento em que o avaliado/doente/condenado deve provar sua inocência/saúde – padronização – para ser absolvido/*ter alta* e passar de ano. *A necessidade de construir essa escola dessa maneira, diz respeito, especificamente, a uma outra necessidade ou desejo dessa sociedade que é produzir passividade, disciplina, ausência de questionamento e crítica, repetição e não criação de conteúdo*<sup>193</sup>.

O ensino na escola ainda se alicerça nas bases mecanicistas de compreensão do universo. A produção de conhecimento se dá através do desmantelamento e isolamento dos processos que constituem a vida. Há disciplinas e professores para todas as partes, menos para quando esse conhecimento fragmentado tem de ser utilizado para revolver problemas que não estão dispostos nos conteúdos ministrados. Assim, no seu leito de *cela* de aula o educando, caso cumpra o rito que lhe é imposto, aliena-se de sua produção, aliena-se de si mesmo. E, quando fora do ambiente *en-si-no*, acoado, fraco e inseguro, não há que se esperar que esse educando lute por ou consiga elaborar seus próprios problemas. Afinal, ele não faz idéia de como resolver problemas complexos ou rizomáticos na teia da vida. Alienado de si... alienado do mundo... alienado da vida. Há um problema relacionado ao método de *en-si-no/a-prendi-zado*: o universo não é e nem funciona como um relógio... mas o *espírito décadent* luta para não se aperceber disso ou manter tal estrutura de apoderamento sobre o outro.

Há tempos pensou-se que uma educação inclusiva, uma educação que arrebanhasse a todos seria a panacéia dos problemas e o trampolim para uma sociedade melhor. Mas, com o tempo, entendeu-se que incluir não é sinônimo e garantia de aprendizado e melhoria de sociedade. Há tempos pensou-se em capacitar professores. Mas, se esqueceram de pensar quem e para quê educar. Há tempos... há tempos... *Disseste que se tua voz tivesse força igual*

---

<sup>193</sup> MOSÉ, 2010.



*a imensa dor que sente teu grito acordaria não só a tua casa, mas a vizinhança inteira*<sup>194</sup>. O que sabe o corpo que a consciência não sabe? Sabe que, por muito tempo, esse tal grito será um grito de dor, pois é o grito da ânsia de encontrar-se a si mesmo na canção da vida. E *o que procura facilmente se perde*<sup>195</sup> ou desafina diz o *rebanho* e suas lógicas (educacionais e mercadológicas) de des-harmonia.

Quando não há mais um projeto de sociedade e o sofrimento (efeito de forças reativas) se torna a essência da vida, a crueldade se torna um deleite para os in-civilizados. E como diria uma canção da Legião Urbana: *Parece cocaína, mas é só tristeza. (...) E há tempos nem os santos têm ao certo a medida da maldade. E há tempos são os jovens que adoecem*. Patologiza-se para manter o *status quo* – a lógica do mercado. *Todos querem o mesmo, todos são iguais: o que pensa diferente tende a ir para o manicômio*<sup>196</sup>.

A poesia de Arnaldo Antunes canta: *Eu fico louco, eu fico fora de si. Eu fica assim, eu fica fora de mim. Eu fico um pouco, depois eu saio daqui. Eu vai embora, eu fico fora de si. Eu fico oco, eu fica bem assim. Eu fico sem ninguém em mim...*<sup>197</sup> E logo pede noutra canção: *Socorro! Não estou sentindo nada. Nem medo, nem calor, nem fogo, não vai dar mais pra chorar, nem pra rir (...) Socorro! Alguém me dê um coração que esse já não bate nem apanha. Por favor! Uma emoção pequena, qualquer coisa! Qualquer coisa que se sinta... Tem tantos sentimentos deve ter algum que sirva*<sup>198</sup>. Sob os raios escaldantes das biopolíticas (modos de produção e administração da vida) as subjetividades, nos tradicionais contextos teleguiados, têm suas *palavras d'água* evaporadas e *com sede a boca cede...*<sup>199</sup> e pede alguma rua que lhe dê sentido. Mas todo sentido é *humano, demasiado humano* e a Vida, em sua plenitude, jamais caberá.

---

<sup>194</sup> BONFA, M. e RUSSO, R. Há tempos. Em: Legião Urbana. Álbum *As 4 estações*. EMI, 1989.

<sup>195</sup> NIETZSCHE, F. 2007, p. 60.

<sup>196</sup> Idem. p.29.

<sup>197</sup> ANTUNES, A. Eu fico. Em: *Bicho de Sete Cabeças* – Sound Track. 2001.

<sup>198</sup> ANTUNES, A. e RUIZ, A. Socorro. Álbum: *Ao Vivo no Estúdio*, 2007.

<sup>199</sup> ANTUNES, A e SCANDURRA, E. O buraco do espelho. Álbum: *Silêncio*, 1997.

## UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL

*O homem trágico como o homem nomeado para ser **professor** dos homens. A formação e a educação não devem tomar como norma o talento mediano para o 'éthos' e o intelecto, mas justamente essas naturezas trágicas. Aqui reside a solução para a questão social.*

*Nietzsche*

*Amo os que não procuram por detrás das estrelas uma razão para sucumbir e oferecer-se em sacrifício<sup>200</sup>. Tal como não se pode tirar uma nota de uma brilhante sinfonia, não se pode tirar nada da vida, pois nela não há nada de irrisório. Ela é virtuosa por si mesma. Viver é arte da transfiguração. Os antípodas do *último-homem* são aqueles que mantêm a integralidade da vida, que tomam, que sorvem da vida tanto suas claridades como obscuridades, risos e lágrimas. Abolir o sofrimento da existência significa desertificá-la, esterilizá-la e transformá-la em uma forma de existência própria da felicidade dos *últimos-homens*. O ser humano é uma **ponte** para o *além-do-homem* e da afirmação incontestada da vida é forjado o *espírito artista*.*

*O homem é superável. Que fizeste para o superar? (...) Noutro tempo fostes macaco, e hoje o homem é ainda mais macaco do que todos os macacos. (...) Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias; mas Deus morreu, e com ele morreram tais blasfêmias<sup>201</sup>. O anjo da história<sup>202</sup> nos propõe mudanças de percurso. Ele nos faz abandonar a idéia de progresso ao voltar nossos sentidos para as ruínas de acontecimentos e vozes silenciadas. A *história à contrapelo* é um processo de amplificação de (des)harmonias que timidamente ressoam na esfera macrossocial. A *história tradicional* é um movimento que emudece, que elege perspectivas de experienciar as múltiplas manifestações da vida. E é, justamente, desses pontos de vista que uma (in)determinada subjetividade vai se constituindo.*

*Meu pensamento não quer pensar. Ele está com preguiça de se levantar. Depois de um sono tão profundo é duro acordar e ver que no mundo tudo é novidade, mas eu já conheço. Então volto a dormir que é pra ver se me esqueço que meu pensamento não quer pensar e para apreender eu vou ter que apanhar, pois só assim que o ser humano evolui, só assim serei o que nunca fui. Tudo é tão velho e eu ainda nem nasci, o tempo nunca passou e eu nem percebi que o meu pensamento não vai pensar enquanto eu não fizer seu coração vomitar toda a consciência que não o*

<sup>200</sup> NIETZSCHE, F. 2007, p. 22.

<sup>201</sup> Idem. p.19.

<sup>202</sup> BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história. Obras escolhidas*, vol.1, 1996, p.226.

*deixa em paz com os mesmos padrões de séculos atrás, com as mesmas paixões por coisas absolutamente banais*<sup>203</sup>.

Pensar é sair do cotidiano, das formas, caminhos e lugares pisados por crenças e valores que nos são transmitidos como tesouros e mantidos por nós nessa viagem feita pela humanidade que gravita ante o não-saber, a falta, a angústia, a precariedade, a incompletude. Pensar é beber a náusea da des-humanidade. Pensar uma educação para além do bem e do mal é pensar uma educação do *último-dia*<sup>204</sup> (de nossas vidas) – aquela sem amanhã, mas coberta de eternidade. Uma educação em que não se teria de *correr prum shopping center ou para uma academia para se esquecer que não dá tempo, pro tempo que já se perdia*.

*Quando Foucault diz que o valor de uma teoria só pode ser medido pela utilização, pela produtividade que essa teoria tem, quando ele diz que seu próprio pensamento deve ser utilizado como uma caixa de ferramentas, o que ele está dizendo é que, na verdade, não há strictu sensu alguma coisa a ensinar, o que há é muita coisa para ser apreendida. Mas quem ensina não pode antecipar o trabalho de quem aprende. Afinal, aprender é um trabalho de criação, é um trabalho de produtividade, um trabalho de tirar sentido daquilo que precisa ser interpretado*<sup>205</sup>.

Tal como destaca Kohan: *aprender é um trabalho de criação*. Mas criar não é um ato simples. É preciso um *espírito artista* – que congrega as três transmutações do espírito descritas por Nietzsche – para tanto. É como na afirmação de Victor Hugo: *A infância começa quando o tempo traz a experiência*. A esse respeito infere Leite<sup>206</sup>:

*As breves palavras de Victor Hugo apresentam um caráter invertido, transgressivo em nossa usual lógica em relação aos temas que na frase acima se apresentam - **infância, tempo e experiência**. Estamos acostumados a dizer que 'deixamos a infância quando, com o passar do tempo se produz em nós as mais diferentes experiências, nos amadurecendo e produzindo desta forma nossa condição de adultos', ou seja, a infância se apresenta como o oposto, o reverso da experiência, pensamos que os mais jovens e inexperientes são os mais infantis e que, sendo assim, a infância termina quando com o passar do tempo acumulamos, vivemos as diferentes experiências, a infância se funda na idéia de falta, na noção de privação, de carência, de aquilo que ainda não têm, mas com o tempo virá a ter. (...) ao dizer*

<sup>203</sup> MOSKA, P. Meu pensamento não quer pensar. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. 2004.

<sup>204</sup> MOSKA, P. Último dia. Em: MOSKA. Álbum: *Pensar é fazer música*. 1995.

<sup>205</sup> KOHAN, W. Transcrição livre de sua fala. Em: GALLO, S. Foucault. Série Educadores. Produtora Atta, 2009.

<sup>206</sup> LEITE, C.D.P. Infância, tempo e experiência: olhares e possibilidades para um devir infância. Em: *Childhood & philosophy*. Rio de Janeiro, v. 6, n.11, jan./jun. 2010. Obtido via internet em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=childhood&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=530&path%5B%5D=485>. Acesso em: 03/08/10.

que, a infância começa falamos em começo, início, origem, estes termos se relacionando a uma perspectiva invertida, que considera de imediato algo prévio, pois nela, nesta perspectiva a origem pressupõe **um tempo já existente que trás a experiência**. Ou seja, nós aprendemos, diferentemente do indicado acima, que a infância 'acaba', 'termina' quando o tempo 'trás a experiência'. (...) a respeito do que estaria sendo apresentado pelas palavras de Victor Hugo, necessitam que encontremos sendas, frestas, caminhos onde ressonâncias produzam ondas e movimentos e nesta frequência algumas palavras de um dos mestres das artes plásticas do século XX – Picasso se fazem presente. O artista catalão, em certa ocasião afirmou que **aos doze anos pintava como um adulto e que passará a vida toda para aprender a pintar como uma criança**. A afirmação do artista dialoga de uma ou outra forma, com a frase/texto de Victor Hugo sugerindo certa complexidade nos modos de pintar da criança, ou ainda, que há algo na criança que enquanto adultos perdemos, mas algo que está **além, mais complexo** e que quando nos tornamos adultos acaba, deixando de ser de um modo e passando a ser de outro, menos complexo.

Experiência é tudo aquilo que auxilia o ser humano a apreciar, apreender e viver a multiplicidade da vida. É a *moral da história*, a *lição de vida* – e não o *sentido da vida* – que ele extrai e articula a partir do que sente em contato com o outro e que, por derradeiro, acaba se tornando seu referencial para lidar com as vicissitudes próprias e particulares de sua condição. Benjamin em seu texto *Experiência e Pobreza*<sup>207</sup> ilustra esse tipo de experiência contando que em um dos livros lidos em sua infância havia uma parábola em que um velho, no leito de morte, revela a existência de um tesouro no vinhedo da família. À procura de tal tesouro, os filhos cavam, mas nada encontram. Porém, com a chegada do outono, o vinhedo produz uma infinita quantidade da fruta, a maior da região. Nesse momento os filhos vivenciaram a experiência que seu pai lhes transmitiu, o que seu pai quisera lhes dizer – *a felicidade não está no ouro, mas no trabalho*.

Colocando em relação as considerações acima destacadas de Kohan, Leite, Benjamim e Picasso junto das três transmutações do espírito de Nietzsche é possível inferir acerca de um *caminho de ascese* ao espírito humano. Tal percurso, que poderia ser *a corda estendida entre o último-homem e o além-do-homem* pensado por meio da literatura nietzschiana, será nomeado no presente trabalho de *caminho para uma ética sensível*, uma possível idéia que brota das raízes etimológicas *éthos* que denota o que é costumeiro, habitual; e, *éthos* que remete a uma idéia de caráter, temperamento. Tal como no *Bolero de Ravel* esse trajeto retorna como uma *desinência musical* em que a cada giro do *ciclo filogênese, ontogênese e ética sensível*, algo nele muda enquanto outras permanecem. Um *ritornelo*.

---

<sup>207</sup> BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza*. Obras escolhidas, vol.1, 1996.

Da filogênese decorre uma *conditio sine qua non* de configuração de forças que dão forma e possibilitam o ser humano enquanto pura vontade de potência, como constitutiva do ser humano como espécie animal. Nesse estágio, são as *forças instintivas* quem dominam este ser. Puro dionisíaco<sup>208</sup> que, com o advento da civilização, desdobra-se no princípio apolíneo doando um *quantum* de sua potência para este e começa a agir de maneira mais velada no ser humano. Diante das inúmeras tentativas na história da espécie humana de determinar/enclausurar a Natureza e constituir para si uma ética condizente com suas (particulares) necessidades (de vontades e grupos específicos), tal princípio foi sendo reprimido cada vez mais e re-voltando-se, vez e outra mais forte, contra seu repressor – corpo/sujeito – que adoece.

Zaratustra menciona três transfigurações do espírito – camelo, leão e criança. Transfigurar é transmutar-se em si mesmo, na sua particular configuração. Assim, o espírito é um elemento sábio e criativo no ser humano. É através dele que o *devir homem* acontece e aquilo que outrora fora mais primitivo neste ser se supera. É um trabalho, como apontou Kohan. Mais ainda, é uma ascese, e, como tal, pressupõe uma virtude. Mas que virtude seria esta se o espírito criança é uma atividade autotélica?

A concepção mais corrente de infância que se tem na cultura ocidental contemporânea é a de que a mesma se *funda na idéia de falta, na noção de privação, de carência, de aquilo que ainda não têm, mas com o tempo virá a ter* e pressupõe um tempo e uma estrutura social anteriores ao recém chegado. Pois bem, o ser humano é um ser histórico e é como ser histórico que ele herdará as perspectivas valorativas de sua espécie para sobreviver. Um processo educativo conteudista – eis o que clama a face *camelo do espírito artista*.

*Que é pesado? – pergunta o espírito tornado besta de carga, e ajoelha-se como o camelo que quer estar bem carregado. Que é o mais pesado, heróis? – pergunta o espírito tornado besta de carga. – Pois deleitai-a sobre mim, para que eu goze de forças? Não é rebaixar-nos para mortificar o nosso orgulho? Deixar brilhar a sua loucura para burlar-se de sua sensatez? Ou então abandonarmos nossa causa, quando ela celebra sua vitória? Escalar altos montes para tentar o Tentador? Ou é sustentar-se com bolotas e a erva do conhecimento, e fazer jejuar a alma por amor da verdade? Ou é estar enfermo e despedir os consoladores, e travar amizade com surdos, que não ouvem nunca o que desejam? Ou será submergir-se em água imunda, quando ela é a água da verdade, e não afastar de si as frias rãs e os sapos*

<sup>208</sup> Ou *pulsão de morte*. A idéia de Nietzsche cumpre a função autor para Freud, ou seja, Freud leu Nietzsche para formular sua teoria, é uma questão subentendida no presente trabalho, mas que, por falta de tempo para desenvolvê-la, será tratada num próximo trabalho.

*quentes? Ou é amar aos que nos desprezam e estender a mão ao fantasma que quer assustar?*<sup>209</sup>

Carregado com todo pesadume dos valores de sua cultura o espírito camelo se apressa para o deserto, local ermo em que irá buscar o seu deserto – abandono, solidão, incredulidade, angústia. Essa é a sua caminhada na assimilação dos valores da tradição que, pelo deserto – o local do niilismo, do ceptismo, da falta de alegria e dos objetivos vãos – provocará a segunda transfiguração de seu espírito, pois cansado dos valores pérfidos que carregava o camelo quer ser senhor de si mesmo e abandona a carga, desafiando seu último *amo* – o escamoso dragão da moral e da tradição que diz *tu deves!* enquanto o leão diz eu quero!

Somente um espírito forte para enfrentar e subjugar aquilo que um dia pediu e amou a fim de conquistar sua liberdade. Essa postura exige o *sentimento trágico* não só para suportar o peso da aniquilação do outro, mas para também suportar o cheiro da decomposição dos deuses, ídolos, estruturas e valores sociais diante de sua transfiguração. É a busca pelo *torna-te quem tu és* ou invés do *conhece-te a ti mesmo*. A idéia de infância, enquanto ingenuidade e espaço sem conteúdo é perdida.

Vale lembrar, nesse momento de ruptura, que no texto *A escrivainha*<sup>210</sup> Benjamim fala da importância daquela mobília e local para seus estudos e manutenção de sua saúde frente às imposições da cultura e da educação. Um aspecto importante a se destacar é que a escrivainha era campo propício para a liberação e vivência das fantasias do jovem Benjamin. Naquele espaço ele podia ser ele mesmo e ir além... fabular... mentir... criar... Mas isso o espírito leão é incapaz de fazer. Por qual motivo? O que pode o espírito criança que não pode o leão?

No deserto, o espírito leonino está no campo do niilismo e aferrado ao ceptismo. Mesmo combatendo e desprezando a tradição dogmática, aquele que despreza ainda não se desprende da vontade de prezar(-se). Ele denuncia grandes mazelas, grandes mentiras, mas ainda encontra-se atrelado e sem fazer a crítica do valor verdade. E onde há *vontade de verdade* não há *experiência sensível*, não há juízos *a posteriori*. Vale lembrar que em alemão

---

<sup>209</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 40.

<sup>210</sup> BENJAMIN, W. *A escrivainha*. Em: *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.

*Benjamin descreve a palavra experiência como Erfahrung – usado no antigo alemão no sentido literal de **percorrer, atravessar uma região durante uma viagem***<sup>211</sup>.

*Ao contrário, a constituição do sujeito na linguagem e através da linguagem é precisamente a expropriação desta experiência “muda”, é, portanto já sempre “palavra”. Uma experiência originária, portanto longe de ser algo subjetivo, não poderia ser nada longe daquilo que, no homem, está antes do sujeito, vale dizer, antes da linguagem: uma experiência “muda” no sentido literal do termo, uma infância do homem*<sup>212</sup>.

Ao retomarmos o giro conceitual que realizamos no mito edipiano, a partir do pensamento foucaultiano, excluindo dele o caráter a-histórico e passamos a considerar a dinâmica psíquica do ser humano junto das relações que este, enquanto *subjetividade privada*, estabelece consigo e com o outro no trato com a questão do desejo ou da situação de ser desejante, vê-se que o que antes se apresentava como sentimento de culpa ou má consciência, como força reativa à *vontade de verdade*, no *espírito artista*, embuído da *vontade de potência*, apresenta-se como *sentimento trágico* e *possibilidade de mentir*, o que não lhe traz os *sentimentos décadent*, pois para ele a verdade não tem valor ou apenas é considerada como sintoma.

*Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. (...) o espírito quer agora a sua vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o seu mundo*<sup>213</sup>. A roda que gira sobre si mesma é o axi da bem-aventurança. Ela gira, ela joga, ela brinca e seu brincar é autotélico, pois não tem outro propósito a não ser o de deixar a vida acontecer. A criança é o dionisíaco que transpassa o apolíneo e não teme o que vai chegar... É inocente porque avalia a partir da vida. Afinal, ela é a própria vida, por isso um fim em si mesmo, por isso desinteressada, espontânea, livre... criadora. Seu brincar transfigura as coisas, dessacraliza objetos, dessubjetiva pessoas. Através de tal espírito tudo retorna eternamente.

A tradição filosófica ocidental, desde Platão, *sempre caracterizou o conhecimento pelo logocentrismo, pela semelhança, pela adequação, pela beatitude, pela unidade*<sup>214</sup>. Por

---

<sup>211</sup> LEITE, 2010.

<sup>212</sup> AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 58.

<sup>213</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 42.

<sup>214</sup> FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro. Ed. Nau.1996, p. 22.

esse motivo, Picasso já pintava como adulto aos doze anos de idade e passara a vida toda tentando pintar como criança. O espírito criança é a abertura para a vida, vida que não cabe e nem se deixa capturar plenamente nas maquinações humanas. O exercício de Picasso é deixar que a vida se atualize por meio de si, de seus pincéis. Não é por acaso que na época em que falou das três transmutações do espírito Zaratustra morava em uma cidade chamada *Vaca Malhada* ou *Vaca das Variadas Cores* – que simboliza o saber múltiplo e complexo - *A infância começa quando o tempo traz a experiência.*

*A questão é que, neste percurso de reflexão, o que vemos é que a infância nos mostra uma de nossas verdadeiras faces, nossa incompletude, nossa in-fância, não cabe aqui falar de uma infância do homem, mas dizer de uma condição infantil da própria condição humana, o infantil enquanto este inacabamento, esta possibilidade de abertura, este algo que não se fecha. (...) a infância permite que o tempo este contínuo, sem passado, nem futuro, puro vir a ser, pura apresentação e produção da infância, traga a experiência, ou seja, estes modos de afetação e sensações, de encontro com o outro, de abertura e deste porvir.<sup>215</sup>*

Desse ponto podemos pensar o gesto foucaultiano descrito por Deleuze acerca do tempo:

*(...) o que interessa é a diferença do presente e do atual. O novo, o interessante, é o atual. O atual não é aquilo que somos, mas, antes, aquilo que nos tornamos, aquilo que estamos nos tornando, isso é, o Outro, nosso vir-a-ser-outro. O presente, ao contrário, é aquilo que somos e, por isso mesmo, o que já estamos deixando de ser. Temos de distinguir não apenas a parte do passado e a do presente, senão, mais profundamente, a do presente e a do atual. Não porque o atual seja a prefiguração, utópica inclusive, de um futuro de nossa história até agora, mas porque é o agora do nosso vir-a-ser<sup>216</sup>.*

Tem-se então que a função do atual é afirmar o presente e ir aos poucos desconstruindo-o, ou seja, aquela imagem, idéia, presunção que educador e educando têm de si mesmos e do universo que os circunda – o que lhes é habitual, suas certezas, crenças e valores. Assim, *uma educação para além do bem e do mal* atua junto da *mobilização de princípios* como possibilidade de abertura para a experiência sensível da vida. E assim a poetisa canta:

*Uma parte de mim é todo o mundo.  
Outra parte é ninguém fundo sem fundo.*

---

<sup>215</sup> LEITE, 2010.

<sup>216</sup> DELEUZE, G. apud LARROSA, J. 2000, p.333.



*Uma parte de mim é multidão.  
Outra parte estranheza e solidão.*

*Uma parte de mim pesa, pondera.  
Outra parte delira.*

*Uma parte de mim almoça e janta  
Outra parte se espanta.*

*Uma parte de mim é permanente.  
Outra parte se sabe de repente.*

*Uma parte de mim é só vertigem.  
Outra parte linguagem.*

*Traduzir uma parte na outra parte.  
Que é uma questão de vida e morte.  
Será arte?<sup>217</sup>*

Atonal ou descompassada, fazendo com que muitos Homens se percam *nas comas da ilusão*, é certo que a vida não cabe por inteiro em nenhuma das partituras ou instrumentos musicais criados pelo ser humano. Mas, também parece certo, que este último, este *móvil solto no furacão*, em diversas situações, canta e dança em delírio tal canção, sem distinguir, em muitos compassos, o instante em que se faz criador ou criatura, intérprete ou platéia, instrumento ou arranjador, pois é a vida que o chama para festa! *Vou andar, vou voar, pra ver o mundo [e] nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo*<sup>218</sup>.

*O homem é uma invenção. (...) Se estas disposições [que o inventaram] viessem a desaparecer, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia*<sup>219</sup>.

Uma *educação para além do bem e do mal* é uma educação para a aquisição de poder. E só se adquire poder lutando, superando limites. A *atualidade* trazida pelo educador – que conflui a figura do psicólogo e do artista trágico – ao educando em sala de aula é um recorte (uma perspectiva) da concentração de poder daqueles humanos que os antecederam na busca por mais potência e que se transformou na *tábua de valores* que rege a cultura em que se encontram. A função de tal educação é munir o educando de utensílios para a decodificação e rearticulação dos aspectos latentes e manifestos da cultura. O educador deve

<sup>217</sup> GULLAR, F. *Traduzir-se*. Em: CALCANHOTO, A. Álbum: *Senhas*, 1992.

<sup>218</sup> DJAVAN. *Seduzir*. Álbum: *Ao vivo*. Sony Music, 1999.

<sup>219</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes. 2007, p.536.

buscar alargar as fronteiras do pensamento do educando para que este possa apreender a diferença em novas formas de subjetividade e ensaiar novos processos de subjetivação que ultrapassem os modelos até então fornecidos a ele(s) pela tradição da história da cultura e suas realações de poder.

*A questão fundamental do ser humano é o pensamento, é por meio do pensamento que o ser humano se des-envolve criando conceitos, mudando valores. – O homem é homem porque se tornou um animal capaz de simbolização. O homem é um animal simbólico. Esse é seu elemento. Estar fora desse elemento é estar fora de sua essência, desse processo de hominização*<sup>220</sup>.

Por ser uma educação iconoclasta e trágica, *uma educação para além do bem e do mal* não é ôntica, mas ética. Isso não quer dizer que é o lugar em que tudo pode, uma esfera sem limites. Eles existem, principalmente para estabelecer as regras de convivência. Contudo, não é um limite imposto pelo ser humano, mas pela vida. *Em toda parte onde encontrei vida, ouvi falar de obediência. Tudo o que vive obedece*<sup>221</sup>. Pressuposto que ela é o valor dos valores é ela quem deve mobilizar as perspectivas avaliativas. É a partir de seu favorecimento que tais limites **devem** ser estabelecidos. É potente e legítimo utilizar aqui a ferrenha palavra *dever*, pois se houver uma perspectiva avaliativa que não seja *o valor vida*, tal educação deixa de estar para além do bem e do mal para ser humana, demasiadamente humana. Somente um *espírito artista* é capaz de tal façanha, pois é preciso suportar, agir e criar a partir do caos que há em si e no outro. *Dominar é suportar o contrapeso da força mais fraca, é, portanto uma espécie de continuação da luta. Obedecer é também uma luta: desde que reste força capaz de resistir*<sup>222</sup>. Desse ponto é possível tomar um dos versos mais intrigantes da banda Legião Urbana: *disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza, ter bondade é ter coragem. Na minha casa tem um poço, mas a água é muito limpa*<sup>223</sup>.

---

<sup>220</sup> GIACÓIA Jr. e MOSÉ, V. *Desafios contemporâneos – o pensamento*. Palestra realizada no espaço CPFL Cultura em Campinas e publicada no dia 21 de maio de 2010. Obtido via internet no site: <http://www.cpflicultura.com.br/video/cafe-filosofico-cpfl-educacao-viviane-mose>. Acesso em 23 de maio de 2010.

<sup>221</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 157.

<sup>222</sup> NIETZSCHE apud MARTON, 2000. p.44.

<sup>223</sup> RUSSO, R.; BONFÁ, M e VILLA-LOBOS, D. Há tempos. Em: Legião Urbana. Álbum: *Série Bis*, 2007.

O educador deve ser a *função autor*<sup>224</sup> no limiar da experiência educativa de um móbil solto no furacão. Deve exercer um corte trágico na experiência pregressa do educando, instaurando *nos a priori* deste, em seus registros *mnêmicos* o caos<sup>225</sup>. O dever do educador, depois de *substituir a confiança pela desconfiança*<sup>226</sup>, é a de criar junto ao educando problemáticas comuns que possibilitem o estabelecimento de vínculos que potencialize a escrita de si. A escrita-de-si como cuidado-de-si, de reinvenção de si mesmo. E esse movimento é um movimento de mão-dupla, de inter-relações de força. É um *risco inventivo*, um risco artístico para ambos; o risco que deseja o *espírito trágico*, pois, educador e educando nesse exercício de si não são:

*rãs pensantes, nem aparelhos de objetivação e máquinas registradoras com vísceras congeladas – temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade. Viver – assim se chama para nós, transmutar constantemente tudo o que nós somos em luz e chama; e também tudo o que nos atinge. Não podemos fazer de outro modo*<sup>227</sup>.

*Uma educação para além do bem e do mal* traz consigo um *risco filosófico vital* entre amigos que não temem momentos preocupantes ou ameaçadores. Uma relação in-tensa que produz *conceitos* a partir de *experiências sensíveis* ao invés de *experiências ideais*. Ao invés de uma pergunta direcionada aos educandos ela pode estar voltada para as próprias relações que ocorrem em sala de aula, na escola ou no bairro. Assim, a questão *o que é democracia?*, por exemplo, pode ser pronunciada da seguinte forma: *como vocês sentem a democracia?* E, a partir daí, distender relações com o conhecimento que ultrapassem as janelas e os muros da escola. Uma **ética sensível** entre amigos.

*Seria preciso formulá-la ‘entre amigos’, como uma confiança ou uma confiança, ou então face ao inimigo como um desafio, e ao mesmo tempo atingir esta hora, entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do amigo. É a hora em que se diz:*

<sup>224</sup> FOUCAULT, M. O que é um autor? Em: MOTTA, M. B. (Org). *Ditos e Escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Segundo Foucault *a função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade* (p. 274). *A marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência* (p. 279). A função autor alarga as possibilidades interpretativas e expressão da diferença por meio de novos processos de subjetivação. Um exemplo extremamente evidente, que também foi trabalhado por Foucault, é que a humanidade nunca mais foi ou será a mesma depois das obras de Marx, Nietzsche e Freud.

<sup>225</sup> Uma das possibilidades de continuidade e aprofundamento do presente trabalho é, indubitavelmente, a leitura de Kant e outros pensadores que exploram o campo conceitual da experiência e da memória.

<sup>226</sup> Nietzsche apud Deleuze e Guattari, 1992. pp. 13-14.

<sup>227</sup> NIETZSCHE, F. A gaia ciência. § 3. Em: Nietzsche – Vida e obra. Obras Incompletas. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1999. p. 175.

*'era isso, mas eu não sei se eu disse bem, nem sei se fui assaz convincente'. E se percebe que importa pouco ter dito bem ou ter sido convincente, já que de qualquer maneira é nossa questão agora*<sup>228</sup>.

Perceber... estar aberto à... ao invés de decorar uma idéia que ladrilha os caminhos pelos quais percorrem os sentidos do corpo, as possibilidades de afetação, e impedem o nascimento das flores, o vôo polinizante das abelhas, o *balet* das psicodélicas borboletas... a partir do des-conhecimento. *Párate y mira! Mira como se mueve, mira como baila, mira como salta!*<sup>229</sup>

Deixar que a vida aconteça...

*No horizonte do infinito – nós abandonamos a terra, tomamos o navio! Nós destroçamos as pontes à nossas costas – mais ainda, destroçamos a terra às nossas costas! Agora, pois, naviozinho! Tem cautela! Ao redor de ti se estende o oceano; ele nem sempre brame, é verdade, e por vezes se estende como seda e ouro e sonhos de bondade. Porém horas virão em que reconhecerás que ele é infinito e que não há nada mais terrível que a infinitude. Oh, pobre pássaro que se sentiu livre e agora se choca contra as paredes desta gaiola! Ai, se te acomete a saudade da 'terra', como se lá tivesse havido mais liberdade – e já não há mais terra nenhuma*<sup>230</sup>.

*Pra onde essa onda vai? De onde essa onda vem? Eu não sei o que ela me traz, mas o meu desejo é que me leve também*<sup>231</sup>. A tarefa que se se impõe para uma educação para além do Bem e do Mal é a transvaloração dos valores que produziram tal ponto crítico de modelo biopolítico de educação. É uma tentativa de descolapsar o presente através da remodulação ou transfiguração dos atos e processos de subjetivação que criaram tal situação. Assim, a tarefa que se impõe ao protótipo de *espírito artista*, tão caro ao cenário educativo contemporâneo, não é forjar para a educação um novo modelo ou um novo sentido, mas sim, junto da experiência sensível de tal cenário, criar dispositivos de força ativa que possibilite viver tragicamente o caos do desassossego de buscar a reversibilidade de algo que se mostra esgotado e irreversível. **Conhecemos nosso destino!**

<sup>228</sup> DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 10.

<sup>229</sup> LOS PERICOS. *Párate y mira*. Álbum: *Pampas Reggae*. Argentina: EMI Odeon, 1994.

<sup>230</sup> NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001, aforismo 124.

<sup>231</sup> MOSKA, P. *Onde anda a onda*. Álbum: *Móbile*. EMI MUSIC LTDA, 1999.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS & FONOGRÁFICAS

### INTRODUÇÕES & IN-CONCLUSÃO

- AMADO, J. *Jubiabá*. 53ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida... Publicado originalmente em *Philosophie*, nº 47, 1995, pp.3-7. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.
- DINIZ, J. Coração aos saltos. Álbum: *Juliana Diniz*. Universal Music, 2005.
- DREXLER, J. Eco. Álbum: *Eco*. Warner, 2005.
- DUNCAN, Z. e LUIZ, P. Braços cruzados. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-pós-tudo-bossa-band*. 2007.
- DUNCAN, Z. e MOSKA, P. Carne e osso. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. 2007.
- DUNCAN, Z. e LENINE. Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. 2007.
- FALCÃO, D. Coisas que eu sei. Em: (DVD) VERCILLO, J. *Trem da minha vida*. EMI, 2009.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 11.
- FOUCAULT, M. O Anti-Édipo – uma introdução à uma vida não-fascista. Em: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1972.
- FROMMER, M.; REIS, N.; VIANNA, H. O caroço da cabeça. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *9 luas*. EMI, 1996.
- GESSINGER, H. Toda forma de poder. Em: Engenheiros do Hawaii. Álbum: *10.000 Destinos*, 2000.
- GONZAGA JÚNIOR, L. Pacato Cidadão. Álbum: Gonzaguinha. Série: *Bis*. CD 1. EMI, 1995.
- KELL, M.R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LENINE e FALCÃO, D. É o que me interessa. Em: Lenine. Álbum: *Labiata*. Casa 9, 2008.
- LENINE e RENNÓ, C. Vivo. Em: Lenine. Álbum: *In Cité*. Warner Music, 2005.
- MOSKA, P. Um móbile solto no furacão. Álbum: *Móbile*. EMI-Odeon, 1999.
- NASCIMENTO, M.; BORGES, L. e BORGES, M. Clube da esquina 2. Em: VENTURINI, F. Álbum: *Noites com sol*. Velas, 1994.
- NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- REIS, N. Os Cegos do castelo. Em: Titãs. Álbum: *Acústico MTV*. WEA Music, 1997.

- SEIXAS, R. Ouro de tolo. Álbum: *Krig-Ha, Bandolo*, 1973.
- SEIXAS, R. Por quem os sinos dobram. Álbum: *Por quem os sinos dobram*, 1979.
- VELOSO, C. Força Estranha. Em: *Roberto Carlos – Especial de final de ano*. Rede Globo, 2008.
- VIANNA, H. Lanterna dos Afogados. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *Vamo Batê Lata*, 1995.
- VIANNA, H. O caminho pisado. Em: Os Paralamas do Sucesso. Álbum: *9 luas*. EMI, 1996.

### **VONTADE DE POTÊNCIA, PODER PASTORAL & VONTADE DE VERDADE**

- AMBRÓZIO, A. e VASCONCELOS, P. A. C. *Biopoder e cuidado de si no pensamento de Michel Foucault*. 2009. (em prelo).
- BENJAMIN, 1996, A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996, p.196.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.
- BÍBLIA SAGRADA. Obtida via internet em: [www.bibliaonline.com.br](http://www.bibliaonline.com.br).
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida. Publicada originalmente em *Philosophie*, nº 47. 1995: 3-7. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.
- DELEUZE, G. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Verbete “J”. Obtido via internet em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em fevereiro de 2010.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Roffily Dias. Editora Rio, 1976.
- FIGUEIREDO, L.C.M. & SANTI, P.L.R. *Psicologia – uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Ed. Nau. 1996.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – a vontade de saber*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. ‘Omnes et Singulatim’: uma Crítica da Razão Política. Em: MOTTA, M. B. (Org.). Coleção Ditos e escritos. Vol. IV - *Estratégia, poder-saber*. 2ª ed./1ª reimp. 2010.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território e população*. Curso no Collège de France 1977-1978. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- GESSINGER, H. 3ª do plural. Em: Engenheiros do Havaii. Álbum: *Acústico MTV*. Universal Music, 2004.
- GESSINGER, H. A violência travestida faz seu trottoir. Em: Engenheiros do Havaii. Álbum: *O papa é pop*, 1990.

- GIACOIA Jr., O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GIACÓIA Jr., O. *Nietzsche & Para além de bem e mal*. 2ª ed. Coleção Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.
- GIANNETTI, E. Crise financeira. Folha Online. *Videocast*. Obtido via internet em: <http://www.youtube.com/watch?v=O9XHhimNTEo>. Acesso em 20/05/2009.
- LOSURDO, D. Nietzsche: o rebelde aristocrata: bibliografia intelectual e balanço crítico. Tradução de Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan. 2009.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- MORIN, E. A noção de sujeito. Em: SCHNITMAN, D. F. (Org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MOSKA, P. O jardim do silêncio. Álbum: *Tudo novo de novo*. EMI-Odeon, 2003.
- NERUDA, P. (...) No filme *Ponto de Mutação*. Direção Bernet Capra. USA, 1986.
- NIETZSCHE, F. A gaia ciência. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda.,1999.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos – Ou como filosofar com o martelo – 1888. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda.,1999.
- NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- NIETZSCHE, F. Sobre “O nascimento da tragédia”. Fragmento póstumo – 1888. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda.,1999.
- NIETZSCHE, 1999. Sobre o niilismo e o eterno retorno. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda.,1999.
- SAGAN, C. *Cosmos*. Episódio sete - A espinha dorsal da noite. Estados Unidos da América: BBC. 1980.
- ULTRAJE A RIGOR. Sexo. Álbum: *18 anos sem tirar*, 1999.
- YUKA, M. Tribunal de rua. Em: O Rappa. Álbum: *Lado B, Lado A*. 1999.

### **PERSPECTIVAS AVALIATIVAS**

- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- MARTON, S. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Palestra proferida no primeiro curso livre de humanidades. São Paulo: Cultura Marcas, 2004.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

NIETZSCHE, F. Genealogia da moral. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999.

### **SENTIMENTO DE CULPA & MÁ CONSCIÊNCIA**

AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

BALEIRO, Z. Flor da pele. Em: *Gal Costa - Acústico MTV*, 1997.

BELCHIOR. Em: MARIANO, P. Álbum: *Pedro Mariano – Ao vivo*. 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Obtido via internet em: [www.bibliacatolica.com.br](http://www.bibliacatolica.com.br). Acesso em: 01/09/2010.

COSTA, J. F. *Uma história da subjetividade no ocidente*. *Café Filosófico*. São Paulo: Cultura Marcas. Programa gravado no espaço CPFL. Obtido via internet em: <http://www.cpfcultura.com.br/video/historia-da-subjetividade-no-ocidente-da-vida-politica-vida-higienico-romantica-percurso-da>. Publicado em 28/02/2009. Acesso em: 27/05/2009.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvin, 1972.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Organização e tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2007.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. *Edição standard brasileira das obras completas*. v. V. 2ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. *Instinto e suas Vicissitudes*. Edição (Eletrônica) Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Imago, 1996.

FREUD, S. *O inquietante*. Obras completas, v. XIV. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Título original: “Das Unheimliche” – 1919.

mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Totem e Tabu. *Edição standard brasileira das obras completas* v. XIII. 3ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1990.



- GARCIA-ROSA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editor, 2002.
- GIACÓIA Jr., O. Desafios contemporâneos: o pensamento. Palestra realizada no programa *Café Filosófico CPFL* gravada no dia 25 de setembro de 2009, em Campinas, como parte do módulo *Como a filosofia pode nos ajudar a enfrentar a crise contemporânea*. Obtido via internet: <http://www.cpfcultura.com.br/video/integra-desafios-contemporaneos-pensamento-oswaldo-giacoia-jr>. Acesso: 17/05/2010.
- GIACÓIA Jr., O. *Nietzsche*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. V. I e II. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- MARIGUELA, M. A. Freud e Nietzsche: ontogênese e filogênese. Em: *Impulso – Revista de ciência sociais e humanas*. Volume 12. Piracicaba: Unimep, 2001.
- MOSKA, P. e ROMERO, N. A seta e o alvo. Em: Moska. Álbum: *Através do espelho*. EMI-Odeon, 1997.
- MOSKA, P. e MAUTNER, J. Castelos de Areia. Em: MOSKA. Álbum: *Móbile*, 1999.
- MOSKA, P. Um e outro. Em: MOSKA. Álbum: *Móbile*. EMI-Odeon, 1999.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral. *Coleção Os pensadores*. Ed. Nova Cultura Ltda., 1999.
- SÁ, L. C. e MAGRÃO, S. Caçador de mim. Em: NASCIMENTO, M. *Caçador de mim*. BMG Ariola, 1981.
- Zé, T. Tô. Em: Tom Zé. Álbum: *O pirulito da ciência – ao vivo*. Biscoito fino, 2010.

### **SENTIMENTO TRÁGICO, MENTIRA & TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO**

- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Entrevista com Bill Moyers. Logo On/culturamarcas, 2005.
- CLUBE DA LUTA. Título original: *Fight Club*. Direção: David Fincher. País de Origem: EUA. 1999.
- DANELON, M. O método nietzschiano de crítica ao cristianismo: filologia e genealogia. Em: *Impulso*. Vol. 12. Núm. 28. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.
- FEITAL, P.C. e MARANHÃO, J. Flamboyant. Em SANTIGO, E. *Aquarela brasileira 6*. 1998.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FREJAT. e BARROS, M. E CECÍLIA, M.S. Amor pra recomeçar. Em: FREJAT. Álbum: *Amor pra recomeçar*. 2002

- LAROSSA, J. *Nietzsche e a educação*. 2ª edição e 1ª reimpressão. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.
- LEE, V. Alma nua. (DVD) *Pensei que fosse o céu*. Warner Music, 2006.
- LENINE. e FALCÃO, D. Paciência. Em: Lenine. *Acústico MTV*, 2006.
- LUCINA e DUNCAN, Z. Depois do perigo. Em: Zélia duncan. Álbum: *Acesso*, 1998.
- MELLO, B., BRITTO, S. e MIKLOS, P. A melhor forma. Em: Titãs. Álbum: *Acústico MTV*, 1997.
- MOSKA, P. e MAUTNER, J. Castelos de Areia. Em: MOSKA. Álbum: *MóBILE*, 1999.
- MOSKA, P. Cheio e vazio. Em: Moska. Álbum: *Tudo novo de novo*, 2003.
- MOSKA, P. Eu falso da minha vida o que eu quiser. Em: MOSKA. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. 2004.
- MOSKA, P. Sem dizer adeus. Em: MOSKA. Álbum: *MóBILE*, 1999.
- MOSKA, P. Um móBILE solto no furacão (auto-retrato nu). Álbum: *Mobile*, 1999.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- NIETZSCHE, F. Sobre “O nascimento da tragédia”. Fragmento póstumo – 1888. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999.
- OYENS, C. E DUNCAN, Z. Haja. Em: Zélia duncan. Álbum: *Acesso*, 1998.
- REIS, N. Sua impossível chance. Em: *Titãs Acústico – II*, 1998.
- SANTOS, L. e MOTTA, N. Em: MARIANO, P. De repente. Álbum: *Intuição*, 2002.

### **UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO BEM E DO MAL**

- AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- ANTUNES, A. Eu fico. Em: *Bicho de Sete Cabeças – Sound Track*. 2001.
- ANTUNES, A. e RUIZ, A. Socorro. Álbum: *Ao Vivo no Estúdio*, 2007.
- ANTUNES, A. e SCANDURRA, E. O buraco do espelho. Álbum: *Silêncio*, 1997.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BENJAMIN, W. A escrivãzinha. Em: *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.

- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. *Obras escolhidas*, vol.1, 1996.
- BONFA, M.; RUSSO, R. Há tempos. Em: Legião Urbana. Álbum *As 4 estações*.EMI, 1989.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária. 2ª ed. 1982.
- CROCHIK, L. *Preconceito: indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 1997.
- DJAVAN. Seduzir. Em: Djavan. Álbum: *Ao vivo*. Sony Music, 1999.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes. 2007.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro. Ed. Nau.1996.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? Em: MOTTA, M. B. (Org). *Coleção Ditos e Escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.
- GALLO, S. Foucault. *Série Educadores*. Produtora Atta, 2009.
- GIACÓIA Jr. e MOSÉ, V. *Desafios contemporâneos – o pensamento*. Palestra realizada no espaço CPFL Cultura em Campinas e publicada no dia 21 de maio de 2010. Obtido via internet no sitio: <http://www.cpflcultura.com.br/video/cafe-filosofico-cpfl-educacao-viviane-mose>. Acesso em 23 de maio de 2010.
- GONZAGA Jr. Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Comportamento geral – um sorriso nos lábios*, 1972.
- GULLAR, F. *Traduzir-se*. Em: CALCANHOTO, A. Álbum: *Senhas*, 1992.
- KOHAN, W. *Infância: entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, W. Transcrição livre de sua fala. Em: Gallo, S. Foucault. *Série Educadores*. Produtora Atta, 2009.
- LARROSA, J. A libertação da liberdade. Em: PORTOCARRERO, V. e BRANCO, G. C. (Orgs.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 328-335.
- LEITE, C.D.P. Infância, tempo e experiência: olhares e possibilidades para um devir infância. Em: *Childhood & philosophy*. Rio de Janeiro, v. 6, n.11, jan./jun. 2010. Obtido via internet em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=childhood&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=530&path%5B%5D=485>. Acesso em: 03/08/10.
- LEITE, C.D.P. *Labirinto – infância, linguagem e escola*. Rio Claro: Cabral editora e livraria universitária, 2007.
- LOS PERICOS. Párate y mira. Álbum: *Pampas Reggae*. Argentina: EMI Odeon, 1994.
- MARTON, S. *Nietzsche – Das forças cósmicas aos valores humanos*, 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- MOSÉ, V. *Desafios da educação*. Palestra realizada no espaço CPFL Cultura em Campinas e publicada no dia 21 de maio de 2010. Obtido via internet no sitio: <http://www.cpflcultura.com.br/video/cafe-filosofico-cpfl-educacao-viviane-mose>. Acesso em 23 de maio de 2010.

NERUDA, P. Extraído do filme *Ponto de mutação* de Bernet Capra, 1990.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001, aforismo 124.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* – um livro para todos e para ninguém. 2ª ed. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. § 175.

NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos – Ou como filosofar com o martelo (1888). Os melhoradores da Humanidade. Em: Coleção *Os pensadores*. Ed. Nova Cultural Ltda., 1999.

MOSKA, P. Meu pensamento não quer pensar. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quisier*. 2004.

MOSKA, P. *Onde anda a onda*. Em: MOSKA. Álbum: *MóBILE*. EMI MUSIC LTDA, 1999.

MOSKA, P. Último dia. Em: MOSKA. Álbum: *Pensar é fazer música*. 1995.

RANCIÈRE, J. políticas da escrita. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

RUSSO, R.; BONFÁ, M e VILLA-LOBOS, D. Há tempos. Em: Legião Urbana. Álbum: *Série Bis*, 2007.